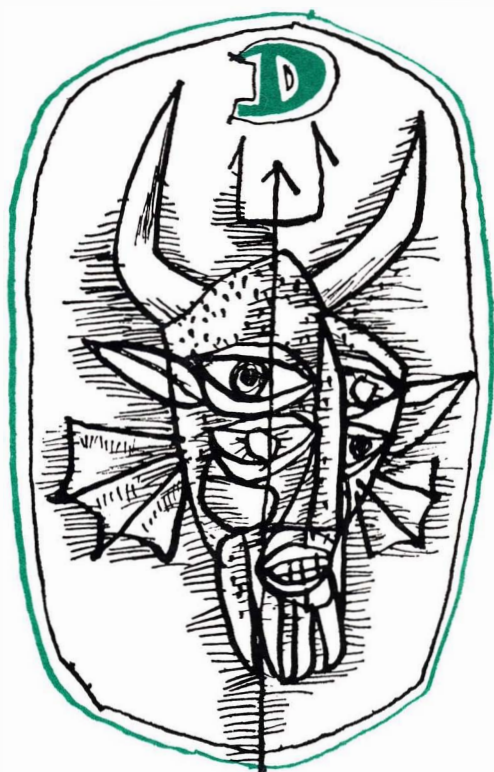


Nei Leandro de Castro



# UNIVERSO E VOCABULÁRIO DO GRANDE SERTÃO

2ª edição

**achiamé**

## UNIVERSO E VOCABULÁRIO DO GRANDE SERTÃO

Qualquer leitor de *Grande Sertão: Veredas* que tentou se aprofundar no significado da mais ambiciosa obra de Guimarães Rosa, seja no nível de uma primeira leitura ou mais além, tem um débito de gratidão com Nei Leandro de Castro, pelo seu *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*, um livro que é, paradoxalmente, um vocabulário útil para consultas e ao mesmo tempo agradável de se ler. Como outros leitores que se concentram e meditam sobre *Grande Sertão: Veredas*, inúmeras vezes eu tenho recorrido ao exemplar do *Universo e Vocabulário* que tenho à minha cabeceira. Pode parecer estranho ter um dicionário como livro de cabeceira, mas, à custa de ler e reler o *Grande Sertão* umas duas dúzias de vezes, fiquei fascinado pela riqueza de novos conhecimentos que podem ser adquiridos com a leitura simultânea dos dois trabalhos.

Um dos maiores méritos deste *Universo e Vocabulário* é o de ter compilado uma variedade de materiais de diversas fontes, tais como jornais, artigos de revistas e ensaios, sintetizando-os com a criatividade de um poeta. Quando um trabalho de compilação e interpretação é feito com erudição e senso de estilo, como é o caso de *Universo e Vocabulário*, o resultado é uma obra de consulta útil e bem escrita.

Desde a publicação da primeira edição deste livro, em 1970, várias descobertas foram feitas na área das leituras, da geografia e da mitologia na obra de Guimarães Rosa, bem como do seu uso de palavras tomadas de empréstimo a muitas línguas da Europa, Ásia e África. Como um colega de pesquisas, é com prazer que constatamos a avidez e o zelo com que Nei Leandro de Castro tem pesquisado estes materiais novos, na ânsia de fornecer a seus leitores os elementos de estudo mais recentes e acurados.

Se, como sugere Wilson Martins, o perspectivismo spitzeriano pode estar mais próximo das intenções estéticas de Guimarães Rosa do que a obra aberta de Umberto Eco, mencionada por NLC no seu trabalho, é ainda

coisa a ser resolvida. Como qualquer romance total, isto é, qualquer romance que se presta a uma variedade de abordagens críticas, um trabalho como *Grande Sertão: Veredas*, que oferece tantas aberturas ao leitor e ao crítico, fatalmente provoca controvérsias.

Com exceção de um ou dois estudos, inclusive os nossos sobre o orientalismo em Guimarães Rosa — Indo Iranian Mythology in *Grande Sertão: Veredas* in *Luso-Brazilian Review*, 1975), e Japanese Elements in *Grande Sertão: Veredas*, (in *Romance Philology*, 1976) —, deve-se dizer, a crédito de NLC, que o quadro geral da linguagem roseana, exposto na primeira edição do *Universo e Vocabulário*, não sofreu grandes alterações. Quando examinamos o *iceberg* lingüístico das mais audaciosas invenções verbais de Guimarães Rosa, o que emerge é o fato de o autor de *Sagarana* e *Corpo de Baile* ter sido um virtuoso manipulador de trocadilhos multilíngües, e que o seu principal objetivo foi expressar uma visão pessoal da beleza. Pois, como NLC observa com argúcia numa nota de pé de página, citando o mestre de Cordisburgo, foi uma “ânsia de beleza” que levou Guimarães Rosa àquele “afinamento de expressão, busca da ‘música subjacente’, intuição de algo, na linguagem, que deva falar ao inconsciente ou atingir o supraconsciente do leitor.”

A despeito de possíveis diferenças de metodologia ou interpretação, acredito que mesmo o crítico mais intransigente reconhecerá a contribuição de Nei Leandro de Castro para tornar acessível a qualquer leitor interessado uma obra de ficção tão difícil. Minha esperança é que os novos leitores de *Grande Sertão: Veredas* achem, como eu, que *Universo e Vocabulário do Grande Sertão* é a chave para uma incomparável aventura espiritual. Uma vez empenhados nesta aventura, eles hão de sentir, como nós sentimos, uma grande afeição pelo dicionário que os ajudará ao longo do caminho.

William Myron Davis  
Gainesville, Flórida.

UNIVERSO E VOCABULÁRIO  
DO GRANDE SERTÃO

## OBRAS DO AUTOR

**O PASTOR E A FLAUTA** (poesia) — Imprensa Universitária, Natal, 1961.

**VOZ GERAL** (poesia) — Imprensa Universitária, Natal, 1963.

**CONTISTAS NORTE-RIO-GRANDENSES** — Departamento Estadual de Imprensa, Natal, 1965.

**UNIVERSO E VOCABULÁRIO DO GRANDE SERTÃO** — 1.ª edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1970.

**ROMANCE DA CIDADE DE NATAL** (poesia) — Fundação José Augusto, Natal, 1975.

**FEIRA LIVRE** (poesia) — Editora Putzig, Rio de Janeiro, 1976.

**ZONA ERÓGENA** (poesia) — Edições Eros, Rio de Janeiro, 1981.

**CANTO CONTRA CANTO** (poesia) — Edições Achiamé, Rio de Janeiro, 1981.

Nei Leandro de Castro

UNIVERSO E VOCABULÁRIO  
DO  
GRANDE SERTÃO

2.ª edição revista

Prêmio Mário de Andrade  
do  
Instituto Nacional do Livro

**achiamé**

Rio de Janeiro  
1982

**UNIVERSO E VOCABULÁRIO  
DO GRANDE SERTÃO**

Copyright © 1982 by Nei Leandro de Castro

Direitos reservados desta edição a  
Edições Achiamé Ltda.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a prévia autorização da editora.

*Capa*

Carlos Alberto Torres

*Revisão*

Moacyr Cirne

*Composição e Impressão*

Est. Gráficos Borsoi S.A.

B869.3 Castro, Nei Leandro de.

C355

Universo e vocabulário do grande sertão; prêmio Mário de Andrade do Instituto Nacional do Livro. — 2. ed. — Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.  
205 p.

Bibliografia: p. 201

1. Literatura brasileira — Romance. 2. Brasil — Vocabulário, glossário, etc. 3. Guimarães Rosa, João, 1908 — 1967. I. Título. II. Título: Grandes sertões: veredas.

## **SUMÁRIO**

**Prefácio  
à 2.<sup>a</sup> edição  
pág. 9 e 10**

**\***

**Prefácio  
à 1.<sup>a</sup> edição  
pág. 11 e 12**

**\***

**O Universo: Veredas  
pág. 15 a 42**

**\***

**O vocabulário  
pág. 43 a 200**

**\***

**Bibliografia  
pág. 201 a 205**

**\***



A memória de  
M. Cavalcanti Proença,  
lúcido e profundo tapejara.

Para  
José Olympio  
e  
Paulo Rónai.  
Amigos.

## PREFÁCIO À 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

A primeira edição deste livro encontra-se esgotada há cerca de dez anos. Em 1974, incentivado principalmente pelo Prof. William Myron Davis, iniciamos uma revisão do texto com vistas a uma segunda edição. Por várias circunstâncias, os planos foram adiados.

Agora, retomando o trabalho, pomos de lado os projetos mais ambiciosos e acrescentamos ao resultado da primeira edição tão-somente aquilo que julgamos essencial à sua estrutura didática. Neste particular, dentre a vasta bibliografia que surgiu após a publicação deste *Universo e Vocabulário*, o livro de Ivana Versiani Galery, *Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas*, foi o que mais veio de encontro a nossos propósitos. E dele nos utilizamos, freqüentes vezes, para esclarecimento e enriquecimento de muitos verbetes catalogados no glossário.

Entre os anos de 1974 e 1977, o Autor manteve correspondência com o Prof. William Myron Davis (à época no Department of Romance Languages, University of Florida), que desenvolvia pesquisas sobre estrangeirismos utilizados por Guimarães Rosa no GSV. O estudioso norte-americano é autor de curiosas interpretações do texto rosiano, com base em línguas exóticas tais como o persa, o árabe, o indonésio, o chinês, o japonês, o sânscrito, o russo, o servocroata etc. Ao longo do tempo, ele nos forneceu cerca de 150 novas interpretações de termos constantes em nosso glossário. Para a formação destes vocábulos, segundo suas conclusões, o romancista mineiro teria recorrido àqueles idiomas, como um “virtuoso manipulador de trocadilhos multilíngues”.

É até provável que haja fundamentos nas hipóteses levantadas por WMD, pois o próprio Guimarães Rosa afirmava que queria utilizar todas as línguas, inclusive aquela “que se falava antes do Babel”. Mas, por não dispormos de meios para uma averiguação ao nível da pesquisa do professor norte-americano, deixamos de registrar suas interpretações que só trariam méritos a este livro. De qualquer maneira, ficam registrados os nossos agradecimentos ao Prof. William Myron Davis, pelo apoio oportuno e desinteressado e também pela apresentação com que nos honra nesta edição.

Este livro mantém-se fiel à sua forma original. Sua maior e principal modificação terá sido a eliminação dos regionalismos brasileiros — de resto, todos registrados em nossos dicionários —, que anteriormente faziam parte de um apêndice. No mais, mesmo concordando com aqueles que julgam ser impraticável apreender-se a grandeza do GSV através de interpretações de verbetes isolados,\* continuamos acreditando na utilidade do dicionário como fonte de consulta. No caso, talvez como um passo inicial para se penetrar no universo deste que já foi considerado “o primeiro romance metafísico da literatura brasileira”.

Rio de Janeiro, maio, 1981.

NLC

\* Guimarães Rosa, em duas raras e reveladoras entrevistas, falou da metafísica de sua linguagem, que poderia “escapar ao estado de dicionário” (Cf. José Carlos Garbuglio), e também da música das palavras que deveria ser seguida na interpretação do seu texto. A entrevista concedida a Gunter Lorenz foi publicada inicialmente no “Catálogo do Livro Alemão”, edição fora do comércio, e posteriormente reunida no livro *Diálogo com a América Latina*, Ed. Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1973. A outra entrevista, feita por Fernando Camacho (tradutor e professor de literatura brasileira na University of Essex), datada de abril de 1966, permanece inédita, dispondo o Autor de cópia de suas 21 laudas.

## PREFÁCIO À 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

O trabalho de pesquisa contido neste volume foi iniciado em Natal, RN, em 1965. Anteriormente com o título de *Universo Vocabular do Grande Sertão* — sob o qual obteve o Prêmio Mário de Andrade do Instituto Nacional do Livro (1967) — o livro sai a público com denominação que lhe é mais própria. Com efeito, para ser “universo vocabular” precisava abranger um estudo gramatical exaustivo do romance de Guimarães Rosa. Atentando para este fato, já nos propúnhamos a desenvolver a pesquisa quando surgiu o livro de Mary L. Daniel,\* antecipando-se ao nosso plano. Restou-nos conservar a forma inicial do trabalho e condicioná-lo a um título de maior propriedade: *Universo e Vocabulário* — que corresponde, respectivamente, às duas partes do livro.

A primeira parte — *O Universo: Veredas* — deve ser compreendida menos como abordagem crítica do que como uma introdução a *O Vocabulário*, parte principal da pesquisa, onde se deseja, despretensiosamente, trazer alguns subsídios para a interpretação da obra rosiana, através de um de seus múltiplos aspectos.

Dentre os quase 1.500 vocábulos reunidos (não registrados em nossos dicionários), o leitor talvez encontre muitos de cuja interpretação pode duvidar. Deve-se, contudo, atentar para a ambiguidade — não apenas semântica, acrescenta-se — com que GR marcou a sua obra. Mas, por aspirarmos ao didático, procuramos uma maior aproximação possível do exato sentido das palavras empregadas no seu con-

\* *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*. Coleção Documentos Brasileiros, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1968.

texto. Recorremos a todas as fontes de consulta ao nosso alcance antes de, esgotados os recursos, lançarmo-nos a interpretações pessoais, sempre apoiadas no texto. Ao longo desse caminhar, muitos rastros se revelaram falsos à luz de uma busca mais paciente. A exuberância do idioma e o vastíssimo conhecimento vocabular de GR dispuseram, páginas adentro, centenas de armadilhas. Como, por exemplo, discernir, dentre os sufixados *avoável*, *gritável*, *salvável*, *existível* etc., aqueles que tiveram acesso ao léxico? Como saber, à primeira impressão, que *amouco* não é forma aferética das inúmeras usadas pelo romancista, mas sim termo que significa, no texto, *votado à morte* (“Diadorim a vir — do topo da rua, punhal em mão, avançar — correndo *amouco*...”).

Ao leitor mais exigente decerto intrigarão algumas omissões como, v.g., as dos neologismos de significado e das inovações sintáticas que trazem a marca rosiana. Sem querermos justificar a lacuna, deixamos a tarefa a outros pesquisadores. Ponto de partida, jamais estudo definitivo, este livro está concluído. “— Vá de retro!”, talvez exclamasse Riobaldo Tata-rana...

O Autor agradece a colaboração que recebeu, nas várias fases de elaboração do trabalho, de Moacyr Cirne, Anchieta Fernandes, Dailor Varela, Luís Romano, Diógenes da Cunha Lima Filho, Danúbio Rodrigues, Antônio Levi Epitácio, Airton de Castro, Fernando Abbott Galvão, Paulo Rónai, Odilon Ribeiro Coutinho, Martinico Ramos, Prof. Filipe de Lindley Cintra, Prof. Jacinto do Prado Coelho — os dois últimos, orientadores do estágio que fez o Autor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Lisboa, fevereiro, 1969.

NLC

## ABREVIATURAS E SINAIS

A — autor	p. — página
adj. — adjetivo	pop. — popular
adv. — advérbio	port. — português, a
ant. — antigo	pron. — pronome
Bras. — Brasil, brasileirismo	prov. — provincianismo
cf. — confronto	reg. — registrado, a
cit. — citado, a	s. — substantivo
ed. — edição	sin. — sinônimo
f. — feminino	sing. — singular
fam. — familiar	SL — “Suplemento Literário”
fig. — figurado	trad. — tradução
fran. — francês, a	v. — verbo
gen. — gênero	V. — Veja
interj. — interjeição	var. — variante
loc. — locução	— substitui, nas frases, a
m. — masculino	palavra em que se aplica.
n. — não	= igual a
ob. — obra	+ mais

## ABREVIATURAS DE AUTORES E OBRAS

A. B. Hollanda — Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira  
 A. Costa — Agenor Costa  
 CPP — “Canto e Plumagem das Palavras”, in *A Seta e o Alvo*  
 DALP — *Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa*  
 DELP — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*  
 DFB — *Dicionário do Folclore Brasileiro*  
 DLP — *Dicionário da Língua Portuguesa*  
 DSL — *Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa*  
 DTP — *Dicionário de Termos Populares*  
 GDLP — *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*  
 GR — Guimarães Rosa  
 GS; GSV — *Grande Sertão: Veredas*  
 IVG — Ivana Versiani Galery  
 WMD — William Myron Davis  
 J. J. Villard — Jean-Jacques Villard  
 LCC — Luís da Câmara Cascudo  
 M. C. Proença — Manoel Cavalcanti Proença  
 MD — Mary L. Daniel  
 MR — Martínico Ramos  
 PDB — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*  
 PR — Paulo Rónai  
 TGS — “Trilhas do Grande Sertão”  
 TL — *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*

## **O UNIVERSO: VEREDAS**

A obra aberta, segundo Umberto Eco, é aquela que representa “um campo de possibilidades interpretativas, estruturadas de forma a permitir uma série de leituras constantemente variáveis, à maneira de uma constelação de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas”.<sup>1</sup> O romance de Guimarães Rosa oferece ângulos de visão mutável a cada tomada e, com respeito à crítica literária, estabelece nela uma consciência, um esforço de autonomia como processo reinventivo, a partir do contexto, seu ponto inicial e laboratório.

Não cabe, contudo, nesse campo de possibilidades a interpretação segundo o binômio forma-conteúdo, a dicotomia desses elementos, com o enredo servindo de pretexto ao estilo, “o estilo pelo estilo”, no entender de mais de um crítico literário.<sup>2</sup> Melhor se situará a obra aberta de Guimarães Rosa dentro da proposição *formalista*, onde “todos os

<sup>1</sup> Cf. Umberto Eco, *L'Oeuvre Ouverte*, trad. francesa, *Editions du Seuil*, Paris, 1965.

<sup>2</sup> Adolfo Casais Monteiro (“Guimarães Rosa: Uma Revolução no Romance Brasileiro”, in *O Romance*) pergunta a si próprio “se a preocupação do estilo não iria fazer dele (Guimarães Rosa) um autor que toma um assunto como pretexto para escrever bem, para “fazer estilo”. Euryalo Cannabrava (“Técnica Literária e Técnica Lingüística”, in *Estética da Crítica*), sobre *Corpo de Baile*, afirma que “enquanto outros escrevem para narrar alguma coisa, Guimarães Rosa narra alguma coisa como pretexto exclusivo para aplicar a sua técnica de manuseio lingüístico”.



elementos formam parte integral de uma estrutura unificada” (Mukarovsky). A estrutura do romance é uma combinação perfeita do *material* — os elementos lingüísticos, idéias, sentimentos organizados pelo autor — e *procedimento*, a manipulação desse material para produzir o efeito artístico visado.<sup>3</sup> Assim é no GS a palavra — pesquisada, bombardeada em seu núcleo — para servir ao sertão-mundo; a invenção necessária para transmitir um “mundo visto na sua confusão, sem o amparo da lógica, sem o amparo de uma perspectiva que o distanciasse” (L. Costa Lima).<sup>4</sup> Com efeito, o cosmos rosiano, dentro do qual decorre a sagarana de Riobaldo, requer o aprofundamento (manipulação) de uma linguagem nova e/ou inovada (idéia), seiva de que terá de se nutrir até o fim.

A construção dessa obra, vista de uma das perspectivas que oferece, parece obedecer a um plano gigantesco levado a efeito, peça por peça, com minúcia de ourives. Ora, a criação pura e simples de palavras — as palavras, sim ou não, em “estado de dicionário” — não excluiria o prosaísmo narrativo. Recorra-se então à forma barroca, no que esta representa de “negação do linear, do definido, do estático e do sem equívoco” (Umberto Eco).<sup>5</sup> A partir desse detalhe e de muitos outros, o plano de estrutura se processa, enriquecido pela minúcia que irá marcá-lo ao longo de suas páginas. As grandes antíteses — Amor-Ódio, Deus-Demônio —

<sup>3</sup> Jan Mukarovsky, cit. por Haroldo de Campos, in “Evolução de Formas: Poesia Concreta”, in *Teoria da Poesia Concreta*, Edições Invenção, São Paulo, 1965, p. 47.

<sup>4</sup> L. Costa Lima, *Por Que Literatura*, Editora Vozes, 1966 (“O Sertão e o Mundo: Termos da Vida”).

<sup>5</sup> Umberto Eco, ob. cit.: “*La forme baroque, elle, est dynamique; elle tend vers une indétermination de l'effet par le jeu des pleins et des vides, de la lumière et de l'ombre, des courbes, des lignes brisées, des angles aux inclinaisons diverses — et suggère une progressive dilatation de l'espace.*”

serão tratadas à luz de figuras características da época barroca, emergindo de uma verdade complexa e apenas sugerida. As gradações amorosas por que passa Riobaldo, por exemplo, assiste-as uma linguagem poética, como recurso para quebrar a simplicidade que poderia deixá-las despercebidas ao leitor. Aparecem, para tal fim, os sufixos hipocóristicos, as violências gramaticais, ritmos que acendem a audiovisualidade do leitor.

O ritmo flui, muitas vezes, para amenizar a obscuridade vocabular. Ressaltam e prevalecem, quando isso ocorre, as associações fundamentais, a organização nova dos elementos de comunicação. Os sons (des)encadeados, encravados no discurso com trabalho de ourivesaria, fornecem-lhe — em meio a outros toques de estilo — um elemento mágico que o arremessa à dupla extensão da prosa e da poesia.<sup>6</sup> Javier Domingo ouviu ali um “*extraño ritmo — una especie de sístole-diástole, un continuo síncope, un constante dar saltos a la luz, una sucession de espasmos*”,<sup>7</sup> observação mais pertinente a uma composição poética.

Observada desse prisma, assim pode parecer a partitura rosiana: uma série de sons de que emerge o significado;<sup>8</sup> ou, mais amplamente, um encadeamento verbivocovisual que

<sup>6</sup> Cf. Oswaldino Marques, in “Apontamentos Roseanos” (SL de *O Estado de São Paulo*, 30-11-68): “Não se perturbe o leitor com o enquadramento indistinto de João Guimarães Rosa nas esferas da poesia e da prosa, pois [...] a sua textura verbal cobre a dupla extensão dessas categorias. Não foi por acaso haver a ele cabido a primazia de gerar uma nova forma de expressão literária, onde se fundem, de modo orgânico, a prosa e o poema. À falta de um termo corrente, fomos forçados a cunhar o vocábulo *prosoema*, para nomeá-la.”

<sup>7</sup> Javier Domingo, “João Guimarães Rosa y la Alegria”, in *Revista do Livro* n.º 17, março de 1960.

<sup>8</sup> Cf. René Wellek e Austin Warren, *Theory of Literature*, trad. portuguesa de José Palla e Carmo. Publicações Europa-América, Lisboa, 1962.

deixa ao leitor/visor/autor abertura e aprofundamento de significados.

Guimarães Rosa, na ânsia de fugir ao usual, transfigura todas as formas estereotipadas, do sinal diacrítico à estrutura sintática. Seu romance escapa ao *romanesco* — busca no mundo mais prosaico que descreve precisamente as áreas e motivos envoltos num clarão poético (Kayser)<sup>9</sup> — para se aproximar da narrativa de tom épico, elevado. Contudo, a epopéia reveste cenas e propósitos de romance de cavalaria, dois pólos unidos insolitamente no tempo e no espaço do Sertão. A fusão temática — à maneira das palavras *port-manteau* que usa — resulta feliz e concorre para a excelência da obra.

Já se afirmou que a crise atual do romance deve-se ao sentimento da insuficiência da visão privada do mundo. Também, acrescente-se, à repetição sem variantes em torno das formas de comunicação. Se, contudo, um fato isolado na conjuntura atual não concorre para a revivificação do romance, Guimarães Rosa terá pelo menos de ser estudado fora dessa crise. O *Grande Sertão*, ao tempo em que destrói o *nonsense* na ficção, faz isto validamente porque aponta uma solução e um caminho em si mesmo. Ou talvez um fim, a se compreender o fenômeno do “esgotamento, pelo artista criador, das possibilidades de diversificações e nuanceamento do arsenal lingüístico de que dispõe, reduzindo ao mínimo a redundância e elevando ao máximo o número de opções sintático-semânticas.”<sup>10</sup> Gigante solitário no meio da literatura de uma época, como o autor de *Ulysses* e *Finnegans Wake*, Guimarães Rosa reivindica a si próprio, a cada livro, distância e densidade. E está exigindo o mesmo da literatura

<sup>9</sup> Wolfgang Kayser, *Análise e Interpretação da Obra Literária*, 3.ª edição portuguesa, volume II, Coimbra, 1963.

<sup>10</sup> Cf. Haroldo de Campos, in “A Temperatura Informacional do Texto”, ob. cit., p. 136.

brasileira, a que teria reduzido, segundo Augusto de Campos, a “estado de sublitteratura”.<sup>11</sup>

A força de Guimarães Rosa é um segredo de estratégia literária, que o artista planifica como debruçado sobre um mapa. Imposta a disciplina, *manu militari*, vão sendo previstos todos os efeitos que o livro suscitará enquanto significação e comunicação. No trato fraseológico, por exemplo, o processo metonímico, segundo o tema de Jakobson, é utilizado de modo a apreender o maior grau informacional no mínimo de texto. Certas palavras/criações lançam isoladamente continentes de percepção. Por vez, construções de períodos transbordam como expletivos, através do processo icônico (representações imitativas). Aqui, o romancista, como Joyce, “é levado à microscopia pela macroscopia, enfatizando o detalhe a ponto de conter todo um cosmos metafórico numa só palavra”.<sup>12</sup>

Faz parte desse planejamento a guerra ao lugar-comum, à frase-feita, ao clichê — que não serão evitados, como se verá, mas recondicionados inventivamente. Aos trechos citados por M. Cavalcanti Proença e Maria Luísa Ramos,<sup>13</sup> poderíamos acrescentar outros, de igual beleza e força reanimadora:

*“A lamparina arriava na parede, se trespunha diversa, na imponência, pojava volume”* (p. 117) — substitui a “lâmparina deitava sombras na parede”, clichê abonado por levas e levas de narradores. Nenhuma alusão à *sombra* que é mostrada por associação de idéias.

<sup>11</sup> Augusto de Campos, *Um Lance de “Dês” do Grande Sertão*. Separata da *Revista do Livro*, n.º 16, dezembro, 1959.

<sup>12</sup> Cf. Haroldo de Campos, in “A Obra de Arte Aberta”, ob. cit., p. 29.

<sup>13</sup> M. Cavalcanti Proença, “Trilhas no Grande Sertão”, in *Augusto dos Anjos e Outros Ensaios*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1959. Maria Luísa Ramos, “O Elemento Poético em Grande Sertão: Veredas”, in *Ciclo de Conferências Sobre Guimarães Rosa*, Centro de Estudos Mineiros, Belo Horizonte, 1966.

*“Nu da cintura para os queixos”* (p. 389). Em vez do gasto “nu da cintura para cima”.

A descrição de uns “longos cabelos negros”, armadilha que pode levar a construções à Alencar, recebe nova fórmula, a forma rosiana, que nos dá graus de surpresa: *“Os cabelos enormes, pretos, como por si a grossura dum bicho”* (página 515).

As formas de uso corrente no populacho — “não sabe de coisa nenhuma”, ou “não sabe coisíssima nenhuma”, contrapõe-se a de Guimarães Rosa: *“Não sabiam de nada coisíssima”* (p. 531), simples inversão que cria a novidade.

Neste outro exemplo, o artigo definido — somente — modifica uma construção corroída pelo uso: “E o pobre de mim, minha tristeza me atrasava” (p. 591).

Assim, colocado no centro de um sistema determinado — a conjuntura literária brasileira — Guimarães Rosa, podemos afirmar com Umberto Eco,<sup>14</sup> é o artista verdadeiro que não pára de transgredir as leis, instaurando novas possibilidades formais e novas exigências da sensibilidade.

Não se queira conferir a Guimarães Rosa a criação de uma língua ou um dialeto. Podemos, todavia, atribuir-lhe a tradução de uma linguagem dentro da língua, pois ele avançou a problemática do estilo, consequência de elementos estético-informacionais que configuram o repertório de seus valores. Sua obra assimilou isomorficamente o literário e o plebeu, neologismos, formas arcaicas, regionalismos, sem que antes de tudo isso não deixe de filtrar-se pelo repalavramento pessoal do código idiomático.<sup>15</sup> O falar de Riobaldo

<sup>14</sup> Umberto Eco, ob. cit.

<sup>15</sup> Cf. Roman Jakobson: “Distinguimos três modos de interpretar um signo verbal: pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, ou em outra língua ou em outro sistema de símbolos não verbal. Essas três modalidades de tradução devem ser diversamente rotuladas: 1) tradução intralingual ou *repalavramento*, que é uma interpretação do

— narrado, no romance, a um interlocutor, que é o próprio Guimarães Rosa<sup>16</sup> — apresenta caracteres que lembram o *saiaguês*, dialeto antigo utilizado alguma vez nos autos videntinos. “*Saiaguês* — ensina Fidelino de Figueiredo — significa, literalmente, o falar típico da Comarca de Saiago, inçado de regionalismos e arcaísmos obsoletos, fora dos confins da Província de Zamora. Menendez y Pelayo cria que o *saiaguês* fosse uma geringonça convencional de origem literária. Devia ser uma coisa e outra: autêntica na base ou

signos verbais mediante outros signos da mesma língua; 2) tradução interlingual ou *tradução* em si, que constitui uma interpretação de signos verbais através de outra língua; 3) tradução inter-semiótica ou *transmutação*, que consiste numa interpretação de signos verbais através de signos de sistemas não verbais” (*Essais de Linguistique Générale*, trad. francesa, *Les Editions de Minuit*, Paris, 1963, p. 97 e seguintes).

<sup>16</sup> Várias referências ao interlocutor (ausente) de *Grande Sertão: Veredas* levam-nos a crer que se trata do próprio Guimarães Rosa, anotando a narrativa de Riobaldo, como já o fizera com o Vaqueiro Mariano e na novela “Cara-de-Bronze” (*Corpo de Baile*), onde se oculta sob o apelido de *Moimeichêgo* (Moi, me, ich, ego), “maneira engenhosa de esconder a própria identidade, apontando-a quatro vezes em quatro idiomas diferentes”, segundo revelou Paulo Rónai. Citemos alguns trechos que reforçam a suposição:

“Agora, pelo jeito de ficar calado alto, eu vejo que o senhor me divulga” (p. 111).

“Só com o Tipote e o Suzarte o senhor podia rechear livro” (p. 393).

“Mesmo só o igual ao que pudesse dar o cajueiro anão e o araticum, que — consoante o senhor escrito apontará — sobejam nesses campos” (p. 458).

“O senhor é muito ladino, de instruída sensatez” (p. 480).

“O senhor escreva no caderno: sete páginas...” (p. 490).

“No fim, o senhor me completa” (p. 504).

“Campos do Tamanduá-tão — o senhor aí escreva: vinte páginas...” (p. 534).

““O senhor enche uma caderneta...” (p. 582).

“Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez ache mais do que eu, a minha verdade.” (p. 586).

no ponto de partida e artificial no superior uso literário.”<sup>17</sup> A semelhança verifica-se quanto à mistura de brasileirismos com arcaísmos esquecidos, trazidos à tona pela erudição do autor, o que já pareceu a alguns arbitrário e artificial. Com efeito, no labor de sua dicção, Guimarães Rosa não hesita em arranjar insólitas uniões. No exemplo abaixo, a forma do substantivo é arcaica (usual nos séculos XV e XVI, segundo Viterbo), enquanto o adjetivo é regionalismo paulista: “Medeiro Vaz estava ali, num *aspeito repartido*” ou seja, *num aspecto duvidoso*.

Em Camões, para citarmos um só clássico, vamos encontrar a grafia antiga de *aspecto* que os léxicos de hoje não registram:

“E com risonha vista e ledó *aspeito*  
Responde ao embaixador, que tanto estima:  
Toda suspeita má tirai do peito.  
Nenhum frio temor em vós se imprima”<sup>18</sup>

No canto VIII do mesmo poema:

“Estas figuras todas me aparecem,  
Bravos em vista e feros nos *aspeitos*,  
Mais bravos e mais feros se conhecem  
Pela fama, nas obras e nos feitos.”

Na sua divisão geolingüística do Brasil, Antenor Nascentes distinguiu seis subfalares nacionais reunidos em dois grupos, do norte e do sul. Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste) inclui-se entre os Estados de onde provêm os quatro subfalares do sul; sua tipicidade dialetal e sua condição sócio-geográfica concorrem decisivamente para o universo vocabular do GSV. Minas, o país dos gerais, o sertão-

<sup>17</sup> Fidelino de Figueiredo, *História Literária de Portugal*, Edição Fundo de Cultura, Rio, 1960.

<sup>18</sup> *Os Lusíadas*, II, 86.

mundo, conservou os seus habitantes isolados, distanciados da evolução da língua que ocorria fora dos seus limites, os quais guardaram o maior acervo do vocabulário dos colonizadores. Gladstone Chaves de Melo afirma: “Pelo que respeita à linguagem, tanto culta, como familiar ou popular, é lá (em Minas Gerais) que me parece estar a feição mais antiga”.<sup>19</sup> Por isso vamos descobrir, vezes freqüentes, sob o rústico linguajar de Riobaldo Tatarana “o ouro puro da velha língua portuguesa”.<sup>20</sup> Guimarães Rosa pesquisou com caráter científico o falar mineiro, desenvolveu pelo estudo a expressão de sua terra natal e, depurando-a, colocou-a a serviço de um realismo estético, a partir de *Sagarana*.

Não há, contudo, fronteiras para Guimarães Rosa. Ele extravasa os limites fixados pela geografia lingüística — também “sem ordem de precedência”, mas com maior comedimento que Mário de Andrade — tomando as palavras que julga valorizarem a sua maneira de dizer, sem consultar-lhes origem ou foro. As andanças dos jagunços em choque cobrem aquela área imensa banhada pelo Rio São Francisco, cuja importância para a unificação lingüística entre o Centro e

<sup>19</sup> Gladstone Chaves de Melo, *A Língua do Brasil*, Editora Agir, Rio, 1946. A propósito, julgamos oportuno transcrever aqui um trecho de carta de GR a Mary Daniel, de que tomamos conhecimento no livro *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*, quando fazíamos a revisão final deste trabalho. Lê-se no trecho citado à página 91 do referido livro:

“Os sertanejos de Minas Gerais — escreve Rosa — isolados entre as montanhas, no imo de um Estado central, conservador por excelência, mantiveram quase intacto um idioma clássico-arcaico, que foi o meu, de infância, e que me seduz. Tomando-o por base, de certo modo, instintivamente tendo a desenvolver suas tendências evolutivas, ainda embrionárias, como caminho que uso”.

<sup>20</sup> Cf. Oscar de Pratt, citado por Guilherme Felgueiras, in “Linguajar do Povo” (*Revista do Ocidente*, n.º 343, novembro de 1966): “Os provincialismos muitas vezes encobrem sob a sua aparente rusticidade o oiro puro da velha língua portuguesa”.



o Nordeste é sabidamente relevante.<sup>21</sup> A prosa de Guimarães Rosa estende-se como o rio da unidade nacional (“Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico.” — p. 74) e nesse aspecto pode ser considerada niveladora lingüística, em que pese a sua classificação de “desgeograficada”, termo de Mário de Andrade e qualitativo de sua própria linguagem, segundo M. Cavalcanti Proença. A propósito, cabe a distinção: se o autor de *Macunaíma* usa uma linguagem revolucionária, com o fito (também) de subverter, *pour épater le bourgeois*, Guimarães Rosa o faz sempre à procura dos valores expressivos mais fortes, condizentes com a voltagem do texto que se propôs caracterizar, através de propriedades criativas paralelas ao mundo do grande sertão mineiro.

Foram catalogados do GSV cerca de 1.500 vocábulos, entre arcaísmos, estrangeirismos, indianismos, neologismos. A parte os termos regionais, as demais palavras do vocabulário rosiano recebem a participação recriadora do autor, tomando novas formas. Daí caberem, para efeito de estudo, numa classificação geral de *neologismos* e *arcaísmos*.

### Neologismos

A uma categoria de termos novos empregados no GSV, espécie de *invenção pura* do autor, melhor denominaríamos de *nonce-words*, ou seja, palavras inventadas para determinada ocasião e usadas apenas uma vez, segundo Simeon Potter.<sup>22</sup> Estando a invenção de Guimarães Rosa a serviço

<sup>21</sup> Cf. Gladstone Chaves de Melo, ob. cit.: “Por outro lado, figura na nossa geografia lingüística um importantíssimo elemento permanente de unificação, que é o Rio de São Francisco. Mantém ele em relações constantes o Centro com o Nordeste, e funciona portanto como nivelador lingüístico.”

<sup>22</sup> Simeon Potter, *Language in the Modern World*, trad. portuguesa de Antônio Ramos Rosa. Editora Ulisséia, Lisboa, 1965.

imediato da ênfase visando a um conjunto harmônico, tais termos são pedras angulares dentro de um determinado texto, e rara vez, ou jamais, se repetem, conforme vem a provar uma verificação minuciosa que se faça em toda a sua obra. Vejamos algumas *nonce-words*, de ação isomórfica no texto:

“O pobre ficou lá, *nhento*, amarrado na estaca” (p. 170).

“De noite, o morro se esclarecia, vermelho, *asgrava* em labaredas e brasas” (p. 289).

“A *arga* que em mim roncou era um despropósito, uma pancada de mar” (p. 201).

Na composição dos demais neologismos entram elementos formadores conhecidos: analogia, redobro, aglutinação, justaposição, verbificação, nominalização, vocabulização onomatopaica, afixação.

*Analogia*: — São caracteristicamente rosianas as palavras *demorão*, *frior*, *gasturado*, *sofreúdo*, *outrarte*, *pormiúdo*, *ramaredo* etc. O leitor, mesmo sem recorrer à pesquisa, estabelece de pronto a analogia, encontrando parâmetros: *demorão* — *temporão*; *frior* — *alvor*; *gasturado* — *estomagado*; *sofreúdo* — *manteúdo*; *outrarte* — *destarte*; *pormiúdo* — *pormenor*; *ramaredo* — *arvoredado*. O efeito mais sensível e mais importante da analogia, ensina Saussure, *est de substituer à d'anciennes formations irrégulières et caduques, d'autres plus normales, composées d'éléments vivants*.<sup>23</sup>

Redobro, ensina Simeon Potter, é o recurso morfológico de reduplicação de sílabas, usado em algumas línguas para pluralizar os substantivos. O lingüista inglês dá exemplos do malaio, onde *bunga* (flor) faz o plural *bunga-bunga*. Guimarães Rosa usou a reduplicação, ora para efeito pluralizante, ora como recurso de ênfase. Para formação de plural, encontramos:

“Puxava uma *brisbrisa*” (p. 30).

<sup>23</sup> Ferdinand de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 3<sup>ème</sup> édition, Paris, 1960.

“Deram que levasse carabina, suas outras armas, e cruz-cruz cartucheiras” (p. 279).<sup>24</sup>

O verbo *cruzcruzar* é, no entanto, forma enfática de *cruzar*, no sentido de interferir: “Alaripe ainda *cruzcruzou*” (p. 559). Igualmente enfáticos são os verbos *alínhalinhar* e *lequelequear*.

A aglutinação levada a cabo por Guimarães Rosa — *portmanteau*, segundo Lewis Carroll<sup>25</sup> — é a junção de uma ou mais palavras que resulta na formação de outro vocábulo de sentido novo e/ou modificado. Esse particular deve distingui-la do redobro, fato para que não atentou M. Cavalcanti Proença nas “Trilhas” famosas.

*Testalto, claráguas, brumalva, almaviva* — são exemplos de aglutinações de adjetivos-substantivos (e vice-versa), a serviço da ênfase conseguida, em termos incomparáveis, pelo estilista Guimarães Rosa. Há, também, fusão de verbo-verbo (*fechabrir, visli*); substantivo-verbo (*turbulindo*); preposições-substantivos (*entreólheólho*). E a fusão de palavras diferentes de significado semelhante, como: *militriz* (militante + meretriz); *querelenga* (querela + arenga).<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Gil Vicente (*O Juiz da Beira*, ob. cit., p. 712) emprega o termo *cruz-cruz*, com sentido semelhante ao usado por Guimarães Rosa:

“Disse, dae-me outro cruzado,  
Que prazendo a Madanela  
Logo sereis aviado,  
Deus querendo, muito prestes  
Porque aquelle que me destes  
Em *cruz-cruz* o comeo ella”.

<sup>25</sup> Cf. Décio Pignatari, in “Poesia Concreta: Organização”, *Teoria da Poesia Concreta*, p. 84.

<sup>26</sup> Augusto de Campos, in ob. cit., p. 11, anota, entre outras, as seguintes aglutinações: *turbulindo* (turba + turbilhão + bulindo); *sonoite* (só + sono + noite); *prostitutriz* (prostituta + meretriz); *visli* (vi + vislumbrei + li). Merecem reparo as interpretações de *sonoite* e *prostitutriz*. O primeiro vocábulo — *sonoite* — embora contenha aqueles elementos sugestivos, também observados por M. Cavalcanti Proença,

A aglutinação, de que só houvera, na literatura brasileira, exemplo no poeta Sousândrade<sup>27</sup> (no próprio nome fazendo a fusão de *Sousa* com *Andrade*), é fator comum à criatividade de Guimarães Rosa, que de resto conhecerá a sua vigência e/ou procedência na língua inglesa, onde *smog* (*smoke* e *fog* plenamente fundidos) surgiu e firmou-se em Londres desde 1905.<sup>28</sup> Assim como foi buscar o fino e opulento *smart* para o seu sertão, não se duvida de que o poeta de *Corpo de Baile* tenha pesquisado no idioma de Joyce e Lewis Carroll elementos para a criação de um vocabulário, ou melhor, para a renovação de uma literatura.

*Justaposição*: — A justaposição em GSV, de resto adotada com menos frequência e mais disciplina do que em outras obras do autor (v.g. em *Sagarana*), traz a marca da novidade estilística de Guimarães Rosa. Por vezes lhe ocorre como único recurso de fugir ao literal, casos em que o hífen modifica apenas graficamente termos e expressões conhecidos. Exemplos: *boa-cara*, *come-calado*, *graças-a-deus*, *quem-quem* etc.

Noutros casos, as palavras justapostas ganham conotação diferente, não poucas vezes sem aquele acento lúdico ditado pelo temperamento do escritor:

não é criação de Guimarães Rosa. Trata-se de termo em desuso, formado da proposição arcaica *so* (= debaixo) e *noite*, que significa *o anoitecer*, *o lusco-fusco*. Quanto a *prostitutriz*, parece-nos ser a anexação do sufixo *triz* (agente, profissão) a *prostituta* formando redundância muito a gosto de Guimarães Rosa. Enquadrar-se-ia melhor à intenção do crítico-poeta o verdadeiro *portmanteau militriz* (militante + me-retriz).

<sup>27</sup> Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, poeta maranhense (1833-1902).

<sup>28</sup> Cf. Simeon Potter, ob. cit.: “Dois atributos jocosos, *slithy* e *mimsy*, foram forjados por Lewis Carroll no capítulo 6 de *Through the Looking-Glass* “Bem, *slithy* significa *lithe* (flexível) e *slimy* (lodoso)” [...] “*Mimsy* é *flimsy* (frágil, inconsistente) e *miserable* (triste)” [...] Os verbos *chortle* (de *chuckle* e *snort*) e *galumph* (de *galop* e *triumph*) encontram também lugar no léxico inglês.”

“Onde o criminoso vive seu *cristo-jesus*” (p. 9).

“Da vida pouco me resta — só o *deo-gratias*” (p. 99).

“Não sei em que *mundo-de-lua* eu entrava minhas idéias” (p. 179).

“Que todos pudessem se divertir saudavelmente, com mulheres bem dispostas, não deixando no *vai-vigário*” (p. 513).

*Verbificação e nominalização*: — Na criação de formas verbais a partir de substantivos, terminações e adjetivos, de emprego numeroso nos seus livros, Guimarães Rosa explorou aquele caráter típico da língua portuguesa que permite ampliar, em limites não previstos, o número de verbos da primeira conjugação. O valor, partindo de uma fórmula conhecida, está na adequação do uso do vocábulo e na originalidade da verbificação. Na novela *Buriti* surge um inesperado verbo *aeiouar*, para designar a mutiplicidade de vozes e ruídos — todas as vogais — ouvidos da floresta:

“O mato — vozinha mansa — *aeiouava*”.<sup>29</sup>

O curso inventivo prossegue em GSV.

“Primeira coruja que a *ãoar*, eu era capaz de acertar nela um tiro” (p. 244).

“As tantas *seriemas* que *chungavam*” (p. 310). Houve a verbificação de *chunga*, que é sinônimo de *seriema*, ave pernalta do Brasil.

“Aquilo bonito, quando tição aceso estala seu em faísca — e labareda *dalalala*” (p. 310). Aqui, a palavra criada tem acentuada visualização. A disposição das letras pode ser representada pelo gráfico



que reproduz fielmente o fogo em movimento de labareda. Foneticamente, as “línguas de fogo” estão representadas por

<sup>29</sup> “Buriti”, in *Corpo de Baile*, 1.ª edição, volume II, p. 685.

consoantes laterais apoiadas por uma linguodental, interligadas pela vogal média repetida. *Nonce-word* legítima, o suposto verbo *dalalalar* não pode ser usado noutra pessoa que não a terceira do singular, indicativo presente.

Os verbos pós-nominais, a exemplo de *chungar*, preencheriam páginas. Exemplifiquemos com mais dois, bem significativos:

“Quando *luava*, como nos Gerais dá, com estrelas” (p. 534). O comum *luar* metamorfoseia-se em verbo raro.

“No tempo de maio, quando o algodão *lãla*” (p. 593). Os capulhos, na prosa rosiana, abrem-se pela força poética do verbo de concisão incomparável.

Menos ocorrentes são as formas pós-adjetivais:

“Som como os sapos *sorumbavam*” (p. 30). *Sorubar*: emitir (os sapos) sons *sorumbáticos*.

— amém, ele disse, *espetaculava*” (p. 346). O *espetacular* passa a verbo, de pujante beleza.

A formação de substantivos pós-verbais é de domínio comum na língua portuguesa: *esfrega-esfregar*, *janta-jantar* etc. No gozo desse usufruto, Guimarães Rosa não cessa de transmitir força-beleza:

“Dava o raiar, *entreluz* da aurora” (p. 119).

“Eu ficasse preso naquele *urjo* de guerra” (p. 370).

A luz que começa a *luzir* na aurora, a aflição que *urge* recebem novas tonalidades, exatas, insubstituíveis.

*Vocabulização onomatopaica*: — Rodrigo de Sá Nogueira<sup>30</sup> dividiu as onomatopéias em dois grupos: *onomatopéias não vocabulizadas* e *onomatopéias vocabulizadas*.

As primeiras imitam o mais aproximadamente possível os sons que representam; faltam-lhes, todavia, uma estrutura vocabular, o que não lhes permite ser consideradas pala-

<sup>30</sup> Rodrigo de Sá Nogueira, *Estudos Sobre as Onomatopéias*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1950.

vras ou termos. É necessário, portanto, investi-las de uma categoria gramatical para que se tornem *vocalizadas*.

O estilo de Guimarães Rosa reclama todos os recursos possíveis da ênfase, do ritmo, da criação, em suma. A onomatopéia, servindo a um tempo de valor revitalizante, de recurso sonoro e de processo fecundante no contexto, dela não podia prescindir o romancista mineiro. Assim sendo, uma multidão de termos onomatopaicos entra no seu vocabulário. Conquanto estejam todos eles configurados no conceito clássico de Grammont<sup>31</sup> — (“a onomatopéia é sempre uma aproximação, jamais uma reprodução exata”), e sejam *vocalizadas* — as onomatopéias de GSV terão acesso somente ao seu universo vocabular. Convém citar algumas delas, todas sem registro nos dicionários: *arrejàrrajava*, *bilimbilim*, *chirilil*, *flaflo*, *ianso*, *lãolalão*, *pá-pá*, *refinfinim*, *titique*, *uim-uim*.

Merece grifo a estrutura de *arrejàrrajava*, misto de aglutinação (*arre* + *já* + *rajava*) e onomatopéia, verbo criado para exprimir o ruído de tiros de metralhadora: “Desfechavam com metralhadora. Aí *arrejàrrajava*” (p. 351. É de se atentar para a lição de Rodrigo de Sá Nogueira sobre o assunto:

“O que principalmente caracteriza os tiros da metralhadora são a repetição, a brevidade, o tom agudo, e a pouca ressonância. A representação das detonações é representada de duas maneiras: pela repetição da oclusiva apoiada numa vogal, ou pelo emprego de uma vibrante muito longa, traduzida ortograficamente por uma sucessão maior ou menor de *rr*.”

<sup>31</sup> “L’onomatopée est toujours une approximation, jamais une reproduction exacte, et il n’en peut pas être autrement. Les phonèmes de la voix humaine diffèrent dans leur timbre et autres qualités des bruits de la nature qu’ils veulent imiter.” Grammont, *Traité de Phonétique*, apud Rodrigo de Sá Nogueira, ob. cit.

*Afixação:* — Os prefixos e sufixos empregados em GSV já mereceram lúcida apreciação de M. Cavalcanti Proença (V. verbetes ALUMIÁVEL e DEAMAR). Em síntese, Guimarães Rosa apossou-se daquele estado latente em que se encontram, na língua, os derivados, como observou Saussure, e com isso aumentou consideravelmente o seu vocabulário.

Para algumas sufixações, Guimarães Rosa serviu-se do seu conhecimento do português arcaico. Tomemos ao acaso as palavras *aguçoso*, *atarefação*, *macheza*, *agouramento* e *estreitura*: todas receberam nos radicais sufixos estranhos à sua estrutura atual, o que as excluiu dos léxicos. Em *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral,<sup>32</sup> cujos termos, como anota o autor, na sua maioria são elementos arcaicos da língua conservados no vocabulário dialetal, encontram-se formas para-lelas: *supitoso*, *infernação*, *ladineza*. Em Gil Vicente:

“Podeis topar hum rabugento  
Desmazelado, *baboso*,  
Descancarado, *brigoso*,  
Medroso, carapetento”.

(*Farsa de Inês Pereira*)

Na *Comédia de Rubena*:

“O prazer não me vem ver  
Senão pera mais *tristura*”.

Do mesmo autor, na carta em torno do terremoto de 1531: “O *sovertimento* das cinco cidades mui populosas de Sodoma”.

Ainda sob o título de *neologismos*, poderemos verificar o aproveitamento de termos de origem tupi e estrangeira de que se valeu Guimarães Rosa, como também as formas lati-

<sup>32</sup> Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, Editora Anhembi Ltda., São Paulo, 1955.



nas adaptadas ao vernáculo pelo propósito neologístico do escritor.

*Indianismos:* — Como é sabido, a língua culta dos colonizadores suplantou pouco a pouco o idioma aborígene, mas recebeu deste um número significativo de palavras, notadamente de topônimos. Tiveram, porém, os vocábulos de origem tupi de se adaptar à gramática portuguesa, de obedecer às flexões e ao processo de derivação e composição do idioma culto. Nas páginas de GSV são abundantes os tupinismos, a maioria dos quais já registrados por Aurélio Buarque de Hollanda (PDB). Geralmente são nomes pertencentes à flora e à fauna brasileiras — *acauã, ariranha, coité, jaguacacaca, suindara* etc. — algumas vezes sofrendo a participação modificadora do romancista. De *caatinga*, Guimarães Rosa deriva para *caatingal* e *caatingano*, não registrados nos léxicos. O processo de formação desses derivados obedece àquele princípio investigado por Bally: o da exploração das virtualidades lingüísticas que propicia possibilidades à criação de novos vocábulos.

Exemplos em que se vê a participação maior de Guimarães Rosa são: *embaiado*, onde o tupi *mbaiá* recebe o prefixo *em* e o sufixo *ado*, numa fusão perfeita.

*Proporema*, do tupi *pora-pora-êyma*, que resultou no topônimo *Borborema*, é empregado com sua força original, sinônimo de desabitado, sem moradores, sem habitantes: “Tabuleiro chapadoso, *proporema*” (p. 59).

*Estrangeirismos:* — Oswaldino Marques, em “Canto e Plumagem das Palavras”,<sup>33</sup> foi quem primeiro relacionou termos estrangeiros na linguagem rosiana. Posteriormente, M. Cavalcanti Proença cuidou do mesmo assunto, dando destaque aos latinismos.

Tentemos seguir-lhes a trilha.

<sup>33</sup> Oswaldino Marques, “Canto e Plumagem das Palavras”, in *A Seta e o Alvo*, Instituto Nacional do Livro, 1957.

Guimarães Rosa invoca os seus conhecimentos de poliglota para tirar da palavra o máximo efeito em função da dinâmica do discurso, ou bem de uma co-realidade de estruturas que se projetam do seu laboratório produtivo. Ele atenta para o fato de que se uma palavra é, como ensina Simeon Potter, um simples fragmento arbitrário ou convencional do enunciado, a mínima forma livre, a propriedade do seu uso há de conferir-lhe a faculdade de transcender essa medida. Decerto que o moderno épico de GSV encontrou motivos, racionais e intuitivos, para justificar, por exemplo, o uso do britânico *smart* pelo jagunço mineiro:

“Aqueles esmerados *esmartes* olhos” (p. 104).

“Diadorim, sempre atencioso, *esmar*te, correto, em seu bom proceder” (p. 185).

A polissemia da palavra (adjetivo = vivo, picante, irônico, elegante, ativo, ladino, mordaz, relativo a ferimentos; substantivo = aflição, dor pungente; verbo = sentir dor, comer, doer, arder) e o seu emprego em aliteração e coliteração no texto explicam sobejamente, se não justificam a transplantação. No mais, *esmar*te — por sua “música subjacente”<sup>24</sup> — é termo preferido do autor, que já o empregara em *Corpo de Baile* e voltou a fazê-lo em *Primeiras Estórias*.

*Latinismos*: — A feição de que se revestiu *ab irato* em vernáculo pode lograr a percepção do leitor: “Ao que eu, *abirado*, reagi” (p. 494). O que fez Guimarães Rosa foi apor-tuguesar a locução latina (*sob ira, por ira, sob inspiração da ira*), do mesmo modo que Gil Vicente o fizera com abinício, de *ab initio*.

*Capistrar*, de *capistro* (encabrestar), foi usado figuradamente, com o significado de sentir-se dominado. “Assomo

<sup>24</sup> Cf. carta de GR *in* TL, quando revela que, na base do que escreve, talvez esteja “uma necessidade de beleza” que o levaria ao “afinamento da expressão, busca da ‘música subjacente’ às palavras, intuição de algo, na linguagem, que deva falar ao inconsciente ou atingir o supraconsciente do leitor” (ob. cit., p. 103/4).

assim de frechar surpresa, a gente *capistrou*” (p. 359). A locução *deo-gratias* é substantivada com sentido correspondente a “a graça de Deus”, “o que Deus consente”. “Da vida pouco me resta — confessa o ex-jagunço — só o *deo-gratias*” (p. 99). Tem acento lúdico e intenção de trocadilho a vernaculização de *vade retro*: “Passamos, cercados guerreantes dentro da Casa dos Tucanos, pelas balas dos capangas do Hermógenes, por causa. *Vá de retro!*” (p. 338). *Parabelo* (*para bellum* = prepara-te para a guerra), como o usou Guimarães Rosa, é aproveitamento do popular. Embora não abonado pelos léxicos, o termo (pistola ou revólver de uso entre os militares) é corrente no Rio Grande do Norte, para citarmos apenas uma região em que podemos assegurar-lhe o usufruto.

A palavra *drongo* não é encontrada em nenhum dicionário de língua portuguesa. Achemo-la na *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana*: “*Dronge, drongo ó drungo. Mil. ant. Se llamava así en el ejército bizantino un cuerpo de tropa ligera de infantería compuesto de 1.000 á 2.000 combatientes escogidos, los cuales peleaban en masas compactas á imitación de la falange griega. Otros escritores aplican el mismo nombre al cuerpo de caballería, también de la milicia bizantina, formado por la reunión de cinco tagmas, ó sea unos 2.000 caballos. Por último, Terreros en su Diccionario, define el drungo como un cuerpo de tropas romanas, opinión que, sin excluir en absoluto las anteriores, parece corroborada por diferentes escritos de la época, entre ellos los del emperador León.*”<sup>35</sup>

O termo é simpático a Guimarães Rosa, que o usa três vezes, como sinônimo de tropa, grupo: “Repartiu os homens em quatro pelotões — três *drongos* de quinze e um de vinte”

<sup>35</sup> *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana*, tomo XVIII, 2.ª parte, p. 2.243.

(p. 92). “Deviam de estar chegando, *drongo* deles, cavaleiros” (p. 213). “Repartir a gente em três *drongos*” (p. 538).

Do francês: *balancê* (*balancé*, passo de dança),<sup>36</sup> também aproveitado do popular, mas explorado *lato sensu* dentro do período: “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer *balancê*, de se remexerem dos lugares” (p. 83).

O *show* inglês é estranhamente grafado à portuguesa: “A coisa que o que era *xô* e bala” (p. 209). *Estripitriz*, termo que se presta a várias interpretações,<sup>37</sup> parece-nos ser inspirado nos verbos *to strip* e *to tease*, este último acrescido da consoante *r* por influência do primeiro. O adjetivo pode significar “que descasca, desguarnece e aborrece” (a bala), havendo ainda na palavra uma alusão direta (e lúdica, ao gosto do autor) a *striptease*: “Ah, mas deles, tiros vinham, bala *estripitriz*” (p. 350).

*Lordeza* (*lord* + *eza*), não incorporados nos dicionários, tem passe livre na nossa linguagem oral.

À primeira vista, os germanismos a anotar no GSV são apenas nomes de armas de fogo: *manlixa* (*mannlicher*), *máuser* (*mauser*), sendo o último termo bastante conhecido no Brasil, em particular no Nordeste, onde há a variante *mausa*, que poderia adaptar-se melhor ao discurso de Riobaldo. Por

<sup>36</sup> Define o *Larousse du XX<sup>ème</sup> Siècle*: “Balancé: Action d’un danseur qui fait plusieurs pas, en se balançant d’un pied sur l’autre, sans changer de place (Les mouvements les plus divers des pieds peuvent s’exécuter le *balancé*, à condition que le danseur ne se déplace pas. Les pas, dans le *balancé*, soit à droit, soit à gauche, varient donc à l’infini; toutefois, il en est de plus généralement usités, tels que les glissades et les assemblés)”.

<sup>37</sup> Para Mary Daniel, ob. cit., p. 49, *estripitriz* significa *estrepitosa*. O Prof. Antônio Levi Epiácio, in carta ao A., datada de 28-01-68, dá a sua versão: “Esse *estripitriz* é simples fusão do verbo *estrip(ar)* com o sufixo *triz* designador de ação. A bala *estripitriz* é a bala que *estripa*, que rasga o ventre da vítima”.

outra, a negativa *nicht* surge transformada em *níquites*, erro prosódico do personagem-narrador quando reproduz a pronúncia do alemão Wusp.

Todavia, o aproveitamento da língua germânica no *Grande Sertão* não se restringe a isso. Uma procura mais minuciosa decerto levará o leitor a achados surpreendentes, àquelas armadilhas vocabulares tão engenhosamente postas por Guimarães Rosa ao longo de suas páginas. Foi Meyer-Clason quem descobriu a relação entre *soposo* (“No *soposo*: de chuva-chuva”, p. 28) e *suppig*, regionalismo hamburguês que significa chuvoso, ensopado.<sup>38</sup>

### Arcaísmos

A observação de que o número de brasileirismos diminui à medida que se vai conhecendo a língua arcaica, parecidos, cabe na linguagem de GSV, transferida a questão para o número de palavras atribuídas a Guimarães Rosa. Investigador da língua portuguesa, o romancista utilizou processos semânticos existentes, mas esquecidos, emperrados pelo desuso. De posse da velha matriz, fê-la girar adaptada a uma mecânica e um tempo novos, lubrificou-a, e o seu engenho trouxe à luz arcaísmos imprevistamente remodelados.

Tarefa delicada é, pois — já o anotou M. Cavalcanti Proença — assinalar os arcaísmos de GSV. Deve-se atentar,

<sup>38</sup> “... a palavra ‘ensopação’ lembra ‘soposo’ do *Grande Sertão* — *suppig* — adjetivo apanhado pelo Cônsul Rosa nas ruas novembrescas de Hamburgo, quando neblina, chuveia e talvez uns flocos de neve prematuros tornam a atmosfera geral *soposa*” (Trecho da conferência de Curt Meyer-Clason, tradutor alemão de GR, pronunciada em Lisboa, em novembro de 1968). William M. Davis descobriu uma palavra alemã não traduzida neste trecho do romance: “pega a se abalar, ronca, treme, escapulindo feito gema de ovo na frigideira. Ei!” (p. 68). Em alemão, *ei* significa *ovo*. Apesar de existir a interjeição em nossa língua, é provável que GR tenha empregado ambigualmente o termo, como trocadilho bilíngue.

contudo, para a forma pessoal que o autor imprimiu a alguns desses termos. A ilustrar, vejamos alguns vocábulos libertos por Guimarães Rosa da condição de arcaicos em que os confinaram os tratados.

O particípio presente latino — que deu abundantes formas em *ante*, *ente*, *inte* no português arcaico — volta a atuar na formação de novos adjetivos e/ou substantivos: “O vacilo da canoa me dava um *aumentante* receio” (página 104). “Mas o preto de-Rezende, que estava perto, foi quem disse, risonho *bobeento*” (p. 149). “Os soldados aiando gritos, se abraçavam com os animais *caintes*” (p. 69).

Formações dessa natureza, Mary Daniel (ob. cit., páginas 79/80) denomina *neologismos de função*, que consistem, segundo aquela autora, na utilização de uma categoria gramatical em vez de outra. E exemplifica: “Na função normal do gerúndio como adjetivo o autor obtém um efeito interessante por meio do emprego ocasional de formas em *nite*, etimologicamente verbais mas puramente adjetivas no uso contemporâneo, como sinônimos das em *ndo*. (...) Nas formas *falante* e *olhantes* existe uma conotação mais adjetival do que a exprimida pelas formas correspondentes *falando* e *olhando*. Contudo, as construções em *nite* ocorrem esporadicamente também como substitutos dos particípios passados, e em tais casos é o vestígio de sua força verbal que enriquece o seu significado como elementos mais que puramente adjetivais.”

Renascem formas antecedidas da preposição arcaica *so* (do latim *sub* = debaixo): *sochupar*, *soforma*, *sonome* etc.

Os prefixos de intensidade *re* e *arre*, comuns em Gil Vicente, Antônio Prestes, Simão Machado e outros, fortalecem a linguagem de Guimarães Rosa. Gil Vicente empregou o verbo *arrepinchar*, usou *renão*, *resi*, *remando*.<sup>39</sup> Em GSV en-

<sup>39</sup> V. Glossário in *Obras de Gil Vicente*, Lello e Irmãos Editores, Porto, 1965, p. 1.455 e seguintes. Cf também Amadeu Amaral, ob. cit.: “Quan-

contram-se: *arrebrusco, arreglórias, arreleques, arrepoeira; reafundo, re-cheio, refrio, remorto.*

O pronome antigo *al*, que se colhe não raro entre os trovadores medievais, como, por exemplo, em Dom Dinis:

“... e por esto non sei o’eu quen  
possa compridamente no seu ben  
falar, ca non á, tra-lo seu ben *al*”.<sup>40</sup>

comparece em Guimarães Rosa mais para efeito de rima: “Me pegavam: por *al*, por mal” (p. 152).

A terminação apocopada, hipocorística ou diminutiva é também tendência arcaizante em Guimarães Rosa. Gil Vicente — ainda esta vez — fez apócope em *porco-espim*, que é topônimo no sertão geralista: *Vereda-do-Porco-Espim*.

### Riqueza Vocabular

Pouco se acrescentaria, sobre esse aspecto, à síntese de Oswaldino Marques, que realçou no contista de *Sagarana* uma profusão desnorteante do seu vocabulário, dos mais ricos que já manejou um prosador de língua portuguesa”. Tome-se, agora, o termo *desnorteante* fora do encadeamento que o torna despercebido, de comum, e atente-se para essa profusão de palavras que desorienta, embaraça, desvia o rumo do leitor. É que, além da criação e remodelação de pa-

to ao arre que Gil Vicente antepôs ao verbo (*arrepinchar*), destinava-se decerto a dar-lhe mais energia. O uso de tais expletivos era comum em Gil Vicente e outros poetas do seu tempo, nos quais se encontra até *re-não, re-si, re-velho, re-milhor*. Refletiam eles, sem dúvida, uma tendência popular então bem viva, da qual nos terá vindo boa parte dessa multidão de termos em *re* e *arre* que a língua possui”.

<sup>40</sup> Dom Dinis, *Cancioneiro da Vaticana*, p. 123; *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, p. 520, apud *Crestomatia Arcaica*, Prof. Rodrigues Lapa, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1960.

lavras, GR busca ainda, por gosto e formação erudita, o manancial do léxico português, como o fizeram Camilo, Aquilino Ribeiro, Coelho Neto e Euclides da Cunha. Ao leitor comum não será fácil apreender o real sentido de termos como *buzegar*, *celheado*, *indez*, *jaculação*, *prema*, *socolor*, *zampar* etc., etc., o que justificaria, a nosso ver, um apêndice — que, claro, este trabalho não comporta.

A extensão do vocabulário usado, onde se entrelaçam e se insinuam as criações do escritor, pode, da mesma forma, levar a erros de interpretação até o leitor mais arguto. M. Cavalcanti Proença, que escreveu talvez o mais penetrante estudo sobre GSV, atribuiu a Guimarães Rosa paternidade de termos existentes, dicionarizados:

*Maiozinho* (relativo ao mês de *maio*; que aparece em *maio*) inclui-se, para o roteirista de *Macunaíma*, dentre as “derivações imprevistas ou lúdicas da estilística de Guimarães Rosa”.

*Mexinflol*, forma apocopada de *mexinflório* (no Rio Grande do Sul, *coisa atrapalhada*, *confusão*, *intriga*) está registrado como “puro jogo sonoro associativo”.

*Troz-troz*, regionalismo baiano (chuva rápida e grossa), é tomado como onomatopéia inventada pelo romancista, à maneira de *plequeio*, *tutuco*, *xaxaxo* etc.

Sobre o sugestivo *sonoite* (*so*, preposição arcaica, e *noite* = o anoitecer, o lusco-fusco), escreveu MCP: “... recurso sonoro, quase onomatopaico, como poderemos exemplificar com o vocábulo *sonoite*, em que nos parece encontrar a sugestão de sono e de todos aqueles barulhinhos da noite no mato, daquela noite tão vivamente descrita em que a chuva, o vento, o rio acompanham a agonia de Medeiro Vaz”.<sup>41</sup>

Para concluir, citemos mais um sugestivo exemplo. A palavra *maninel* (forma apocopada de *maninelo*, homem efe-

<sup>41</sup> Ob. cit., p. 228 (V. nota 26).



minado) é empregada com relação a Diadorim, personagem em torno de que há um proposital halo de mistério: “Diadorim, semelhasse *maninel*, mas diabrável sempre assim” (p. 421). Quem desconhecer-lhe o significado, desta vez não perceberá uma das raras passagens do romance em que o narrador alude às maneiras *daquele* que só depois de morta foi mulher”, na expressão feliz de Henriqueta Lisboa.

## O VOCABULÁRIO

*Eu quero tudo: o mineiro, o brasileiro,  
o português, o latim — talvez até o es-  
quimó e o tártaro. Queria a língua que  
se falava antes do Babel.*

(João Guimarães Rosa)

**Nota do Autor:** Todas as citações de página remetem à primeira edição do *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956.



**ABARULHAR** — Causar *barulho* ou ruído: “Correu água bastante, todo o tempo, fresca *abarulhava*” (344). A acepção não é a mesma de *barulhar* — pôr em *barulho*; amotinar.

**ABELHAR** -- Fazer ruído semelhante ao das *abelhas*; zumbir (Cf. o v. pron. *abelhar-se*): “E aí uma bala alta *abelhou*, se seguindo sozinha” (573).

**ABENÇOÁVEL** — Que se pode *abençoar*: “Ela é uma *abençoável*” (16).

**ABIRADO** — Forma aportuguesada de *ab irato*, loc. adv. lat.: sob inspiração da *ira*; por *ira* (Cf. Augusto Magne, DLP): “Ao que eu, *abirado*, reagi” (494).

**ABOBANTE** — Que se *aboba*: “Dava até aflição em aflito, *abobante*” (164).

**ABOCABAQUE** — Do latim *ab hoc et ab hac*. Expressão que significa *de tudo, desordenadamente*, segundo registra Paulo Rónai em *Não Perca seu Latim*. GR explica a seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri (ob. cit. p. 40): “Corruptela de *ab hoc et ab hac*. Clássica e antigamente, tinha curso a expressão: “Falar *ab hoc et ab hac*: falar

disto e daquilo: ou: falar a torto e a direito.” “Agora, para essas e outras jagunçagens — assim mesmo como para pautear à-toa, de *abocabaque* — eu não tinha interesse de tempo” (512).

**ABOFAR** — Abafar, asfixiar: “Cada surucuiú do grosso: voa corpo no veado e se enrosca nele, *abofa*” (33).

**ABRE-VENTO** — (Fig.). Golpe, chofre; ação rápida: “E, no *abre-vento*, a toda cavaleirama chegando” (246).

**ABREVIÃ** — *Abreviada*. Forma nasalada e apocopada, de uso freqüente em toda a obra de GR. A propósito, comenta M. Cavalcanti Proença (in TGS): “Em Guimarães Rosa, são freqüentes os casos em que usou da nasalização, partindo, muitas vezes, de formas anteriores hipotéticas, como se vê em *louçana* / *louçãa* / *louçã*; *serrana* / *serrãa* / *serrã* etc.” Oswaldino Marques (CPP) enquadra os vocábulos dessa forma num “grupo de substantivos adjetivados, de emprego obrigatório no gênero feminino, de vez que a hipotética forma masculina reconduziria ao substantivo originário”. E acrescenta: “Tais adjetivos, que parecem ser de especial predileção de João Guimarães Rosa, se caracterizam por seu extraordinário ineditismo e intenso poder lírico, todos terminados pela sonora voz nasal *ã*.” || “Por que é, então, que eu salto isso, em resumo, como não devia de, nesta conversa minha *abreviã*?” (186).

**ACAMPO** — *Acampamento*. Forma abreviada, com aproveitamento “dos processos vigentes na linguagem sertaneja para a formação de novos termos” (Cf. M. C. Proença, TGS): “Repenso no *acampo* da Macaúba da Jaíba” (50); “Não vi mais o *acampo* deles” (120).

**ACÃOADA** — *Acuada*; cercada ou ameaçada por *cães*: “Homens que corriam [...] feito *acãoada* codorniz” (214/5).

**ACARRA** — Substantivação do verbo *acarrar* — encarar, fitar, fixar, acarrear, causar (Cf. A. Costa, DSL). De

- caráter polissêmico, o s. f. pode ser sinônimo de *acarretamento*, *causa*; ato ou efeito de encarar, fitar etc. || “A *acarra* daquilo, tão exclamante, a forte palavra” (359).
- ACERTAÇÃO — Ato ou efeito de *acertar*; *acerto*: “E, pois, era a hora de minha *acertação*” (470).
- ACHISPE — Termo onomatopaico que alude aos ruídos das balas: “Assovios bravos, o *achispe*, isto de ferro — as balas apedrejadas” (323).
- ACONFORMAR — *Conformar*. Uso da prótese com base na linguagem popular: “Adjaz que me *aconformar* com aquilo eu não queria” (349).
- ACONTECÍVEL — Que pode *acontecer*: “Arma que disparou sem ser por querer de ninguém — caso muito *acontecível*” (520).
- ACOSTUMAÇÃO — Ato ou efeito de *acostumar*; *costume*: “Só, por *acostumação*, ele tomava banho era sozinho no escuro” (146).
- ACUCADO — *Acocado*, *cocado*; à espreita, de atalaia: “Depois paravam às filas (os urubus), na cerca, acomodados, *acucados*” (347).
- ADADA — Não *dada*; não *doad*a. Referência no texto às pastagens sem dono. Segundo Paulo Rónai, o termo pode ter interpretação diametralmente oposta, ou seja, sinônimo de *acrescida*, *acrescentada*: “Sem Otacília, minha noiva, que era para ser dona de tantos territórios agrícolas e *adadas* pastagens” (349).
- ADÃO — *Pomo-de-adão*: “Cortei por cima do *adão*...” (502).
- ADEDENTRO — *Dentro*; *de dentro*: “O que é que estivesse *adedentro* das idéias daquele homem?” (528).
- ADEPARTE — *A parte*; separadamente: “Diadorim me chamou *adeparte*” (79).
- ADESFECHAR — *Desfechar*: “*Adesfechei*: e vi arrebentar em pedaços o casco daquilo” (331).

- ADFORMA** — *Forma*, — que: *de forma* que: “*Adforma* que eu tinha de resolver” (466).
- ADIANTO** — *Adiantamento*: “Me saudou com salvável carinho, *adianto* de amor” (589).
- ADJAZ** — *Adjacente*; junto a: “*Adjaz* o campo, então eu subi de lá” (412).
- ADOIDO** — *Doido*: “Por vez um se assopra de *adoido*, dá bote, dá nas armas” (466).
- ADRAMADO** — *Dramatizado*, comovido: “*Adramado* pensei em minha mãe, com todo querer” (124).
- ADVOGO** — Forma regressiva de *advogar*: “Artes o *advogo* — aí é que vi” (268).
- AFA** — Variante n. reg. de *ufa*, *ufe* (V. AFE): “*Afa* que gritavam, em febre de ódio, xingando todo nome” (249).
- AFANHAR** — *Fanhosear*; produzir ruído *fanhoso*: “Antes passei, *afanhou* a porteira” (255).
- AFE** — Variante n. reg. de *ufa*, *ufe*, de uso vulgar no Nordeste: “*Afe*, por fim, bebeu gole de ar” (88).
- AFETUAL** — Relativo a *afeto*; *afetuoso*: “Jiribibe, quase menino, filho de todos no *afetual* paternal” (315).
- AFIAFE** — Onomatopéia: faca cortando o ar (MR): “Esse luzluziu a faca, *afiafe*, e urrou de ódio de enfiar e cravar” (502).
- AFINO** — *Afinação*, *afinamento*: “Até, a seguir, por um *afino* de momento eu me arrepiei por trás da testa” (478).
- AFLEIMA** — Substantivação do verbo *afleimar-se* — impacientar-se. Sin.: impaciência, inquietação: “A *afleima* de assim loguinho ter de botar e ouvir minhas palavras no ar, me agravou” (465/6); “De irritado, de *afleima*, dei o discutir” (489).
- AFOITEZ** — Variante n. reg. de *afositeza* e *afouteza*: “Decisão de vender alma é *afositez* vadia” (26).
- AGALOPAR** — *Galopar*: “*Agalopando* assim, joguei fora meu revólver” (485).

- AGANÇAGEM — Ato ou procedimento de *gança* (ant.): meretriz: “Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. “*Agançagem!*” — eu pensei” (146).
- AGOURAMENTO — *Agouro*: “Contei ao Jõe o que eu estava sentindo; se não era *agouramento?*” (218).
- AGUÇOSO — *Aguçado*: “O *aguçoso* de dentes de peixe feroz do rio de São Francisco — piranha redoleira” (164).
- AIRADO — (Fig.). Pasmado: “Ele estava defunto de não fechar boca — aí, defunto *airado*” (214).
- AIRAGEM — Procedimento de *airado*; pasmo; bobeação: “Resolver o final com acerto para a vitória de nós todos — sem traição nem *airagem*” (351).
- AIRAR — Embevecer, pasmar: “Me *airei* nela, como a diguice duma música” (53).
- AIRE — Segundo MR, trata-se de um expletivo que, a rigor, seria grafado *hai*, *he...* — de quem, meio rindo, vai dizer algo: “*Aire*, me adotou tanto, que dei para inventar, de espírito, versos naquela qualidade” (122).
- AJAGUNÇADO — Que pratica ações de *jagunço*: “Será que eu mesmo já estava pegado do costume conjunto de *ajagunçado?*” (184).
- AJORRAR — *Jorrar*: “Da boca e das ventas *ajorrava* sangue” (550).
- AJUNTAÇÃO — *Ajuntamento*: “O senhor havia de gostar de ver aquela *ajuntação* de povo” (279).
- AL — (Ant.). Outra coisa; o mais. O termo é também usado para obtenção de efeito sonoro, para efeito de rima: “Me pegavam: por *al*, por mal” (152).
- ALALÃ — Que forma *alas*. V. comentário em ABREVIÃ: “Onde só faltava o buriti: palmeira *alalã* — pelas veredas” (499).
- ALARGANTE — Que se *alarga*: “O chapadão tão *alargante*” (513).

ALEGRANTE — Que *alegra*: “É *alegrante* verde, mas em curvas curvas” (536).

ALGÔA — *Alguma*. Grafia à maneira arcaica, com a substituição do til (◌) pelo acento circunflexo: “Tuscaminho Caramé, que cantava, bonita voz, *algôa* cantiga sentimental” (532).

ALIMPO — *Alimpamento*: “Lua lá vinha. *Alimpo* de lua” (156).

ALINHALINHAR — Formar-se em *linha* reta. GR faz a junção do verbo (alinhar-alinhar) para efeito de ênfase: “Ao depois, quando dei brado, queriam se *alinhalar*” (436).

ALIRORÉ — Termo obscuro. No presente glossário, alguns vocábulos ficaram sem interpretação, sequer provável, por se apresentarem de difícil percepção dentro do texto: “Aí quem era que me vencesse, nesse dever, *alirolé*, quem podia afrontar minha presença, feito morro padraço?” (491).

ALISO — Forma protética de *liso*: “Enterrem separado dos outros, num *aliso* de vereda” (586).

ALMAR — Verbalização de *alma*; empregado com o sentido de *ver alma*: “Gritava não esbarrava.” — Eu vi a Virgem!...” Ele *almou*?” (21).

ALMAVIVA — *Alma viva*; *vivalma*: “Visitamos o fazendão vazio, não tinha *almaviva* de se ver” (317).

ALMISCRAR — *Almiscarar*. O verbo é empregado não no seu sentido usual (perfumar com *almíscar*), mas como *exalar mau cheiro*, conforme se apreende do texto: “Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, *almiscravam*” (172).

ALONJADA — *Alongada*, distante, longínqua: “O senhor sabe: a coisa mais *alonjada* de minha primeira meninice [...] foi o ódio” (44).

ALOPRO — Inquietação, agitação. Termo derivado do adj. *aloprado* (Bras., Rio de Janeiro), muito inquieto: “As-



- sustava era o *alopro* dos companheiros, que não se sujeitavam mais de dormir” (350).
- ALTADO** — *Alteado*, crescido: “Era um rapaz, mulato, regular uns dezoito ou vinte anos; mas *altado*, forte” (108).
- ALT'ARTE** — Junção do adj. *alta* e do s.f. *arte*, com o significado de *destarte*: “*Alt'arte* abri o meu maior sentir” (561).
- ALTAS** — Às —: às altas horas, muito cedo ou muito tarde (MR). É de uso freqüente em GS a deformação ou estruturação de locuções adverbiais, filiada ao propósito neologístico de Guimarães Rosa (Cf. M. C. Proença, ob. cit., p. 231): “Ímpeto de se viajar *às altas*” (146).
- ALUMIAVEL** — Que pode *alumiar* ou *alumiar-se*. Termo n. reg., igualmente como muitos outros compostos do sufixo latino *vel* (possibilidade, tendência) anexado a verbos. A propósito, acrescenta M. C. Proença (ob. cit., página 217): “A agregação de prefixos, ou sufixos ao radical, visando à formação de novos sintagmas, não necessita de abono em dicionário, pois é processo normal da língua a justaposição de elementos que virtualmente lhe pertencem. Tratadistas já explicaram o fenômeno com muito clareza, usando mesmo a notação matemática, ressaltadas, necessariamente, as diversidades de disciplinas: *amar* : *amável* : *passar*: X; x = passável.” || “Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância *alumiável*” (50).
- ALVAÇO** — Muito *alvo*: “Um cabeça-chata *alvaço*, com muita viveza no olhar” (117).
- AMAESTRAR** — *Amestrar*; adestrar, ensinar: “Aos poucos eu estive *amaestrando* os catrumanos” (507).
- AMALDITA** — Forma protética de *maldita*: “Tudo empes-tava da doença *amaldita*” (483).
- AMARASMEAR** — *Marasmar*, cair em *marasmo*: “Tanto que eu via as baronesas *amarasmeando* no rio em vidro” (306).

- AMERECER** — Forma protética de *merecer*: “Diadorim, Diadorim será que *amereci* só por metade?” (584).
- AMIUDAR-DO-GALO** — Alvorecer, amanhecer: “No *amiudar-do-galo* o tiroteio já principiava renovado” (346).
- AMORTIZAR** — *Matar*. Empregado com o sentido diferente do usual registrado nos dicionários: “Será que fosse para o urucuiano Salústio no primeiro descuido meu me *amortizar*?” (341).
- ANDRAJA** — *Andrajosa*: “Usufruíam quinhão da minha *andraja* coragem” (497).
- ANFA** — Termo sem significado, usado para efeito de ritmo (aliteração): “Ânsia assim e *anfa* [...] nunca achei quem outro” (129).
- ANHANGA** — Nome de um gênio da floresta (Lemos Barbosa. Pequeno Vocabulário Tupi-Português). Há o neologismo de *diabo*, s.m. Da forma com que foi empregado por GR, o termo pode ser sinônimo de *danação*, *maldição*. A palavra é de caráter polissêmico, pode significar, ainda, espectro, fantasma, duende, visagem. Gonçalves Dias a traduziu como contração de *Mbai-aiba*, a coisa-má. Cf. L. C. Cascudo, verbete ANHANGA, DFB, p. 45 a 47: “A *anhanga* que em riba da gente despejavam, balaços de tantos rifles” (341).
- ANHÃNHÃE** — Ai-ai-ai. Grafia da pronúncia nasalada, comum no Nordeste: “*Anhãnhãe*, berrávamos fogo, quando sinal de homem tremeluzia” (249).
- ANT'ANTE** — Segundo Ivana Versiani Galery (ob. cit., p. 39), “essa palavra, que parece deformação de *então* (...), pode ser o resultado do cruzamento de *então* com a reduplicação de *ante*, significando ‘ante’ o povo (idéia de posição fronteira) ou ‘antes’ (idéia de anterioridade no tempo)”. Prossegue IVG: “Em qualquer dessas interpretações, a forma *ant'ante* pode ser considerada uma reduplicação intensiva de *ante*.” “Perpassou os olhos na roda do povo. *Ant'ante* disse, alto” (268).

- ANTEFRENTE** — Palavra de sentido ambíguo, pode ser a junção da prep. *ante* com *frente*, formando advérbio de significado igual a *diante* ou de *frente*; pode ser, igualmente, o s.f. antecedido do prefixo latino *ante* (anterioridade): “E já se estava *antefrente* do Paracatu” (455).
- ANTETEVE** — *Antes teve*: “Mas Zé Bebelo *anteteve* de mandar chamar Marcelino Pampa, João Concliz e muitos diversos outros” (357).
- ANÚVIO** — Ato ou efeito de *anuviar*: “Aquele Antenor já tinha depositado em mim o *anúvio* de uma má idéia” (178).
- ÃOAR** — Emitir sons semelhantes a *ao*: “Primeira coruja que a *ãoar*, eu era capaz de acertar nela um tiro” (244).
- APARVADA** — *Aparvalhada*: “A certa graça, a situação dele, *aparvada*” (346).
- APARVO** — *Parvo*; tolo, idiota: “Antes ligeiro, para os meus homens não me acharem *aparvo*” (466).
- APESSOAR** — Reunir *pessoas*: “O apinho e *apessoar*, nosso, ombros em ombros, aprazava efeito de bando significado, numeroso” (357).
- APINHO** — Ato ou efeito de *apinhar*; ajuntamento: “O *apinho* e *apessoar*, nosso, ombros em ombros, aprazava efeito de bando significado, numeroso” (357).
- APÔRRO** — Provável substantivação do verbo *aporrear*, afligir, desancar. Termo de sentido um tanto obscuro e ambíguo, pela maneira com que foi empregado: “O demônio é do Dos-Fins, o Austero, o Severo-Mor. *Apôrrro!*” (417).
- APRAGATADO** — Bras., Amazonas: Esperto, ladino. Termo n. reg. no PDB: “Ah esses meus jagunços — *apragatados* pebas” (568).
- APRÔVO** — *Aprovação*: “— Reinaldo! O Reinaldo!” — foi o *aprôvo* deles” (82).

- APROXIMAÇÃO** — *Aproximação*: “O aproximação de se avir em mãos às duras brancas” (228).
- AQUE** — Substantivação da interjeição arcaica *aque* (de apelo): “Mas eu aguentei o *aque* do olhar dele” (107). Gil Vicente usou o termo com um sentido aproximado: “Não me valia rogar,/ Nem me valia chamar/ *Aque* de Vasco de Foes,/ Acudi-me como soes!” (Farsa de Inês Pereira, ob. cit., 660). O termo já fora empregado por GR na novela “Buriti”, como interjeição: “Outra ocasião, perguntou a ele se ouvia, se sabia se o povo falava mal ou bem dela, se diziam que ela era esquisita? — “Aques! Assim mesmo. Falou. E pois então?” (*Corpo de Baile*, 1.ª ed., p. 669). Ao seu tradutor italiano, GR explica que se trata de uma interjeição de surpresa depreciativa” (CTI, p. 87).
- ARARAL** — Bando de *araras*: “Aos quantos gritos, um *araral*, revôo avante de pássaros” (132).
- ARFO** — Ofego. Substantivação do verbo *arfar*: “O *arfo* do meu ar” (414).
- ARGA** — Termo criado com base no verbo grego *argalêi* (combater, opor), que deu o adjetivo *argaléos* (difícil, penoso). O substantivo, extraído do radical do verbo, significa luta interna, angústia, sentido em que foi usado no texto: “A *arga* que em mim roncou era um despropósito, uma pancada de mar” (201).
- ARGAME** — Forma enfática de *arga*. A interpretação dos dois termos (*arga*, *argame*) recebe o apoio do texto: “No *argame*, no esquisito desgosto do meu espírito, vi que, mesmo antes dele falar eu já sabia que aquilo era — o que ele não evitava de me dizer” (473).
- ARRANHÃO** — *Arranhador*; mau tocador de instrumento (Cf. o s.m. *arranhão*, ferimento): “O sapo-cachorro, tão *arranhão*” (415).
- ARREAZ** — *Arriaz*; fivela por onde se enfiavam os loros dos estribos. A grafia com *e* permanece na 3.ª edição de GS,

p. 113: “Mas uma sela range de seu, tine um *arreeaz*” (118).

**ARREBRUSCO** — Anexação da exclamação *arre* ao adj. *brusco*, formando uma terceira categoria gramatical, substantivo sinônimo de forma *brusca*, *brusquidão*: “Assim foi em *arrebrusco*: sobreveio em mim a estúrdia arfagem de chorar também” (469).

**ARREDONDINHAR** — Tornar-se *redondinha*. Diminutivo de acento lúdico e afetivo do verbo *arredondar*: “Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se *arredondinando* lisas” (19).

**ARREGLÓRIAS** — Forma enfática de *glórias*, pela anexação da interj. *arre*, sem o seu verdadeiro sentido vocabular, ao substantivo. || Analisando o neologismo *arreléguas* (usado por GR no conto “Pé Duro, Chapéu de Couro”, in *O Jornal* de 28-12-52), Oswaldino Marques (ob. cit.) desenvolve: “A justaposição da exclamação *arre* ao substantivo *léguas* resulta numa entidade verbal impossível de enquadrar-se na morfologia gramatical corrente. De fato, seria infundado afirmar-se que *arreléguas* é um substantivo, visto como não existe nada, mesmo na esfera conceptual, que corresponda a tal nome. [...] Por outro lado, incorreríamos em erro se o reduzíssemos a uma exclamação pura, a um expletivo de intensidade, pois o segundo elemento apresenta um conteúdo bastante concreto, substantivo, para permiti-lo. Depara-se-nos, assim, uma invenção que, a rigor, está acima e fora da gramática.” || “Eu não desejava *arreglórias*” (81).

**ARREJARRAJAVA** — Terceira pessoa do sing. do pretérito imperfeito do hipotético verbo *arrejarrajar*. Termo de estrutura onomatopaica (designa, no texto, o ruído da *rajada* de metralhadora), formado, porém, pela interj. *arre*, pelo adv. *já* e pelo verbo *rajar*. || O acento grave da sílaba *jà* permanece na 3.ª edição de GS, p. 336:

- “Desfechavam com metralhadora. Aí *arrejãrrajava*, feito um capitão de vento” (351).
- ARRELEQUE — Forma reforçada de *leque*: “Com seu *arreleque*, por-escuro uma nhaúma devooou” (145).
- ARREPÊLO — *Arrepelação, repelão*: “E, de *arrepêlo*, tudo demudou” (543).
- ARREPOEIRA — Forma enfática de *poeira*. V. comentário em ARREGLÓRIAS: “E foi que dali acabamos de surgir — da *arrepoeira* e fumaça de estrume” (387).
- ARREVÉS — *Revés*. De —: de modo *arreesado*: “Isso, de *arrevés*, eu li com hágá” (368).
- ARROMPE — Forma enfática de *rompante*: “Senhor de bofe bruto, sapateou, de *arrompe*” (272).
- ARROUBAGEM — *Arroubamento, arroubo*: “Na baralha-da em pompa dos animais, arre crinas, na *arroubagem* de arruaça” (467).
- ARRUPIAR — Corrutela de *arrepier*, de uso corrente pop. na zona rural do Nordeste. A terminação da conjunção usada por GR é irregular, à maneira da linguagem sertaneja: “O senhor abre a boca, o pêlo da gente se *arrupeia* de total gastura” (336).
- ARTIMANHAR — Fazer *artimanha*; agir com *artimanha*: “Mas depois ficou *artimanhando*, com uma tristeza fechada aos cantos” (278).
- ARUPA — *Arupanado*. V. ARUPANAR: “Arte, que este tal passou, às fugas, meio *arupa*” (87).
- ARUPANAR — Tornar-se *arupanado*, irrequieto; fogoso; irritadiço, irrefletido. A forma verbal não é registrada: “No desentender aquilo os cavalos *arupanavam*” (51).
- ASADA — Pancada com a *asa*. A expressão “dá de uma *asada*” tem o sentido metafórico de “desce de repente”: “Noite da Jaíba, dá de uma *asada*, uma pancada só” (202).
- AS-EXALASTRAR — *Alastrar* com movimento e intensidade. Termo criado pela junção de dois prefixos latinos

(*as* = movimento para aproximação; *ex* = intensidade) ao verbo *alastrar*: “*As-exalastrava* a distância, adiante, um amarelo vapor” (49).

ASGRAVA — Termo obscuro, talvez forma verbalizada (deformada) de *ásqua* (= brasa viva, faísca): “De noite, o morro se esclarecia, vermelho, *asgrava* em labaredas e brasas” (289).

ASMAR — Sofrer de *asma*: “Andava padecendo da saúde, erisipelava e *asmava*” (218).

ASNAZ — Aumentativo n. reg. de *asno*: “Aí, namorei falso, *asnaz*” (114).

ASPAÇÃO — Ato ou efeito de *aspear*, colocar *aspas*: “E Joca Ramiro também tinha atalhado, em uma *aspação*: — “Tento e paze, compadre mano-velho” (261).

ASPEITO — Arcaísmo. Forma antiga de *aspecto* e *aspeto*: “Medeiro Vaz estava ali, num *aspeito* repartido” (54).

ASPERAS — Às —: *asperamente*. V. comentário em ALTAS: “Se a condena for às *ásperas*, com a minha coragem me amparo” (276).

ASPUMADA — *Espumada*; *cheia de espuma*: “Esubugalhava os olhos, a boca *aspumada*, escumando” (348).

ASSASSIM — Forma apocopada de *assassino*: “Só o Herógenes foi que nasceu formado tigre, e *assassim*” (18).

ASSASSINÃ — *Assassina*. V. comentário em ABREVIÃ: “Onça *assassinã*” (574).

ASSENTANTE — Que *assenta*, ajusta-se: “Um lenço vermelho na cabeça — que para mim é a forma mais *assentante* de uma mulher se trajar” (447).

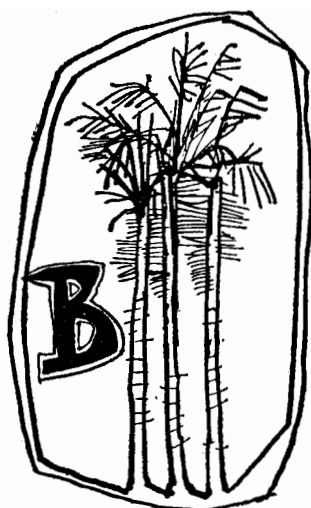
ASSIM-ASSEI — Primeira pessoa do sing., pretérito perfeito do hipotético verbo *assim-assar*. Verbalização da locução adverbial *assim assado*; agir *assim assado*, *assim-assim*, nem bem nem mal: “*Assim-assei*, naquela influência” (231).

- ASSINS** — Plural irregular de *assim*, usado para efeito sonoro: “Moitas daquele de prateados feixes, capins, *assins*” (49); “As duas mulheres, belezas *assins*” (517).
- ASSO** — Ato de *assar*; *assamento*: “Me prazia o ranger o couro das jerebas, aquele chio de carne em *asso*” (441).
- ASSOPRADO** — *Assopro*; *sopro* (Cf. o adj. = empolado, enfatuado): “Oap!: o *assoprado* de um refugão, e Diadorim entrava de encontro no Fanchu-Bode, arrumou mão nele, meteu um sopapo” (159).
- ASSOVIACÃO** — Ato ou efeito de *assoviar* ou *assobiar*: “Até que escutei *assoviação* e gritos” (319).
- ASSOVIACÃO** — Aumentativo n. reg. de *assovio*: “Assunto que apostavam os mil tiros para cima de nossa redondez de lugar, esses *assoviaços*” (212).
- ASSOVIAMZINHO** — Diminutivo da terceira pessoa do plural do indicativo presente do verbo *assoviar*. O diminutivo agramatical é usado para exprimir um tom afetivo ou de mágoa. Peregrino Júnior (in *A Mata Submersa e Outras Histórias da Amazônia*) registra no *Glossário*, 1.<sup>a</sup> ed., p. 330: “*Inho* — *zinho*: diminutivo que acompanha os verbos para dar um tom afetivo de carinho ou de mágoa: *Estàzinho* doente. *Querzinho* bem. *Emagreceuzinho*. *Aquelezinho*. || Raul Bopp, in *Cobra Norato*, empregou: “Quero *estartzinho* com ela / numa casa de morar.” “*Querzinho* de ficar junto / quando a gente quer bem, bem.” || GR vai além, empregando o sufixo na pessoa do verbo no plural: “Ah, máuser e winchester que *assoviamzinho* sutil” (579).
- ASSOVIOSO** — Que *assovia*: “A Casa acho que falava um falar resposta ao *assovioso*” (348).
- ASSUNTAÇÃO** — Ato ou efeito de *assuntar*, dar e prestar atenção a: “Azombado, que primeiro até fique, mas daí quis *assuntação*” (162).
- ASSURGENTE** — Que *surge*: “Aurora: é o sol *assurgente*” (557).



- ASTRAZADO** — Provavelmente, termo derivado de *astral*; celeste, sideral: “E a flor de caraíba urucuiã — roxo *astrazado*, um roxo que sobe no céu” (304).
- ATAREFAÇÃO** — Ato ou efeito de *atarefar*, *atarefamento*: “Senhor ver, essa *atarefação*” (164).
- ATOLANTE** — *Que atola*: “Lajes escorregadas e lama *atolante*” (146).
- ATORMENTAMENTO** — *Atormentação*: “A idéia da gente cheia de *atormentamentos*” (556).
- ATRAVAR** — *Destravar*; desunir-se, desligar-se: “E agora se *atravavam*, naquela vontade de desigualar” (340).
- AUMENTANTE** — *Que aumentava*: “O vacilo da canoa me dava um *aumentante* receio” (104). É por demais usada em GS a formação de adj. de 2 gêneros de que não guardam registro os dicionários. Por vezes a criação ultrapassa a categoria gramatical pela flexão do verbo indicando ação em outro tempo, substituindo orações de pronome relativo. M. C. Proença (ob. cit., p. 229) comenta este recurso usado por GR: “Outra técnica de que o romancista usou abundantemente, em sua busca de densidade semântica, e, portanto, ainda fiel à ênfase inseparável de sua estilística, foi o emprego do particípio presente em substituição às orações de pronome relativo. Dessa técnica extraiu efeitos expressivos e sonoros”.
- AUOREAR** — *Aurorar*; clarear, iluminar: “O senhor havia de conceber alguém *auorear* de todo amor e morrer como só para um” (579).
- AVAGARAR** — Tornar *vagaroso*: “Uma fala que ele drede *avagarava*” (259).
- AVANÇANÇA** — Forma reforçada de *avanço*: “Aí o bambalango das águas, a *avançança* enorme” (107).
- AVANTES** — Adjetivação do advérbio *avante*, significando *adiantados* no texto: “De chapéu desabado, *avantes* passos, veio vindo” (89).

- AVARAR** — Tornar *avaro*; amesquinhar: “Ele que criara amparado amor ao seu dinheiro, e que tanto *avarava*” (115); “As verônicas e os breves ele vendesse ou *avasse* para os infernos” (433).
- AVE** — Interjeição de espanto ou admiração, n. reg., de uso corrente popular no Rio Grande do Norte. Forma abreviada de *ave-maria!*, também sem registro no PDB. Não deve tratar-se, a se perceber pelo emprego, do *ave* latino, fórmula de saudação de quem chega, entre os romanos: “*Ave*, não arrombassem, aquilo era de amigo” (255).
- AVEMARIAZINHA** — Diminutivo de *ave-maria* (oração em louvor da Virgem Maria), de acento lúdico e afetivo: “Reza boa, de outros, singela, que mais me valesse — essas *avemariazinhas*, novenas” (491).
- AVENTE** — Pessoa que está *avençada*, ajustada: “*Aventes* baldrocavam suas pequenas coisas, trem objeto que tivesse e menos quisesse” (163).
- AVENTÊSMA** — *Avantesma*, fantasma: “O chão esturricado, solidão, chão *aventêsma*” (496). A grafia do termo, inclusive com o acento circunflexo na penúltima sílaba, permanece na 3.ª edição de GS, p. 476.
- AVINDADO** — *Avindo*; que se *aveio*; concorde: “Zé Bebelo falou: *avindado* de repente” (273).
- AVOÁVEL** — Que pode *avoar* (forma pop. de *voar*). V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “Foguinhozinho *avoável* assim azulmente” (556).
- AVONTADEAR** — Ter *vontade*, capricho: “A dar, que o homem foi se *avontadeando*, encompridando as respostas” (461).
- AZULOSA** — Tirante a *azul*; *azulada*: “Me ofereceram: bebi da januária *azulosa*” (160).
- AZURETAR** — *Azoretar*, *azoratar* (bras.); apoquentar, aborrecer: “Ele sabia que não carecesse de me *azuretar*” (465). Na 3.ª ed. permanece a forma *azuretar*.



**BABEJAR** — *Babar*; (fam.) gostar muito: “O que esse menino *babeja* vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco” (15).

**BABOSEAR** — Dizer ou cometer *baboseiras*, tolices: “Desisti, dado. Não *baboseio*” (490).

**BAÇOSO** — *Baço*; sem brilho: “E espiou para mim, com aqueles olhos *baçosos*” (408).

**BAFAFAR** — Causar *bafafá* ou discussão, barulho, confusão: “Jagunços de toda raça e qualidade, que iam e vinham, corriam, bebiam, *bafafavam*” (253).

**BAFE-BAFE** — Onomatopéia do barulho do vento batendo no couro estendido: “Um couro só, espetado numa estaca, por resguardar a pessoa do rumo donde vem o vento — o *bafe-bafe*” (79).

**BAIXADÃO** — *Baixada* grande. *Baixada* (bras.): planície entre montanhas; depressão de terreno junto de uma lomba (A. B. Hollanda, PDB): “Advindo que o *baixadão* dali não dava esconderijos de mato para tocaia” (544).

**BALALHAR** — Explodir ou partir-se (pela ação das balas): “Aquilo em volta se arrebetava, *balalhava*” (569).

- BALANCE** — Um dos movimentos da dança *quadrilha*, que consiste no rodopio ligeiro e breve dos pares. Do francês *balancé*: “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer *balance*, de se remexerem dos lugares” (183).
- BALDROCAR** — Trapacear; enganar; fraudar. O verbo é empregado por GR como transitivo direto, quando os dicionários registram-no como transitivo indireto e intransitivo: “Aventes *baldrocavam* suas pequenas coisas” (163).
- BALOFAR** — Tornar-se *balof*, fofo, sem consistência: “A casca da terra sacudia, se rachou em cruzeiros, estalando, em muitos metros — *balofou*” (69).
- BAMBALANGO** — *Bamboleio*; saracoteio. Usado como jogo sonoro associativo: “O *bambalango* das águas” (107).
- BANGLAFUMÉM** — *Bangalafumenga* (bras., Nordeste), (pop.): *João-Ninguém*; indivíduo sem valor (A. B. Holanda, PDB). Florival Serraine (*Dic. de Termos Populares — Ceará*) registra a forma *bang-la-fumenga*: “E renúcia com a cabeça, o *banglafumém*” (378).
- BARULHIM** — Forma apocopada do diminutivo de *barulho*: “O *barulhim* do rio era de bicho em bicheira” (79).
- BASBA** — Forma apocopada de *basbaque*, sem sentido lógico, de efeito aliterativo. Apreende-se do texto que o termo pode significar *ação, maneira, modo* (de *basbaque*): “Toleima, sei, lobéia disso, a *basba* do *basbaque*” (280).
- BATENTE** — Que *bate*. V. comentário em *AUMENTANTE*: “Coração bruto *batente*, por debaixo de tudo” (270).
- BECAR** — *Abecar*; agredir, agarrar: “Essas (as ariranhas) desmergulham, em bando, e *bècam* a gente” (106). Per-

- manece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 101, a forma acentuada, contrariamente às regras de acentuação.
- BEDEGAS** — Forma abreviada de *bedegüeba*; chefe: “Eu — o *bedegas*” (574).
- BEIJA-FLORAR** — Verbalização de *beija-flor*; agir à maneira do *beija-flor* (colibri): “Daí, deu: bala *beija-florou*” (576).
- BELAZUL** — Junção dos adjetivos *bela* e *azul*: “A tintados-gentios de flor *belazul*, que é o anil trepador” (499).
- BELIMBELEZA** — *Beleza* festiva. Termo formado, segundo MR, pela aglutinação de *belim* com *beleza*, sendo o primeiro vocábulo corruela de *belém*, o toque do sino, onomatopéia usada como sinônimo de festa, alegria: “Buri-ti — verde que afina e esveste, *belimbeleza*” (46/7).
- BELPRAZER** — *Bel-prazer*; vontade própria: “Um soldado talvez estivesse em poder de derrubar por *belprazer*” (354).
- BELTRÃO** — *Beltrano*: “A frouxa presença deles — fulão e sicrão e *beltrão* e romão” (63).
- BEM-ME-VIAM** — Terceira pessoa do plural, pretérito imperfeito, do suposto verbo *bem-me-ver*. No texto, há a verbalização de *bem-te-vi* (bras.), ave da família dos Tiranídeos: “E, de manhã, os pássaros, que *bem-me-viam* todo tal tempo” (94).
- BEM-TRATAR** — Antônimo n. reg. de *maltratar*; *tratar bem*: “Quem *bem-trata* gato consegue boa sorte” (347).
- BEOBOBO** — Forma enfática de *bobo*, com base na linguagem infantil. As sílabas que antecedem o vocábulo (*be-o*) são o começo da soletração dele mesmo: “O velho *beobobo* sumiu sem dobrão de prata em alguma algibeira” (381).
- BERBEZIM** — Diminutivo do hipotético antônimo de *imberbe*; coberto de pelos; peludinho: “Guardou somente o pelego *berbezim*” (92).

**BERDA-MÃE** — Forma eufêmica de *berdamerda*, corrutela da expressão lusitana “vai ver da merda”, modernamente empregada como sinônimo de homem reles, insignificante (calão). O termo é conhecido no Nordeste do Brasil sob a variante *bedamerda*: “Aquele *berda-mãe* de vaqueiro” (556).

**BEREU** — Termo obscuro. Parece tratar-se de forma epentética de *breu*, nome com que, no Rio de Janeiro, se denomina o tripulante de uma espécie de bote que atraca aos vapores mercantes para vender fruta (A. B. Hollanda, PDB). O tradutor francês de GS usou o correspondente, a seu ver, *ballot* — gíria que significa pessoa lenta e desajeitada; homem grosseiro: “Perguntei a um, onde era que tudo se depositava. — Eh, *bereu*... Bota em algum lugar...” (168).

**BERRA** — Cio dos veados e touros; brama. À —: loc. de sentido obscuro, que pode significar no texto *desatinadamente*: “Abri à *berra* meu jaleco e a minha camisa” (486).

**BESTEANTE** — Besta, tolo, ingênuo, simplório: “Vinha e ia com um sorrizinho *besteante*, rodeava por toda a parte” (232).

**BIBOL** — Qualidade de algodão. Regionalismo mineiro (?), n. reg. “Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, *bibol* e mussulim” (593).

**BIBRA** — Corrutela de *víbora*. No Rio Grande do Norte, há a forma *briba* (pop.), nome que se dá a uma espécie de lagartixa branca: “O que me picou foi uma cobra *bibra*” (400).

**BILILICA** — *Bala*. O significado do termo é apreendido do texto; trata-se provavelmente de invenção com base na linguagem infantil: “Eu dizia: fré! — e botava *bililica* na agulha” (568).

- BILIM-BILIM** — V. **BLIMBILIM**: “Arriou os braços e mediu o chão com as costas. “Está no *bilim-bilim* — eu pensei” (79).
- BILISTROCA** — Variante n. reg. de *belistrecas* (prov. beirense): mulher que se salienta, buliçosa (Morais, GDLP): “As duas mulheres, belezas assins, dando delícias, *belistrocas*...” (517).
- BILO** — Termo obscuro, de difícil interpretação dentro do texto: “Mas, passarinho de *bilo* no desvêu da madrugada, para toda tristeza que o pensamento da gente quer, ele repergunta e finge resposta” (30).
- BILTRAGEM** — Ato ou procedimento de *biltre*: “Desfaço de covardes e de *biltragem*!” (275).
- BIMBAR** — Termo que alude ao som de sino festivo, empregado como sinônimo de festejar: “E o que debaixo de Zé Bebelo fomos fazendo, *bimbando* vitórias” (304).
- BIQUINQUIM** — Forma enfática de *biquinho*, usada, segundo M. C. Proença, como puro jogo sonoro associativo: “Machozinho e fêmea — às vezes davam beijos de *biquinquim*” (143).
- BIRBAR** — Portar-se ou agir como *birbante*, patife: “— Vou lá deixar essa cambada *birbar* por aí em sossego?!” (96).
- BIS-BIS** — Onomatopéia que designa o movimento dos lábios de quem “reza baixo”: “Do Diodolfo — mexendo num *bis-bis*: que era que sem preguiça nenhuma rezava baixo” (532).
- BLIBLOQUÊ** — Variante, por metátese, de *bilboquê*, espécie de brinquedo: “O Fonfredo tinha um *blibloquê*, a gente brincava de jogar” (232).
- BLIMBILIM** — Onomatopéia que designa o fim de alguma coisa. No texto, segundo Martinico Ramos, é “alusão ao sininho da missa póstuma”: “Acho que esse menino não dura, já está no *blimbilim*, não chega para a quaresma que vem...” (15). Var.: **BILIM-BILIM**.

- BOA-CARA** — *Boa cara*. De —: *de bom grado; de boa vontade*: “Razão dita, de *boa-cara* se aceitou” (46).
- BOBEENTO** — Qualidade de quem é *bobo*: “Mas o preto de-Rezende, que estava perto, foi quem disse, risonho *bobeento*: “— Bom?” (149).
- BOBINHÃ** — Forma enfática de *bobinha*. V. comentário em **ABREVIÃ**: “Eu não gostava daquela Miosótis, ela era uma *bobinhã*” (124).
- BOCAMORTE** — Variante, com acento lúdico, de *bacamar-te*: “Aquilo servia até para carga de *bocamorte*” (210).
- BOIANTE** — Que *bóia*, flutua: “Boas canoas *boiantes*” (106). V. comentário em **AUMENTANTE**.
- BOQUEIRÃOZINHO** — Diminutivo de *boqueirão* (bras., Nordeste), abertura ou garganta nas serras por onde passam rios (A. B. Hollanda, PDB): “Num *boqueirãozinho* já achamos companheiros outros” (215).
- BORBÔLO** — Provável forma reduzida de *borboleteamento* — ato ou efeito de adejar como as *borboletas*. Segundo MR, o termo está ligado a *borbulha*, *borborismo*: “A gente escuta a qualquer entrar o *borbôlo* rasgado dos morcegos” (98).
- BÔRRO** — *Borrado*, baço. A forma abreviada que GR empregou tem registro nos dicionários, significando “carneiro entre um e dois anos”: “Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do *bôrro* da chuva, no grosso das nuvens altas?” (220).
- BORRUSCO** — Provável forma paralela (arbitrária) de *borrasca*; temporal com vento e chuva. J. J. Villard, tradutor francês de GS, usou a correspondente *ondée* (“Sous les *ondées*, Hermogènes courrait”), que significa chuva grossa e passageira: “No *borrusco*, o Hermógenes corria” (309).
- BRABEAR** — Tornar-se *brabo*; enraivecer: “Daí, entendi o despalante, me *brabeei*” (516).



- BRABOTAR** — Variante, por metátese e dissimilação, de *borbotar*: “Má bala que lhe partira o osso, o vermelho *brabotava* e pingava” (324).
- BRAÇAGEM** — Ação de *braço*: “Eu não atirei. Não tive *braçagem*” (69).
- BRAÇO-DE-ARMAS** — Indivíduo armado para combater; combatente assalariado. Termo tomado por analogia a *mão-de-obra*: “Reunindo mais *braços-de-armas*” (167).
- BRANCA** — Empregado com o sentido — subentendido — de *arma branca*: “O aproximaço de se avir em mãos às duras *brancas*, para se oferecer fim, oferecer faca” (228).
- BRANCOR** — *Brancura*, *branquidão*: “Seu pretume dela escondido no *brancor* do dia” (298).
- BRANQUECER** — Forma aferética de *embranquecer*: “Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu *branquece*” (119).
- BRANQUENTA** — Quase *branca*; *brancacenta*, *branquicenta*: “O vulto da cabeça *branquenta*” (556).
- BRANQUIÇADA** — Forma aferética de *esbranquiçada*, tirante a *branca*. A propósito escreveu Martinico Ramos: “Num caso deste, o que vale é explicar a alusão. Aí GR indica o perigo da denúncia: o corpo do jagunço que rasteja se torna mais visível diante da cor *branquiçada*”: “Árvores *branquiçadas*, traiçoeiramente” (205).
- BRANQUIÇO** — *Branquicento*: “Os lábios da boca descolorados no *branquiço*” (190).
- BRASAL** — *Braseiro*: “Ajuntava ali brasas grandes, direto no *brasal*” (168).
- BRENHAL** — Matagal; bosque grande e espesso: “Vinham se desentocando e formando, do *brenhal*, enchiam os caminhos todos” (384).
- BRIGAL** — Relativo a *briga*; que briga: “De fato, tropeiros não eram, eu soube, mas pessoal *brigal* de Joca Ramiro” (141).

- BRINCA** — Forma reduzida de *brincadeira*, com base na linguagem popular: “Eu disfarcei, afetando que tinha sido *brinca* de zombarias” (564).
- BRISBRISA** — Aglutinação de *brisa-brisa*, para efeito de significado pluralizado. A invenção pode também ser enquadrada na “iteração onomatopaica” a que se referiu Oswaldino Marques (ob. cit., p. 34): “Puxava uma *brisa-brisa*. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto” (30).
- BRÓ** — Provável forma reduzida de *brocado*, sinônimo de *bordado*, conforme se apreende do texto. Para MR, o termo é sinônimo de *bôlo*, por analogia com *bró*, *broa* — pão composto: “Como era o Hermógenes? Como vou dizer ao senhor...? Bem, em *bró* de fantasia: ele grosso misturado — dum cavalo e duma jibóia...” (206).
- BROGÚNCIAS** — V. MOGÚNCIAS.
- BRUGO** — Variante de *bruguéia* (V. BURGUÉIA): “Num *brugo*, a meio indo para o pique do morro” (537).
- BRUMALVA** — Aglutinação do substantivo *bruma* com o adjetivo *alva*: “Na *brumalva* daquele falecido amanhecer” (52). M. C. Proença (ob. cit., p. 229) comenta, a propósito: “A aglutinação é outro recurso que, por suas possibilidades neológicas, não poderia faltar na linguagem de Guimarães Rosa. Enquanto a afixação introduz alteração semântica no radical [...] a agregação de dois radicais criam uma soldadura de significados pluralizados”.
- BRUTALHAL** — Qualidade do que é *brutal*; forma enfática de *brutalidade*: “Dividi idéia da guerra que ia ser, no *brutalhal*” (551).
- BUFOR** — Resultante de *bufo* (sopro forte): “Arrufava a crina, conforme terminou o bufo de *bufor*” (422).
- BURACAL** — Forma enfática de *buraco*: “Como se umas daquelas atravessassem até *buracal* do olho da gente” (569).

**BURGUÉIA** — Variante, por metátese, de *bruguéia* (bras., Paraíba). Cova nas serras e outeiros; lugar de acesso difícil (A. B. Holanda, PDB): “Cafuas levantadas nas *burguéias*” (379); “Ele morava numa *burguéia*, em choça muito de solidão” (508).

**BURUMBUM** — Termo onomatopaico que exprime o ruído da queda de um corpo: “*Burumbum!*: o cavalo se ajoelhou em queda, morto quiçá” (22).



**CAATINGAL** — *Caatinga* (bras.). Floresta do Nordeste brasileiro, composta de árvores que se despem de suas folhas durante a seca e que comumente é rica de espinheiros, cactáceas e bromeliáceas (A. B. Hollanda, PDB): “Pior do que batoqueira de *caatingal*” (366).

**CAATINGANO** — Natural da *caatinga*: “Um jegue já selvagem, *caatingano*” (500).

**CABEÇONA** — *Cabeça* grande; *cabeçorra*. Aumentativo irregular, com base na linguagem sertaneja: “São Habão sacudia em sim a *cabeçona*” (410).

**CACHORRAL** — Relativo a *cachorro*: “Homem atilado, *cachorral*” (213).

**CACHORRAR** — Dar modos de *cachorro* (ou canalha) a; acanalhar: “Um raso jagunço atirador, *cachorrando* por este sertão” (397).

**CAFUNDÃO** — Variante n. reg. de *cafundó* (bras.), lugar ermo e longínquo, de difícil acesso, ordinariamente entre montanhas (A. B. Hollanda, PDB): “Para trás deixamos várzeas, *cafundão*, deixamos fechadas matas” (519).

CAINTES — Que *caíam*. V. comentário em AUMENTANTE: “Os soldados aiando gritos, se abraçavam com os animais *caintes*” (69).

CAIR — — *no mundo*: Variante n. reg. de cair no oco do mundo (bras., Nordeste); *desaparecer*. No Sul, é de uso corrente *pisar no mundo*, de mesmo significado: “Ezirino *caiu no mundo*. Daí, começou voz que ele tinha fugido para se bandear com os zé-bebelos” (174).

CAMINHAÇÃO — Ato ou efeito de *caminhar*: “Quem sabe Joca Ramiro, na lei da *caminhaço*, não estava esquecido de conhecer os homens?” (179).

CAMINHADIÇO — *Caminhante, caminhador*: “No fazer meu partícipio de jagunço, fiquei *caminhadiço*” (237).

CANALHAGEM — Ação própria de *canalha*; *canalhice*: “Quer me aconselhar *canalhagem* separada” (331).

CANJOÃO — Termo obscuro, provavelmente nome de árvore, a se apreender do texto: “Eu estava debaixo duma árvore muito galhosa: *canjoão*?” (541).

CANOAR — Navegar em *canoa*: “Medo maior que se tem, é de vir *canoando* num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande” (105).

CANTAROL — *Cantarola; canto desentoado; canto* em voz baixa: “*Cantavam cantarol*, uns, aboiavam sem bois” (163).

CANTÁVEL — Empregado no sentido de *que canta* e não no usual *que se pode cantar*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “As velhas tiravam ladainha, gente *cantável*” (59).

CANTO-CLIM — *Canto* do periquito. A partícula anexada ao substantivo, de natureza onomatopaica, serve de aliteração e caracteriza o canto dos pássaros da família dos Psitácidas: “*Aviavam vir os periquitos, com o canto-clim*” (309).

CAPISTRAR — Do lat. *capistro* — *encabrestar*, (fig.) açai-mar, conter. Usado no sentido de sentir-se dominado:

- “Assomo assim de frechar surpresa, a gente *capistrou*, grossamente, e sem fala” (359).
- CARACÃES — *Cara de cães*. Aglutinação de *cara* — *cães*, usado como termo insultuoso: “Arraso, cão! *Caracães!*” (292).
- CARANTONHO — Masculino de *carantonha* — cara feia, esgar, empregado, com propriedade, por GR: “Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, *carantonho*, nas faces duma cobra cascavel?” (13).
- CARDÕES — Forma aferética de *ricardões*, termo empregado no texto para designar os jagunços do bando de Ricardão: “Mas os hermógenes e os *cardões* roubavam, defloravam demais” (58).
- CARETEJO — Que, ou aquele que faz *caretas*; *careteiro*: “E riu chiou feito um sôim, o *caretejo*” (261).
- CARNANÇA — Porção de *carne*; grande quantidade de *carne*: “O buraco medonho horrendo, se aparecendo a toda *carnança*” (503).
- CARRANCISTA — *Carranca*; pessoa apegada ao passado; *passadista*: “Medeiro Vaz não era *carrancista*” (45).
- CARREGAÇÃO-DOS-OLHOS — (Pop.). Conjuntivite. Termo registrado sem hifens, forma conservada na 3.<sup>a</sup> ed. de GS, p. 500: “Alaripe teve uma *carregação-dos-olhos*” (520).
- CARREGUME — Qualidade de *carregoso*, pesado: “Ao que era por tanto negrume e *carregume*” (396).
- CARTEADO — *Quarteado*; parte-sim-parte-não; manchado (MR): “O verde *carteado* do grameal” (309).
- CARUJO — Aglutinação de *cara* + *sujo*; cara de diabo: “Lá vai obra, cão *carujo!*” (249).
- CASARONA — Aumentativo irregular de *casa*; *casarão*: “As linhas e telhas da antiga *casarona*” (339).
- CASCANTE — Que *casca*, bate ou dá pancadas: “Uns (cavalos) saltavam erguidos em chaça, as mãos *cascantes*, se deitando uns nos outros” (334/5).

- CASTANHETAR** — Variante de *castanhetejar*; estalar com os dedos grande e polegar: “Se levantou, e se mexeu de modo, fazendo xetas, mengando e *castanheteando*” (159); “Dobrei, de costas, *castanhetei* para os cachorros” (447).
- CATRAPUZ** — *Catrapus*; voz imitativa de queda repentina e ruidosa (A. B. Hollanda, PDB): “De repente, com *catrapuz* de sinal” (413).
- CAVACAR** — Forma aferética de *escavacar*; cavar, escavar: “De aurora, *cavacamos* uma funda cova” (81).
- CAVALAMA** — Porção de *cavalos*: “Tropa com cavalos, *cavalama*” (68).
- CAVALANÇO** — Aumentativo irregular de *cavalo*: “Só se ouvia o resfol deles, *cavalanços*” (52).
- CAVALEIRAMA** — Multidão de gente a *cavalos* “E, no abre-vento, a toda *cavaleirama* chegando” (246).
- CAVALHAR** — *Cavalgar*, *cavalear*: “Zé Bebelo assim na dianteira sempre *cavalhava*” (388).
- CEGUEZ** — *Cegueira*: “Desconforto de se esbarrar nos gar-ranchos, às tatas na *ceguez* da noite” (146).
- CERCÃ** — Que é das *cercanias*; vizinha; próxima. V. comentário em ABREVIÃ: “Vulto de árvores da mata *cercã*” (195); “E se chegou na fazenda *cercã*, que era por lá, a Barbaranha dita” (443).
- CERERÊ** — Segundo explicação de GR ao seu tradutor italiano (ob. cit. p. 33), *cererê* seria “como uma dança, confusa, entrecruzando-se movimentos”: “A gente obra jeito de se escapar, no *cererê* da confusão” (328).
- CERERÉM** — Semantema de trepidação — de asas de urubu (MR): “Urubus puderam voar *cererém*” (97).
- CÊS** — *Vocês*. Alteração, com base na linguagem popular, do pronome da segunda pessoa. Antenor Nascentes (in *O Linguajar Carioca*, p. 89) anotou essa alteração morfológica que tem como variante *vancê*: “*Cês* dois assentam bem, como se combinam...” (370).

CHEFIM — *Chefinho; chefezinho*: “O Teofrásio, meio *chefim* deles” (437).

CHEGA — Terceira pessoa do singular, indicativo presente do verbo *chegar*, termo usado, enfaticamente, como substituto da conjunção *que* (uso corrente no Nordeste): “A raiva de fúria de repente igualava todos, nos mesmos urros e urros, uns e uns, contras e contrários — *chega* se queria combinar de botar fora as armas-de-fogo, para o aproximaço de se avir em mãos às duras brancas” (228).

CHIIM — *Chiinho; chiozinho*; pequeno *chio*: “E o *chiim* dos grilos ajuntava o campo” (30).

CHIRILIL — Onomatopéia da voz aguda de alguns animais: “O *chirilil* dos bichos” (413).

CHIRILIM — Variante de *chirilil*, com terminação nasalizada: “Os grilos no *chirilim*” (118).

CHOCHORRO — Forma reforçada de *chorro*, por iteração silábica usada no sentido de *sussurro*: “Só o *chochorro* mateiro, que sai de debaixo dos silêncios” (548).

CHOREJAR — O verbo *chorar* acrescido do sufixo *ejar* (= começo de ação, frequência), forma analógica de *lacrimejar*: “A cada que eu dava um tiro, forcejava minha careta, *chorejava*” (332).

CHOUPÃ — Forma apocopada de *choupana*: “Todas as palmas tão lisas, tão juntas, fechavam um coberto, remedando *choupã* de índio” (63).

CHUME-CHUME — Onomatopéia do ruído do vôo das tanajuras, que pode ser sinônimo de *enxame*: “Mas o esbagoar estirante das tanajuras vinha para toda parte, mesmo no meio da gente, *chume-chume*, fantasiado duma chuva de pedras” (523).

CHUNGAR — Verbalização de *chunga*, sinônimo de *seriema* — ave pernalta do Brasil: “As tantas seriemas que *chungavam*” (310).



- CHUPO — (Bras., Nordeste). Sorvo; gole. Termo n. reg. entre os brasileirismos do PDB: “Bebi meu primeiro *chupo* d’água” (51).
- CHUS — *Chut*; *sht*; quieto! silêncio! (MR): “E mais não digo; *chus!*” (140).
- CHUSMA — Substantivo (tripulação, grande quantidade) usado por GR como adjetivo, sinônimo de *grande*, *numerosa*: “Aí cavalaria *chusma*, arruá que chegando, aos estropes, terras arribavam” (237).
- CHUSMOTE — Pequena *chusma* ou magote: “Mas os outros, *chusmote* deles, eram só molambos de miséria” (377).
- CIDADÃ — Relativo à *cidade*; que tem aspecto de *cidade*. Usado como adjetivo, com sentido não registrado pelos dicionários: “Chegava em terra *cidadã*” (184).
- CIRIRI — Variante n. reg. de *cricri*: “Assim eu ouvindo o *ciriri* dos grilos” (194).
- CISADO — *Sisado*; sinônimo (ant.) de diminuído. A grafia com *c* permanece na 3.<sup>a</sup> ed. de GS, p. 400: “Assim eu estava desdormido, *cisado*” (417).
- CLARÁGUAS — *Claras águas*. V. comentário em BRU-MALVA: “*Claráguas*, fontes, sombreado e sol” (29).
- CLAREARZINHO — Diminutivo do verbo *clarear*. V. comentário em ASSOVIAMZINHO: “Só íamos abrir fogo, de surpresa, no *clarearzinho* da madrugada” (200).
- CLIM — Sinônimo de *fio*, no texto; termo usado para efeito de ênfase e aliteração, formando “expressão superlativa”, no entender de M. C. Proença: “Um *clim* de clina de cavalo” (126).
- COCORAL — *De cócoras*: “Sem-ordem daquele cego, estúrdio, agachado lá, *cocoral*” (580).
- COISICE — Qualidade de *coisa*; *coisa*: “O que eu tinha, por mim — só a invenção de coragem. Alguma *coisice* por principiar” (404).

- COITÉ — *Cuité; cuia*; vasilha feita com as metades do fruto da *cuieira*: “Muitos misturavam a jacuba pingando no *coité* um dedo de aguardente” (168).
- COLOMBINHAR — Provável verbalização de *colomba* (columba); verbo usado para designar o modo e o silêncio — de *pomba* — com que os jagunços rastejavam: “Que nem em curvas *colombinando*, rastejassem” (534).
- COLOMINHAR — Agir com *colomim* (do tupi *kulumi* = menino); brincar; divertir-se infantilmente: “Coração vige feito riacho *colominhando* por entre serras e varjas, matas e campinas” (187).
- COMBLÉM — Forma aportuguesada do francês *comblain*; carabina inventada pelo belga *Comblain*: “Faltavam os rifles e outros: manlixa, granadeira e *comblém*” (209).
- COME-CALADO — No —: expressão equivalente a *pela calada*; *à socapa*; *à surdina*: “Providencieei para mim uma jacuba, no *come-calado*” (64).
- COMPANHEIRAGEM — Vida de *companheiros*: “Pronta comida, bons repousos, *companheiragem*” (133).
- COMPANHEIRICE — Qualidade de *companheiro*: “Com os rapazinhos de minha idade, arranjei *companheirice*” (114).
- COMPERTENCER — Forma enfática de *pertencer*, no sentido de *caber*; *ser próprio de*: “Só solicito que o senhor determine minha ida em modo correto, como *comper-tence*” (277).
- COMPESAR — O prefixo *com* anexado ao verbo *pesar*, com o sentido de *pesar* ao mesmo tempo: “Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de *compesar*, numa mão e noutra, amor com amor” (140).
- CONCABER — Forma enfática de *caber*, pela agregação do prefixo *con* (= intensidade, concomitância): “Um inventou uma fronha de cama: a que, presada com cor-reia ou corda, para tiracol, *concabia* tiros em boa dose” (364).

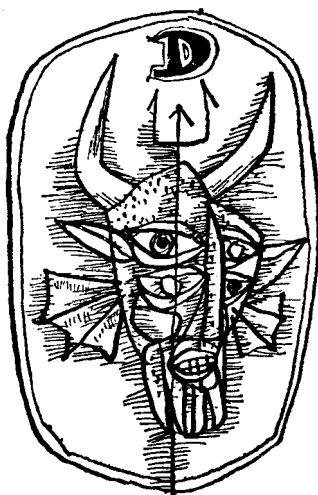
- CONCISAR — Ter *concisão*; precisar: “— Tudo viva!, Rio-baldo, *Tatarana*, Professor...” — ele *concisou*” (592).
- CONCO — Forma apocopada de *côncavo*, com base na linguagem popular: “Com um vintém azinhavrado no *conco* da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimentos” (73).
- CONCÔCO — Onomatopéia do ruído de bolas (de bilhar, no texto), chocando-se umas nas outras: “O *concôco* daquelas bolas umas nas outras, deslizadas...” (162).
- CONCORRER — *Correr com; correr junto*. Formação nova de palavra já existente na língua, pelo restabelecimento do sentido etimológico do radical e do prefixo, adquirindo assim significado diverso do usual e conhecido (Cf. IVG, ob. cit., p. 41): “Desde aí, no *concorrer*, se saía por uma porta” (364).
- CONCRUZ — *Encruzilhada*; ligação de *cruz*: “Lugar meu tinha de ser a *concruz* dos caminhos” (412).
- CONDENA — *Condenação*: “Agora, quem quisesse, podia referir acusação [...], seus motivos; e propor *condena*” (260).
- CONFA — *Confabulação*: “Eles todos reunidos no meio do eirado, numa *confa*” (255).
- CONOME — *Cognome* ou *com o nome*: “Era a *Ageala*, *conome* assim” (515).
- CONSABIDO — Forma reforçada de *sabido*: “Valente, e *consabido* de ajuizado!” (83). Participio do verbo *consaber*, com o sentido de ‘sabido por todos’, ‘estabelecido como certo’, ‘dado como certo’, ‘mais do que sabido’ (Cf. IVG, ob. cit., p. 43): “*Consabido* que meus homens, por sincera precisão de mulher, armavam querer de trazer uma delas” (513). “*Consabido* que na noite antes eu tinha viajado em todo regime de estrelas” (565).
- CONSCIENCIADO — Que tem *consciência*; *consciencioso*: “Mas ele se estreitava em meus palpos, *conscienciado*” (351).

- CONSEGUIR — O prefixo *com* anexado ao verbo *seguir*, com o sentido de *perdurar, continuar junto*. V. comentário em CONCORRER: “Ninguém podia descobrir, para remexer com desonra, o lugar onde se *conseguiam* os ossos dos parentes” (45/46).
- CONSELHANTE — Que *conselha*. V. comentário em AUMENTANTE: “Ele me indicou, muito *conselhante*” (509).
- CONSENTÃ — *Consentânea*; apropriada. V. comentário em ABREVIÃ: “Que fossem arranjar para ele uma outra, *consentã*” (536).
- CONSPEITO — Forma arcaica de *conspecto* e *conspeto*; presença: “Ele tinha *conspeito* tão forte, que perto dele até o doutor, o padre e o rico, se compunham” (46).
- CONSTRAGAR — Verbo formado pelo radical de *constranger* (apertar) com *tragar* (devorar, absorver): “Jibóia *constraga* mas não tem veneno” (409).
- CONTRACALADO — *Calado contra* a vontade: “Tempo que andamos, *contracalados*” (365).
- CONTRACONTAS — *Contrário* a *contas*: “Saranga fui, *contracontas*, contra aquele paranãista lordaço” (528).
- CONTRAFIM — *Contrário* ao *fim*; começo: “Saísse de lá, eu não tinha *contrafim*” (185).
- CONTRAGUERRA — *Guerra* em oposição a outra: “Nossos dois bandos viajavam em guerra e *contraguer-ra*” (495).
- CONTRA-LADO — Do *lado contrário*: “João Nonato, com o Escopil, jogam de *contra-lado*...” (162).
- CONTRAVERTÊNCIA — Lado *contrário* a *vertente* ou *declive*. Sinônimo: *active*: “Por diante da *contravertência* do Preto e do Pardo...” (35).
- CONTRAVERTENTE — V. CONTRAVERTÊNCIA: “Na beira do córrego Dinho, ou para lá, em volta, nas *contra-vertentes*” (200).

- CONTRAVISTO** — *Visto* do lado *contrário*: “Por entre umas árvores pequenas, dava réstias de claridade, e um formato de homem, *contravisto*” (209).
- CONVINHAVEL** — Que *convém*: “Achei que ali *convinhável* não era se ficar muito tempo juntos” (168).
- COQUEXAR** — Provável variante de *coaxar*: “Aí pelo mato das pindaibas avante, tudo era um sapal. *Coquexavam*” (291).
- CORAÇÃOADOS** — Do *coração*: “João Goanhá, mais do que todos, era atreito a esses palpites de fino ar, *coraçãoados*” (217).
- CORPOSO** — *Corpulento*; grande: “Eram aqueles assombrados rinchos, de *corposo* sofrimento” (336).
- CORRIGIMENTO** — Ato ou efeito de *corrigir*: “Sempre sobrevinha para *corrigimento* alguma revirada” (402).
- CORRUBIAR** — Verbalização de *corrubiana* (bras.), fenômeno meteorológico observado em algumas regiões montanhosas de Minas Gerais, e que consiste na queda de neblina frígida no inverno ou no verão, acompanhada de vento sueste (A. B. Hollanda, PDB): “Branquejavam aqueles grossos de ar, que lubrinam, que *corrubiam*” (416).
- CORRUTE** — Onomatopéia do ruído da mastigação dos animais: “Momentos calados ficamos, se ouvia o *corrute* dos animais, que pastavam à bruta no capim alto” (155).
- CORUJANTE** — Semelhante à *coruja*: “A mãe-da-lua, de vôo não ouvido, *corujante*” (520).
- CORUSCO** — *Coruscação*; fulgor, clarão: “O *corusco* de labareda alguma” (387).
- COSCUVILHO** — *Coscuvilhice*; enredo, intriga: “Assim então esbarrei aquilo com que me aperreavam, os *coscuvilhos*” (169).
- COSSA** — À —: *acossadamente*. V. comentário em **ALTAS**: “Sabiam vir, à *cossa*” (541).

- COSTELAME** — Porção de *costelas*: “Tinham limpado a carne daquele *costelame*” (391).
- COSTUMAÇÃO** — *Costume*: “Ah, então, sempre achei: por causa de minha *costumação*” (397).
- COTUCAR** — Variante n. reg. de *catucar* ou *cutucar* (bras.), tocar ligeiramente alguém com o dedo, cotovelo ou algum objeto (A. B. Holanda, PDB): “A sorte do dia, eu *cotucava*” (331). A grafia com *o* permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 317.
- CRÉ** — Adv. usado na locução *cré com cré, lé com lé*: cada qual com seus iguais (Lello Popular). GR usa o elemento isoladamente, sem função gramatical e sem significado, para efeito de ênfase e aliteração: “*Cré* que o caroá levanta a flor” (25).
- CRESPIDO** — *Crespo*; *crépido*; de superfície áspera: “Jacaré choca — olhalão, *crepido* do lamal” (33).
- CRÊVO** — Termo obscuro, usado na exclamação “a crêvo!”, que pode ser sinônimo de “a fogo!”, empregado por GR no mesmo período: “— A fogo! A *crêvo*!” — isto João Curiol gritava” (249).
- CRIATURO** — *Criatura*. Flexão do gênero irregular, com base na linguagem sertaneja: “Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era *criaturo* de Deus” (55).
- CRICO** — Variante n. reg. de *cricri*: “O *crico* de grilos e tantos bichinhos divagados” (206).
- CRIS** — Forma apocopada de *cristão*. Os dicionários registram o termo como sinônimo (pop., ant.) de escuro, obscuro, acepção que pode caber ao texto: “Aquele homem inimigo derrubado jeremiava, *cris*, querendo enterar as unhas na casca dum pau” (523).
- CRISTO-JESUS** — Empregado como sinônimo de *paz*, sossego, descanso: “Onde criminoso vive seu *cristo-jesus*, arredado do arrocho de autoridade” (9).

- CRONDEÚBA** — Nome de árvore, sem registro nos dicionários: “Desde as *crondeúbas*, nascidas em extraordinárias quantidades” (512).
- CRONDEUBAL** — Relativo a *crondeúba*: “Se estava no para ver esses campos *crondeubais* da Bahia” (504).
- CRUEZ** — *Cruzea*: “Vi tanta *cruetz*!” (23).
- CRUZ-CRUZ** — *Cruzadas, encruzadas*. Iteração do substantivo, com função de adjetivo plural: “Deram que levasse carabinas, suas outras armas, e *cruz-cruz* cartucheiras” (279).
- CRUZCRUZAR** — Forma reforçada de *cruzar*, no sentido de interferir: “Alaripe ainda *cruzcrizou*: “— A gente — pode ser que lá a gente faz falta...” (559).
- CRUZO** — *Cruzamento*: “Só o *cruzo* de meus cavaleiros, amontados todos” (549).
- CULHA** — Termo sem significado (3.ª pessoa do sing., ind. presente do hipotético verbo *culhar*), empregado para efeito de rima: “Está aqui um que empulha e não *culha*” (144).
- CUTILQUÊ** — Variante n. reg. de *cutiliquê*. De —: de pouca monta, sem importância: “Não queria conversa de *cutiliquê*” (95).



**DALALALA** — Terceira pessoa do singular, indicativo presente do hipotético verbo *dalalalar*. Verbo criado para descrever a ação da labareda, o que GR consegue de forma mais que precisa, inclusive pelo aspecto gráfico da palavra, com as consoantes e vogais alternadas sugerindo o fogo em movimento: “Aquilo bonito, quando tição aceso estala seu em faíscas — e labareda *dalalala*” (310).

**DANÃ** — Forma abreviada de *danada*. V. comentário em **ABREVIÃ**: “Aí torcemos caminho, numa poeira *danã*” (478).

**DANADÓRIO** — Lugar de *danação*: “Então, eu estava ali era feito um escravo de morte, sem querer meu, no puto de homem, no *danadório*” (212).

**DANSAÇÃO** — Ato ou efeito de *dançar*. GR grafia com *s* as palavras derivadas de *dança* e conserva as formas na 3.ª ed.: “Você quer *dansação* e desordem...” (459).

**DANSADINHOS** — Que *dançam*. Diminutivo do particípio passado do verbo *dançar*. V. comentário em **ASSOVIAM-**



ZINHO: “Uns mosquitos *dansadinhos*, tantos de se desesperar” (144).

DANSÁVEL — Que *dança*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Naquelas raras fumaças *dansáveis*” (323).

DAR A VENTA — Morrer: “Rolou os olhos; que ralava, no sarrido. Foi dormir em rede branca. *Deu a venta*” (80).

DAVANDITO — *Sobredito*; dito acima ou antes: “Aquilo, *davandito*, ele tinha falado solto e sem serviço” (492).

DAVDIVA — *Dádiva*: “Por conta da *dávdiva* daquela pedra” (556). GR usa também a forma *dáv'diva*, à p. 554, com o mesmo significado.

DAVEL — Que se pode *dar*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Ouvi minha voz, que falando a *dável* resposta” (346).

DEAMAR — Forma enfática de *amar*: “*Deamar, deamo...* Relembro Diadorim” (41). “E Nhorinhá eu *deamei* no passado, com um retardo custoso” (140). M. C. Proença (ob. cit., p. 228) classifica os prefixos usados por GR em três grupos: 1.º os que, embora revitalizando a palavra não lhe alteram o sentido, e aqueles em que vale como processo de síntese; 2.º os que atuam como força intensificadora do sentido. Nesse grupo — esclarece — os prefixos *re* e *des* têm incontestável predominância, sendo de notar que foram utilizados com sentido diferente do usual: o *re*, habitualmente empregado como indicativo de repetição, aparece freqüentemente com simples ação intensificadora, assim como o *des*, que na linguagem comum apenas exprime ação contrária à do radical; 3.º os empregados na formação de antônimos. A esse respeito, comenta IVG (ob. cit., p. 48): “Embora Cavalcanti Proença tenha classificado *deamar* entre os casos em que a prefixação, ‘embora revitalizando a palavra, não lhe altera o sentido’, acreditamos que Guima-

rães Rosa tenha ido buscar esse verbo diretamente no latim, onde existe *deamare*, significando ‘amar muito, apaixonadamente’. É a explicação — prossegue a autora — que nos parece mais lógica para uma forma que em português é tão inesperada”.

**DEBEBER** — *De + beber*, como o sentido de *dar de beber*: “Água não havia. Capim não havia. A *debeber* os cavalos em cocho armado de couro, e dosar a meio, eles esticando os pescoços para pedir” (52). Comentava IVG, ob. cit. p. 49: “Nessa construção bastante obscura, o sujeito de *debeber* parece ser *nós*. Numa tentativa de reconstrução, teríamos algo como “estávamos a dar de beber aos cavalos”. O verbo *debeber* assume, pois, significado causativo, tendo *cavalos* por objeto. Sua formação deve-se provavelmente à analogia com o substantivo *de-comer*, muito usado pelo povo”.

**DECHOVER** — Não *chover*. V. comentário em DEAMAR: “Ia *dechover* mais em mais. Tardinha que enche as árvores de cigarras — então, não chove” (30).

**DECISO** — *Decidido*: “Ao que, pelo mais, puxei em frente, pondo meu cavalo: com espora, rédea e pernas. *Deciso*” (453).

**DEERRADO** — *Errado*. V. comentário em DEAMAR: “Ele estava perdido, *deerrado* de rota” (78); “Lugares *deerrados*” (55).

**DEERRAR** — *Errar*; vaguear: “Tocamos, fim que o mundo tivesse. Só *deerrávamos*” (74).

**DEFASTAR** — *Afastar*. V. comentário em DEAMAR: “Diadorim encolheu o braço, com o punhal, se *defastou* e deitou de corpo, outra vez” (195).

**DEFINITIVIDADE** — Qualidade de *definitivo*: “Para se terminar com a maleita, em *definitividade*!” (418).

**DEGOLAL** — Que, ou aquele que sofreu *degola*: “Nem no pobre do Treciziano, que estava ali, *degolal*” (502).

DEGOZAR — Forma enfática de *gozar*. V. comentário em DEAMAR: “Esse *degozava* de mostrar que tinha tomado entendimento” (536).

DEI — *Déu*. Variante empregada para efeito de rima e aliteração: “Andei em *dei*, até que lembrei” (182).

DEI'STÁ — *Deixa estar*. Grafia da pronúncia popular, equivalente ao *xastá*, anotado por Antenor Nascentes, in *O Linguajar Carioca*, p. 77: “*Dei'stá*, tem tempo, Diadorim, tem tempo...” (434/5).

DELÉM — Onomatopéia do barulho do sino; empregado por GR como sinônimo de *chamado*. Mary Daniel interpreta o termo como sinônimo de *dilema*: “Era um *delém* que me tirava para ele” (30).

DEMASEIO — Variante de *demasia*, com base na linguagem popular: “E a de, mesmo no punir meus *demaseios*, querer-bem às minhas alegrias” (42/3).

DEMEAR — *De* + *mear*, usado com o sentido de pôr no meio de; pôr ou estar próximo: “Estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, *demeiar*, de feito, meu coração, naquelas lembranças” (175). “E que mesmo o Sucruíu ainda *demeava* vizinho justo demais” (393). Cf. IVG (ob. cit., p. 50), que acrescenta: “Esse verbo parece ter sido criado nos moldes de outros como *permear*, *entremear*. De acordo com o contexto, seu significado deve ser ‘pôr no meio de’, ‘pôr ou estar próximo’. No segundo exemplo, essa relação de proximidade é tornada mais clara pelo pleonasma (“*demeava* vizinho justo”) que a intensifica, junto com o advérbio *demais*”.

DEMEDIR — *Medir*. V. comentário em DEAMAR: “Não *demedi* nem testa” (19).

DEMORÃO — Que, ou aquele que demora; demorado: “Mas veio *demorão*, vagaroso até aonde a canoa” (109); “Tinha de vir, *demorão* ou jãjão” (413).

- DEO-GRATIAS — Forma substantivada da loc. latina; *graças a Deus*, empregada ironicamente quando alguém se vê livre de alguma obrigação desagradável (PDB, *Apêndice*): “Da vida pouco me resta — só o *deo-gratias*” (99).
- DÊPO-DEPOIS — Forma enfática de *depois*, por iteração verbal: “E daí avançar aquilo que se disse, *dêpo-depois*” (44).
- DERRESPOSTA — Falta de *resposta*. V. comentário em DEAMAR: “Ele me contrariou com *derresposta*” (564).
- DERRIR — *Rir* com derrisão; *rir* com mofa, escárnio: “Derri dele, brando” (510). Cf. IVG (ob. cit. p. 48): “O contexto deixa claro o sentido de zombaria que há no riso do personagem, como no verbo latino *deridere*, de que nos ficou o derivado *derrisão*”.
- DESABANDONAR — *Abandonar*. V. comentário em DEAMAR: “Mas *desabandonamos* aquilo, às pressas” (510).
- DESACOCORAR — Sair da posição de *acocorado*, agachado: “Titão Passos se *desacocorou*” (259).
- DESAJEITO — Falta de *jeito*; desajeitamento: “Num *desajeito*, ele fungava” (488).
- DESAJOELHAR — Sair da posição de *ajoelhado*: “Mas a Maria Mutema se *desajoelhava* de lá, de olhos baixos” (222).
- DESALMA — Inexistência (ou incerteza) de *alma*: “E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais — alma e palma, e *desalma*” (414). O contexto permite também uma interpretação com base no verbo *desalmar* e no adjetivo *desalmado*.
- DESALUÍDO — Não *aluído*; acalmado, serenado: “*Desaluídos* é que eles estavam comigo” (490).
- DESAMARGADO — Não *amargado* ou *amargo*. V. comentário em DEAMAR: “Até ao *desamargado* dos sonhos...” (332).

- DESAPÊIO** — Ato ou efeito de *desapear*, desmontar. O acento circunflexo no ditongo fechado permanece, contrário aos preceitos ortográficos, na 3.<sup>a</sup> ed., p. 84: “Pelo que ouvimos: um galope, o chegar, o riscar, o *desapêio*” (87).
- DESARRASTADO** — *Arrastado*. V. comentário em DEAMAR: “Daqui, deste mesmo lugar, mais não vou! Só *desarrastado* vencido...” (54).
- DESARTE** — Falta de *arte*, falta de modo: “Relatar a eles dois todo tintim de minha vida, cada *desarte* de pensamento e sentimento meu” (558). Para IVG (ob. cit., p. 63), “relatar cada *desarte* de pensamento e sentimento” seria “contar minuciosamente cada feição de pensamento e sentimento”.
- DESATRIBULADO** — Não *atribulado*: “Meus homens, os troados brabos jagunços, por uma palavra minha *desatribulados*” (550).
- DESBANDO** — *Debandada*, dispersão: “Determinou (o delegado) o *desbando* do povo” (60).
- DESBOWEAR** — Forma enfática de *bobear*. V. comentário em DEAMAR: “O homem, mesmo, era que se franzia, no não dizer, não *desbobeava*” (467).
- DESBRAÇAR** — Forma enfática do verbo *braçar*, n. reg., empregado no texto com o sentido de *prender os braços*: “Quem era que me *desbraçava* e me peava, supilando minhas forças?” (580).
- DESBRAGA** — *Desbragamento*; descomedimento: “No meio da *desbraga* do quanto combate, na torração” (327); “Não dei em nenhuma *desbraga*” (444).
- DESCAMPAR** — Tornar descampado (o mato); retirar. Termo com acepção diferente da registrada pelos dicionários, qual seja: correr pelo *campo*; desaparecer: “O preto já levantado para o trabalho, *descampando* mato” (142).

- DESCARECER — Não *carecer*. V. comentário em DEAMAR: “A gente *descarecia* de cuidar dos burros” (142).
- DESCENTE — Que *desce*. V. comentário em AUMENTANTE: “Ainda divulguei, nas sofredas *descetes*, homens que corriam” (214).
- DESCOMUM — *Incomum*, fora do *comum*: “E de repente eu estava gostando dele, num *descomum*” (236). Cf. IVG (ob. cit., p. 58): “Embora nessa construção não fosse de esperar a forma *incomum*, substantivado, tal forma existe e é freqüente na língua. Para a substituição de prefixos deve ter contribuído o adjetivo *descomunal*, que sobrevive à forma arcaica *comunal*”.
- DESCONVERSAR — (Fig.). Mudar de rumo! “Como mau jeito, a canoa *desconversou*” (105).
- DESCORRIGIDO — Não *corrigido*: “Fosse eu caso perdido de lei, *descorrigido* em bandalho” (191).
- DESDEIXAR — *Desleixar*, abandonar: “*Desdeixei* duma roxa, a que me suplicou os carinhos vantajosos” (191).
- DESDEIXO — Ato ou efeito do verbo *desdeixar*; *desleixo*: “Remediando o sertão do *desdeixo*” (418).
- DESDOADA — Não *doad*. V. comentário em DEAMAR: “Terras muito deserddadas, *desdoadas* de donos” (492).
- DESDOIDAR — Curar-se da doidice ou loucura. V. DESENDOIDECER.
- DESEMALOCAR — Tirar da *maloca* ou esconderijo: “*Desemalocaram* duas gordas novilhas, carneadas fartas para a nossa refeição” (393).
- DESEMBESTO — Ação de *desembestar*; desembestamento: “Escouceantes, no esparrame, no *desembesto*” (335).
- DESEMENDAR — Deixar de *emendar*, corrigir ou reparar: “Sei que estou contando errado, pelos altos. *Desemendo*” (98).
- DESEMPENADINHO — Muito *empinado*: “Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal (...) *desempenadinhos*” (143). Cf. IVG (ob. cit., p. 63): “A presença do prefixo

*des*, que nessa palavra Cavalcanti Proença explica como simples intensificador, embora guardando esse valor, pode ser melhor interpretada como resultante do cruzamento de *empinadinho* (empinado: direito, erguido) com *desempenadinho* (des-empenado: sem empeno, direto, forte, galhardo, destemido)".

DESENCURTAR — Não *encurtar*; distanciar: "*Desencurtamos os cavalos*" (135). Segundo IVG (ob. cit., p. 52), o emprego do termo "parece ser uma metonímia: "desencurtamos os cavalos" por "desencurtamos as rédeas".

DESENDOIDECER — Curar-se da *doidice* ou loucura: "Por isso é que se carece principalmente de religião: para se *desendoidecer, desdoidar*" (17).

DESENGRAÇA — Substantivação do verbo *desengraçar*. Sinônimo de antipatia: "Que um, o sem pescoço, baixinho descoroçoou, na *desengraça*, observou" (437).

DESENORME — Forma enfática de *enorme*. V. comentário em DEAMAR: "Um açudinho, entre palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, *desenormes*" (13).

DESENROUQUECER — Perder a *rouquidão*: "Oi, grita, arara, araraúna, para a tua voz *desenrouquecer!*" (456).

DESENTRAR — *Entrar*, no sentido de *apoderar-se* de: "*Desentrando* da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e legal!" (131).

DESERTEAR — *Desertar*; desistir de: "Saio daqui com vida, *deserteio* de jaguncismo, vou e me caso com Otacília!" (54).

DESESPIRITAR — *Des* + *espiritar*, empretado no sentido de *desanimar*: "— Por via de que é que vocês *desespiritaram* de seguir vinda com a gente?" (488). Cf. IVG (ob. cit., p. 53): "*Desespiritar* foi, certamente, formado por analogia com *desanimar*, de que é etimologicamente, sinônimo perfeito. Mas, uma vez que o sentido etimológico de *desanimar* já se obscureceu, *desespiritar* é palavra mais motivada e concreta".

- DESESTRIBADO — Não *estribado*; solto, livre: “Viviam à-toa, *desestribados*” (397).
- DESEXISTIR — Deixar de *existir*; morrer: “Dia da gente *desexistir* é um certo decreto” (54).
- DEFALAR — Não *falar*: “Em falso receio, *desfalam* o nome dele — dizem só: o Que-Diga” (10).
- DEFELIZ — *Infeliz, desinfeliz*: “Mas ele não estava lorpa nem *desfeliz*” (257).
- DESGUAR — Forma apocopada de *desguardar*: “Mais valia garantir o bom posto, sem *desguar*” (210).
- DESGUISADA — *Desaguisada*; despropositada: “Escondia uma oração tão entremunhada, *desguisada*” (491).
- DESGUISADO — *Desaguisado*; conflito entre pessoas; desordem: “Isso podia ser razão de *desguisado*” (420).
- DESIMPORTAR — Não se *importar*; desinteressar-se: “Mas, aí, eu desmanchei o encoberto [...], me *desimportava*” (554).
- DESINDUZIR — Deixar de *induzir*: “Eu disse: nãozão! Me *desinduzi*” (370).
- DESJUIZO — Falta de *juízo*: “*Desjuízo*, que me veio” (558).
- DESJUSTIÇA — *Injustiça*: “Nem espiei para trás [...] *Desjustiça*” (554).
- DESLADEAR — Não *ladear*: “Os que *desladeavam*, caíam” (545). Cf. IVG (ob. cit., p. 53): “Tomando o verbo *ladear* no sentido de ‘acompanhar indo ao lado’, podemos interpretar *desladear* como ‘desviar-se’, ‘abandonar o grupo’. O prefixo *des-*, conservando seu valor negativo (pois *desladear* é o oposto de *ladear*), adquire idéia secundária de afastamento”.
- DESLAMBER — Forma enfática de *lamber*. V. comentário em DEAMAR: “Em noites, depois, deu para se ver, deitado a fora, se *deslambendo* em vento [...] um milhão de lavareda azul” (75).



**DESLÉGUAS** — *Des* + *léguas*, podendo significar forma enfática de *léguas* ou *léguas* indeterminadas: “*desléguas*, se guerreava” (33). Segundo IVG (ob. cit., p. 62), no termo, “o *des* pode ser intensivo, indicando ‘muitas léguas’, ‘grande distância’; ou, com valor negativo, a palavra pode ter sido formada por analogia com *desorras* — ‘fora de horas’, ‘em hora inoportuna’ e, por extensão, ‘em hora tardia e imprecisa’. Assim, ‘a *desléguas*’ indicaria uma grande distância que não se conhece bem; o prefixo exprimiria a um tempo intensificação e imprecisão”.

**DESLEI** — Falta de *lei*: “Tudo na *deslei* da jagunçagem” (158).

**DESLUA** — Falta de *lua*; ausência de *luar*: “Mas, em *deslua*, no escuro feito, é um escurão” (33).

**DESMENSO** — *Imenso*: “Donde a perto dele umas poucas cinco léguas: o *desmenso*, o raso enorme” (493).

**DESMERGULHAR** — Sair de onde estava *mergulhado*; emergir: “Essas (as ariranhas) *desmergulham*, em bando” (106).

**DESMEXER** — Não *mexer*; descurar: “Dos outros, companheiros conosco, deixo de dizer. *Desmexi* deles” (148).

**DESMIM** — Contrário a *mim*. Termo empregado com o sentido de ‘ausência de vontade’ do personagem: “Quer mil gritar, e não pude, *desmim* de mim mesmo” (580). Cf. IVG (ob. cit., p. 56): “Também aqui, conservando embora sentido negativo, o prefixo exprime mais particularmente idéia de afastamento, sendo *desmim* expressão altamente enfática para nomear o estado de espírito que normalmente se diz ‘fora de mim’”.

**DESMISTURADO** — Não *misturado*; separado; afastado: “Apartado completo do viver comum, *desmisturado* de todos” (287).

**DESMORDER** — Deixar de *morder*; não *morder*: “O Herógenes não era cão de *desmorder* os dentes” (574).

DESOFERECER — Não *oferecer*; empregado no texto com o sentido de oferecer a contragosto: “E aí o Dos-Anjos me *desofereceu* o trabuco dele” (536).

DESOMBRADO — Fora do *ombro*: “Sô Candelário, arre avante, aos priscos, a figura muita, o gibão *desombrado*” (262).

DESORDEAR — Tirar da *ordem*; *desordenar*: “Mas não *desordeei* nem coagi, não dei em nenhuma desbraga” (444).

DESOUVIR — Não *ouvir*; fingir que não *ouve*: “Assim já tinha ouvido de outros, aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu *desouvira*” (123).

DESPAÇADO — *Espaçado*: “Inda hoje apreçoio um bom livro, *despaçado*” (16). V. IVG (ob. cit., p. 50): “Aqui o *de* pode ser interpretado como simples prótese ao adjetivo *espaçado*, ‘intervalado quanto ao tempo ou espaço’, ou como uma forma de adverbializar esse adjetivo, exatamente como em *de repente*, *devagar*, *deveras*. Parece ser esta a hipótese mais correta”.

DESPARELHO — *Desaparelho*; desaparecimento: “Ouvir *desparelhos* comigo e comprido ir de tantos mil grilos campais” (556).

DESPEJADAS — Às —: *despejadamente*. V. comentário em ALTAS: “A água caía, às *despejadas*” (80).

DESPERTENCIDA — Não *pertencida*; desassistida: “Mas minha Otacília vinha, em hora tão *despertencida*, de todas a vez pior” (553).

DESPIÇO — Substantivo derivado do verbo latino *despicio* — olhar para baixo, ver alguma coisa do alto. Sinônimos: *desdém*, *desprezo*: “De *despiço*, olhei: eles nem careciam de ter nomes” (432).

DESPODER — Falta de *poder*: “No que se estava, se estava: “o *despoder* da gente” (337).

DESPRESENCIAR — Não *presenciar*: “*Despresenciei*. Aquilo foi um buracão de tempo” (416).

DESPROPOSITAL — *Despropositado*; disparatado: “Sabia seguro de um dinheirão enterrado fundo, quantia *desproposita*” (509).

DESQUEIXELADO — De *queixo* caído. Termo anotado por M. C. Proença (ob. cit., p. 231), que o coloca entre os vocábulos que passaram por processo de “rejuvenescimento, quer de conteúdo, quer de forma, de lugares-comuns e clichês estereotípicos que, tal como se observou para os arcaísmos, readquirem vitalidade, despertando a consciência do leitor já indiferente à forma velha”. || “Deviam de estar agora *desqueixelados*, no escuro” (194).

DESAZADA — *Desarrazoada*: “Serve para chamar soldados e dar atrasamento e *desrazoada* despesa” (282).

DESREDEA — Sem *rédea*; *rédea* solta: “Os mais, em *desrédea*, meteram doida fuga” (544).

DESREGRA — Falta de *regra*; *desregramento*: “Mas que em *desregra* a gente se comportava” (399).

DESRIR — Parar de *rir*: “De repente, *desriu*” (89).

DESRODEAR — *Des* + *rodear*, significando no texto retirar (alguém) em *volta de*: “Limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, e antes esses *desrodeamos*” (25/26). Cf. IVG (ob. cit., p. 52): “Fazendo o retrospecto de suas façanhas, Riobaldo diz que tinha exterminado os chefes inimigos, que não mereciam viver, mas antes matara seus sequazes, os que os *rodeavam*, fazendo-lhes companhia e defesa”.

DESTEMPO — *Destempero*; *disparate*: “O *destempo* de estar sendo debochado se irou em mim” (128).

DESTRALHADO — Provável forma enfática de *tralhado*, gíria de Portugal = em maus lençóis (Moraes, GDLP): “A horas destas, Joca Ramiro deve estar investindo aqueles, e tudo *destralhado* vencendo...” (240).

DESTORNAR — Não *tornar*, não voltar: “Como é que eu sabia *destornar* contra a minha tristeza?” (587). Cf. IVG

(ob. cit., p. 60): “Destornar contra”: o prefixo, o radical e a preposição têm valor negativo. “Toda a seqüência é uma negativa enfática, significando ‘voltar-se contra a tristeza’, evitá-la’”.

DESTRAVO — *Travo*; amargor. V. comentário em DEAMAR: “Dá sempre tristezas algumas, um *destravo* de grande povo se desmanchar” (282).

DESVÉU — Ausência de véu; diafaneidade; transparência: “Passarinho de bilo no *desvéu* da madrugada” (30).

DESVIR — Não *vir*: “E até o gado no gramela vai minguando menos bravo, mais educado: casteado de zebu, *desvém* com o resto de curraleiro e de crioulo” (27).

DESVILUMBRADO — Segundo IVG (ob. cit., p. 64), seria o cruzamento de *deslumbrado* com *vislumbrado*: “Avis-tei, como os olhos fechei, *desvilumbrado*” (345).

DEVOAR — Do latim *devolare*: voar para baixo, voar numa certa direção. Cf. IVG (ob. cit., p. 45): “Como quando com seu arreleque por-escuro, uma *nhaúma devoou*” (145).

DESVOEJAR — *Voejar*: “Altas borboletas num *desvoejar*” (372).

DESVÔO — *Vôo*. O prefixo vernáculo *des* (ação contrária, negação) é usada no termo para definir *vôo* difícil dos insetos “caintes, porque a lei delas é essa, como porque o corpo traseiro pesa tão bojudo”, como explica GR no período: “Um *desvôo* de tanajuras” (523).

DEUSDADAMENTE — *Ao deus-dará*; à toa: “Ao tanto, *deusdadamente* ele discorresse” (372). A propósito da criação de novos advérbios por GR, escreve MD (ob. cit., p. 66/7): “Já que os advérbios derivam tipicamente de adjetivos pela agregação de *-mente*, o autor cria uma série de novos advérbios seguindo este mesmo processo com relação a adjetivos ainda não apropriados pela língua corrente para este fim. Muitos dos novos advérbios assim formados comunicam uma visão originalíssima da

vida, como se fosse um menino experimentando com todos os sentidos aguçados a realidade que o rodeia”.

**DEUSDAR** — Ao —: *Ao deus-dará*: “Pelejei. *Ao deusdar*” (587).

**DEXTRAVIDADO** — Forma protética de *extraviado*, com base na linguagem popular: “Só não acabamos sumidos *dextraviados*, por meio do regular das estrelas” (55).

**DEZES** — Plural irregular do numeral cardinal; dezenas: “Aos dez e *dezes*, digo, afirmo que me lembro de todos” (442).

**DIABO** — Em GS são empregados 73 cognomes de *Diabo*, dentre os quais 41 — variantes e invenções — não se encontram nos dicionários. O narrador do romance, o jagunço Riobaldo, à maneira adotada pelos crentes supersticiosos (Cf. José Leite de Vasconcelos, *in ob. cit.*, p. 369), para não proferir o nome do Diabo, usa os seguintes eufemismos religiosos: *Aquele, Arrenegado, Austero, Azarape, Barzabu, Bode-Preto, Canhim, Canho, Cão, Capeta, Capiroto, Careca, Caroch, Caruju, Coisa-Ruim, Coxo, Cramulhão, Cujo, Dado, Danado, Danador, Das-Trevas, Dê, Dêbo, Demo, Demônio, Diá, Dião, Dos-Fins, Duba-Duba, Ele, Figura, Homem, Indivíduo, Lúciŕfer, Mafarro, Maligno, Manfarro, Mal-Encaçado, Morcegão, Muito-Sério, O, Ocultador, Oculito, O-Que-Nunca-se-Ri, Outro, Pai-do-Mal, Pai-da-Mentira, Pé-de-Pato, Pé-Preto, Que-Diga, Que-não-existe, Que-não-fala, Que-não-ri, Rapaz, Rei-Diabo, Satanão, Sata-nás, Sem-Gracejos, Sempre-Sério, Severo-Mor, Solto-Eu, Sujo, Temba, Tendeiro, Tentador, Tibes, Tinhoso, Tisnado, Tranjão, Tristonho, Tunes, Xu.*

**DIABRADA** — *Endiabrada*: “Ah, jagunço não despreza quem dá ordens *diabradas*” (497).

**DIABRALMENTE** — *Danadamente*: “Não pude, *diabralmente*, desarrazoado” (481).

- DIABRAVEL** — Que pode tornar-se *diabo*, *danado*, atacado de ira. V. comentário em **ALUMIAVEL**: “Diadorim, semelhasse maninel, mas *diabrável* sempre assim” (421).
- DIABRIM** — Pequeno *diabo*; *diabrete*: “E eu bem que já estava tomando afeição àquele *diabrim*” (446).
- DIANTINHO** — Diminutivo do advérbio *diante*; forma baseada na linguagem popular: “O punhal parou ponta *diantinho* da goela do dito” (160).
- DIOGUIM** — *Dioguinho*; *diabinho*; *diabrete*: “Segundo tinha botado desejo no meu punhal puxável de cabo de prata, o *dioguim*” (440).
- DISFARÇAÇÃO** — Ato ou efeito de *disfarçar*; simulação: “Dos nossos, uns, acolá, deram tiros, por *disfarçação*” (69).
- DISIDÉIA** — *Idéia* difícil, dispersa, dupla ou intensa. O prefixo grego *dis* (= dificuldade, dispersão, duplicidade, intensidade) empresta caráter polissêmico ao neologismo usado por GR: “Aquele Antenor já tinha depositado em mim o anúvio de uma má idéia: *disidéia*, a que por minhas costas logo escorreu” (178).
- DISQUIRIR** — Do latim *disquiro* — investigar, examinar. Morais registra o substantivo *disquirição* — investigação: “Daí, levou a oito, vendo, examinando, *disquirindo*” (92).
- DISSEZINHO** — Diminutivo da 3.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do verbo *dizer*. V. comentário em **ASSOVIAMZINHO**: “Ele *dissezinho* fortemente, mesmo mudado em festivo” (429).
- DIVAGO** — *Divagação*: “Eu carecia de uma realidade no real, sem *divago*!” (239).
- DIVERSEADA** — *Diversa*; diferente: “Raça daqueles homens era *diverseada*” (382).
- DIVERSEAR** — Tornar-se *diverso*, diferente; diferenciar: “A carne (da anta), de gostosa, *diverseia*” (28).

- DIVERTÊNCIA** — *Divertimento*: “Afiguro que responder mais não pude, por motivos de *divertência*” (523).
- DIZMO** — Forma sincópica de *dízimo*: “Só cobrar o *dizmo*” (212).
- DOBROSO** — Dobrado: “Atual ele se ajoelhava *dobroso*, com a perna muito para trás, a outra muito para diante” (341).
- DOCICE** — *Doçura*: “E a *docice* da voz” (479).
- DOIDADA** — *Adoidada*; estouvada: “Feito estivessem sendo surucuiú sem fêmea, percorrente *doidada*...” (535).
- DOIDAGEM** — Atos ou palavras de *doido*, *doidice*: “*Doi-dagem* desses comuns repentes, o desfazer do ajuntado” (350).
- DOIDANTE** — Qualidade ou estado de *doido*: “Medeiro Vaz estava demente, sempre existido *doidante*, só agora pior” (52).
- DOIDAVEL** — Qualidade de *doido*; que parece *doido*: “Resoluto saí de lá, em galope, *doidável*” (586).
- DOIDEAR** — *Doidejar*; fazer *doidices*: “Se disse que foram acabados! *Doideamos*” (69).
- DOIDIVÃ** — *Doidivanas*. V. comentário em ABREVIÃ: “As *doidivãs* bestagens, parlapatal” (428); “A *doidivã*, era uma afiançada mulher” (517).
- DOMA** — *Domação*; ato de *domar*: “Mestre em *doma* e em criação” (311).
- DRAMADA** — Relativo a *drama*: “Carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a *drameda* deles acabar” (336).
- DRASTE** — Provável forma apocopada de *drástico*: “*Dras-te* eu duvidava deles” (383).
- DREDE** — *Adrede*; de propósito: “Tinha querido vir *drede* para trair” (77).
- DRONGO** — (Ant.) No exército bizantino, um corpo de tropa ligeira de infantaria, composto de 1.000 a 2.000 combatentes escolhidos. || Corpo de tropas romanas

(*Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana*). Usado por GR como sinônimo de *tropa*, *grupo*: “Repartiu os homens em quatro pelotões — três *drongos* de quinze e um de vinte” (92); “Deviam de estar chegando, *drongo* deles, cavaleiros” (213); “Repartir a gente em três *drongos*” (538).

DRONHO — *Medonho*. O mesmo que *onho*, cuja significação GR explica a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 63): ‘O *onho* = o *medonho* resumido em seu sufixo, só por si já horrível’. “O Hermógenes: desumano, *dronho* — nos cabelões da barba...” (581).

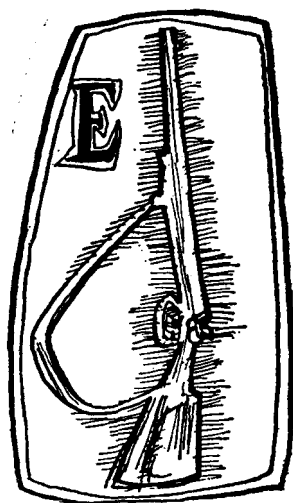
DÚBITO — *Dúbio*; *duvidoso*: “Eu estava meio *dúbito*” (47).

DURADO — *Duração*; *dura*: “No *durado* da noite, na arte vagarosa” (200).

DURAS — *Às* —: *duramente*. V. comentário em ALTAS: “Meninas-dos-olhos escuros repulavam: *às duras* — grão e grão” (81).

DUVIDAÇÃO — Ato ou efeito de *duvidar*; *dúvida*; *duvidança*: “Mas sucedia uma *duvidação*, ranço de desgosto” (31).





ECOSA — Que tem ou produz *eco*: “Diadorim disse, e a voz dele, *ecosa*, me rodeou” (459).

EI — Segundo WMD, é termo alemão não traduzido = *ovo*. Provável trocadilho bilíngüe, a se depreender do texto: “... feito gema de ovo na frigideira. *Ei!*” (68).

EMBAIADO — Disfarçado de *mbaiá* (V. MBAIÁ): “Adequados que, *embaitados* assim, sempre escapavam muito de nosso ver e mirar” (350).

EMBOLO — *Embolação*; ato ou efeito de *embolar* (engalfinhar-se com o adversário, rolando por terra): “E um, do cavalo preto, que bobeou, o Paspe, o Sesfredo e o Suzarte foram nele, galopando num *embolo!*” (543.)

EMBRAFUSTADO — *Embarafustado*; do verbo *embarafustar* (bras.), entrar em tropel, desordenadamente (A. B. Hollanda, PDB): “Veio do nosso lado, *embrafustado*, quase debaixo dos cavalos” (389).

EMBRULHÁVEL — Que se pode *embrulhar*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Ao ferreio, as facas, vermelhas, no *embrulhável!*” (581).

- EMBUSTERIA — *Embuste; embustice*: “Motivo de evitar que mais tarde eles quisessem vir com alguma tranqui-bérnia ou *embusteria*” (161).
- EMPAPO — Ato ou efeito de *empapar*, encharcar: “Rece-bendo o *empapo* de chuva e mais chuva” (309).
- EMPERREIO — *Emperro; emperramento*; ato ou efeito de tornar perro, raivoso, obstinado: “Mas Diadorim agora estava afastado, amuado, longe num *emperreio*” (189).
- EMPIPOCO — Ato ou efeito de *empipocar* ou *pipocar*; pipoco: “Quase que não se ouvia *empipoco* de arma” (352).
- EMPOLO — *Empolado*: “Sério, em pufo, *empolo*” (76).
- ENCACHORRAR — Agir como *cachorro*; investir como *cachorro*: “Daí se *encachorraram* mais em nós” (69).
- ENCANO — *Encanamento, canalização*: “Não estava sendo azado de acender, por via do *encano* do ar” (537).
- ENCOVO — *Encovado*; os olhos muito dentro das órbitas: “Diadorim, mesmo, a cara muito branca, de da alma não se reconhecer, os olhos rajados de vermelho, o *encovo*” (349).
- ENCRESPO — *Encrespado*; irritado: “Todo o mundo anda-va *encrespo*” (174).
- ENDEMONINHAMENTO — Identificação com o *demônio*; antônimo n. reg. de *endeusamento*: “Em *endemoninha-mento* ou com encosto o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres” (11).
- ENFINTA — *Finta*; logro, golpe simulado: “Vi que tudo era *enfinta*; mas podia dar em mal” (261).
- ENGROTAR-SE — Meter-se em *grotá*; esconder-se; ocul-tar-se: “Diadorim não me entendeu. Se *engrotou*” (181).
- ENLAGRIMAR — Produzir *lágrimas* a: “A fumaça vinha, engasgava e *enlagrimava*” (310).
- ENRALECER — Tornar-se *ralo*: “Até que o som e o silên-cio, e a lembrança daquele sofrer, pudessem se *enrale-cer* embora, para algum longe” (338).

- ENTALAGADO — Que bebeu em *talagadas* (bras.), porção de bebida alcoólica que se bebe de uma vez: “Todos bem comidos, *entalagados*” (279).
- ENTERÇADO — *Terçado*; facão grande: “Mais tarde, me deu até um facão *enterçado*” (113).
- ENTÔO — *Entoação*: “Eu mesmo por mim não cantava, porque nunca tive *entôo* de voz” (122).
- ENTORTAÇÃO — Ato ou efeito de *entortar*; *entortadura*; *torção*: “Com braços e pernas rodejando, como quem corre, nas *entortações*” (581).
- ENTRADOR — Que *entra*; *entrante*: “Feito um azeitezinho *entrador*” (309).
- ENTRANÇO — *Entrançamento*; *entrançadura*: “Se repraçava um *entranço* de vice-versa” (51).
- ENTRAR — — *de bico*: iniciar de súbito uma conversa ou explicação: “Se a gente topar com a zebelência, você *entra de bico* — fala que é um deles” (151).
- ENTREFAZER — Fazer ligeiramente: “Diadorim *entrefez* o pra-trás de uma boa surpresa” (368).
- ENTRELUZ — Substantivação do verbo *entreluzir* — principiar a *luzir*: “Dava o raiar, *entreluz* da aurora” (119).
- ENTREMEAMENTO — Ato ou efeito de *entremear*. “Aquela autoridade enorme no *entremeamento*” (121).
- ENTREMUNHADA — *Estremunhada*: “O sujeito que escondia uma oração tão *entremunhada*” (491).
- ENTREQUANTO — Junção de *entre* e *quanto*, empregado no sentido de *entretempo*: “Mas, nós, nesse *entrequanto*, rompemos o arvoredo” (214).
- ENTROLHEOLHO — *Entre olho e olho*: “Com uma bala *entrolheolho*, antes de notar sequer que eu tinha pensando em arisco de mover nas armas” (448).
- ENTRUPICADO — *Tropicado*; *tropeçado*: “Cegou, rodou, *entrupicado*” (70).

- ENTUSIASMÁVEL — Cheio de *entusiasmo*; *entusiasmado*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “O menino Guirigó com gritos e arteirices, tão *entusiasmável*” (523).
- ENUVEADO — *Enuviado*, nublado: “A quase metade do céu tinha suas estrelas, descobertas entre os *enuveados* para a chuva” (555).
- ENUVEAR — *Enuviar*; *anuviar*: “O céu *enuveou*, o que deu pronto mormaço, e refresco” (498). A grafia com *e* permanece na 3.ª ed., p. 478.
- ENVIR — Forma enfática de *vir*: “E chuva alta, que *envinha*, estava mandando urubu voar para casa” (375).
- ENVOTAR — *Votar*; dedicar-se a: “Ela tinha muito traquejo. Logo me *envotou*” (515).
- EQUAR — *Ecar*; dar aviso em voz alta: “Repuxei os freios, bem esbarrando. *Equei* os meus homens” (495).
- ERIÇO — *Eriçamento*: “Arre, eu surpreendi *eriço* de tremor nos meus braços” (292).
- ERISIPELAR — Sofrer de *erisipela*; verbalização n. reg. do substantivo: “Andava padecendo de saúde, *erisipelava* e *asmava*” (218).
- ERROSO — Que *erra*: “Um bezerro branco, *erroso*” (9).
- ESBRAVAÇAR — *Esbravear*; *esbravecer*: “O gado *esbravaçava*” (74).
- ESCABRO — *Escabroso*; áspero, pedregoso: “Chão rosado ou cinzento, gretoso e *escabro*” (51).
- ESCALHA — Fragmento, estilhaço de pedra, conforme se depreende do texto: “As balas rachavam as pedras, só partiam *escalhas*” (249). V. IVG (ob. cit., p. 65): “*Calha* parece ser deformação de *calhau*. O prefixo *es*, exprimindo movimento para fora, forma o neologismo *escalha*, que significa ‘estilhaço de pedra’”.
- ESCAMPANTE — Que *escampa*, *escapa*: “Se vinha por um selado, estirão *escampante*” (522).

- ESCANCEAR** — *Escançar*; repartir, servir o vinho: “E abriam para a gente pipotes de cachaça, a qual escanceavam” (520).
- ESCATIMADO** — *Escatimoso*; agravado, ofendido: “Esbaldalhados nós estávamos, *escatimados* naquela esfrega” (57).
- ESCLARO** — Forma enfática de *claro*: “Foi um *esclaro*”. Segundo Maria Luísa Ramos (ob. cit., p. 58), trata-se de expressão sintética usada para um sentimento que, de repente, se revela: “Na própria palavra — acrescenta a autora — ainda se conserva um vestígio da escuridão anterior”.
- ESCOGITAR** — *Excogitar*; inventar, imaginar, em resultado de investigação ou meditação profunda: “Medido nas suas partes, o dia estava gastado; beirava o prazo da decisão. *Escogitei*” (361). “A gente mesmo deixava de *escogitar* e conhecer o vulto verdadeiro daquele afeto” (367).
- ESCOPAR** — Jogar *escopa*, espécie de jogo de cartas. Verbo n. reg. nos dicionários: “Agora, ele *escopou* e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento” (266); “João Goanhá somou seis e três, na mesa, conforme pegou com um valete, e *escopou*” (526). No primeiro período, o verbo é empregado como sinônimo de *jogar*.
- ESCOPETADA** — Relativo a *escopeta* — espingarda antiga e curta: “Turmas de cabras no trabuco e na carabina *escopetada!*” (112).
- ESCORVAS** — Provavelmente empregado no sentido de *mijar na escorva*: frustrar a tentativa; iludir o propósito (A. Costa, DSL): “Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta. E o reumatismo... Lá como quem diz: nas *escorvas*” (17).
- ESCRAFUNCHAR** — *Escarafunchar*; esgaravatar, remexer: “Em ponto onde ferramenta de doutor nenhum não alcançava de *escrafunchar*” (398).

- ESCRAMUÇAR** — *Escaramuçar*; obrigar a dar muitas voltas (o cavalo): “*Escramuçar* o promotor amontoado à força numa má égua” (131).
- ESCREIENTO** — Provavelmente do francês *crayeux*, derivado de *craie*, giz. Empregado por GR no sentido de esbranquiçado e terroso: “Um cego; ele era muito amarelo, *escreiento*, transformado” (438).
- ESFAISCAR** — Forma enfática de *faiscar*: “O sol vertia no chão, com sal, *esfaiscava*” (49).
- ESFREGO** — Ato de *esfregar*; *esfrega*; *esfregação*: “Escutei o *esfrego* de suas muxibas” (205).
- ESGALOPEAR** — *Galoppear*, *galopar*: “Os cavalos desesperaram em roda, sacolejados *esgalopeando*” (334). Cf. IVG (ob. cit., p. 67/8): “Na passagem que descreve o alvoroço dos animais presos, sob o tiroteio dos hermógenes, a palavra *esgaloppear* exprime suas tentativas frustradas de galope, seguidas de novas tentativas. O prefixo *es*, intensificando o verbo, confere-lhe aspecto iterativo”.
- ESGARÇO** — *Esgarçado*: “Cavalos iam pisando no quipá [...] *esgarço* no chão” (498).
- ESMARTE** — Do inglês *smart*: vivo; picante; irônico; elegante: “Aqueles esmerados *esmartes* olhos” (104); “Diadorim, sempre atencioso, *esmar-te*, correto em seu bom proceder” (185); “O *esmar-te* homem que é este chefe nosso Zebebéo!” (361).
- ESMEIRINHAR** — Variante n. reg. de *esmerilhar*; esmiuçar, procurar minuciosamente: “E os pássaros, eles sim, gaviãozinho, que no campo *esmeirinhavam*, havendo com o que encher os papos” (523/4). V. IVG (ob. cit., p. 68): “Sendo, entretanto, *meirinho* vocábulo ‘designativo do gado que de verão pasta nas montanhas e de inverno na planície’, é possível que Guimarães Rosa tenha formado o verbo no sentido de ‘pastar’, ‘procurar alimentativo’, e a ele acrescentando o prefixo *es*, de valor iterativo”.

**ESPAIRAR** — *Espairecer*: “Sentimento que não *espaíro*” (314).

**ESPERAÇÃO** — Ato ou efeito de *esperar*; *espera*: “Só eu era que guardava minha exata *esperação*” (360).

**ESPERTAÇÃO** — Ato ou efeito de *espertar*; animação; aplicação: “Eu tinha de dar mais *espertação* ainda àqueles dois” (573).

**ESPETACULAR** — Causar *espetáculo*. Verbalização do adjetivo: “— A bem, vamos animar esses rapazes...” — amém, ele disse, *espetaculava*” (346).

**ESPEVITO** — Ato ou efeito de *espevitar*; afetação, pretensão: “Só de mim era que Diadorim às vezes parecia ter um *espevito* de desconfiança” (31).

**ESPIAÇÃO** — Ato ou efeito de *espíar*, de observar secretamente: “Turma de inimigos, retornados para lá, por *espiação*” (317).

**ESPINHAROL** — Coberto de *espinhos*; cheio de *espinhos*: “O xique-xique *espinharol*” (498).

**ESPIRITAÇÃO** — Ato ou efeito de *espíritar*, endemoniñar: “Reprazer cru dessa *espíritação*” (495).

**ESPLENDÊNCIA** — Qualidade de *esplendente*; *esplendecência*; *resplandecência*: “Essas *esplendências*, com mais realce que todas as pedras de Arassuai” (373).

**ESPOCO** — *Pipoco*; estalo, estampido: “O arraial ilustrado com arcos e cordas de bandeírolas, e *espoco* de festa, foguetes muitos” (225).

**ESPRIÇAR** — Provável variante de *aspersar*, *espargir*: “O Paspé pegou uma cuia d’água, que com os dedos *espricou* nas faces do meu amigo” (292).

**ÊSSEZIM** — V. ÊSSEZINHO.

**ÊSSEZINHO** — Diminutivo do pronome demonstrativo, empregado para exprimir um tom afetivo. V. comentário em ASSOVIAMZINHO: “Pois *êssezinho*, *êssezim*, desde que algum entendimento alumiou nele, feito mostrou o que é” (15).

- ESTADAS — *Teúdas, tidas*: “Onde é que se viu homem valer, se não tem à mão *estadas* raparigas?” (132).
- ESTADONHO — Segundo explica GR a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 40), o termo significa “sem-jeito, constrangido, não à-vontade, mas por isso mesmo afetando ares de autoridade ou importância”: “Podia (Medeiro Vaz) gerir e ficar *estadonho*” (45).
- ESTARDALHAR — Fazer *estardalhaço*; *estardalhaçar*: “Ao que vim, aonde que tudo se *estardalhava*” (544).
- ESTARRECENTE — Que *estorrece*. V. comentário em AUMENTANTE: “Todos, no *estarrecente*, caçavam de ver a Maria Mutema” (223).
- ESTATUTAR — Baixar *estatuto*; regulamentar, ordenar: “Porque ele tinha me *estatutado* os todos projetos” (130).
- ESTONTEAÇÃO — *Estonteante*; perturbação: “Do prazer mesmo sai a *estonteação*” (492).
- ESTORVÁVEL — Que se pode *estorvar*, embaraçar: “Para reconhecerem se estava limpo o caminho, rumo de fuga, sem o *estorvável*” (364).
- ESTRADAL — Relativo a *estrada*: “No liso seco *estradal*, do meio do campo, deu um pano de poeira” (541).
- ESTRADALHAL — Forma superlativa de *estrada*: “Ouvi só, no *estradalhal*, gritos e os relinchos” (536).
- ESTRADEAR — *Estradar*; dirigir-se, encaminhar-se: “Dali a gente tinha logo de sair, segundo a regra exata. *Estradeei*” (431).
- ESTRAGA — *Estrago*; destruição: “Tudo numa *estraga* extraordinária” (249).
- ESTRAL — Forma apocopada de *estralada*; grande ruído, desordem, conflito: “Reinando ao *estral* de ser jagunços...” (577).
- ESTRALAL — *Estralada*; *estral*: “Como Deus foi servido, de lá, do *estralal* do sol, pudemos sair, sem maiores estragos” (55).



**ESTRAMPEAÇÃO** — Provável variante enfática, por afiação e nasalização, de *trape*: som de golpe ou pancada: “Com a *estrampeação* da chuva, os poucos ouviram” (80).

**ESTRANHEZ** — *Estranheza*: “Agora, o senhor já viu uma *estranhez*?” (12).

**ESTRAPAFAR** — Provável variante de *estrapaçar* (Açores), ficar aflito, com medo (Moraes, GDLP): “Ah, eu ai ver se, no engasgo da hora, ele ia querer se *estrapafar*” (342).

**ESTRAPE** — *Estrapada*: poste que serve para o suplício do mesmo nome. GR empregou o termo com sentido metafórico (em relação à canoa): “O arrojo do rio, e só aquele *estrape*, e o risco extenso d’água, de parte a parte” (106).

**ESTREITEZ** — *Estreiteza*: “— Riobaldo, escuta: vamos na *estreitez* deste passo...” (500).

**ESTREITURA** — Qualidade de *estreitura*; abertura, aflição: “Na *estreitura*, sem tempo meu, eu podia desdeixar meus homens?” (553).

**ESTREMECEUZINHA** — Diminutivo da 3.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do verbo *estremecer*. V. comentário em ASSOVIAMZINHO: “Assim tanto, de repente vindo, ela *estremeceuzinha*” (172).

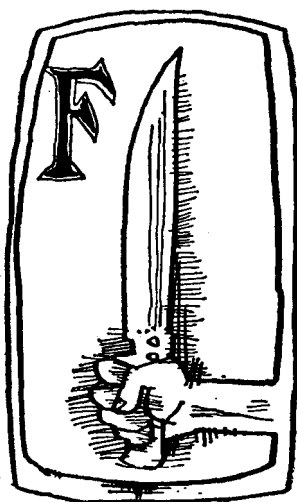
**ESTREMECITAR** — *Estremecer* amiudadamente: “Mas os dedos se *estremecitavam*” (576).

**ESTREQUES** — Onomatopéia do ruído do gatilho ou pinguelo acionando o cão: “*Estreques* estalos de gatilho e pinguelo” (277).

**ESTREPOLIR** — Fazer ou causar *estrepolia*: “Aí porque a cavalaria me viu chegar, e se *estrepoliu*” (422).

**ESTRIPITRIZ** — Que descasca, desguarnece, espicaçando. Adjetivo formado dos verbos ingleses *to strip* e *to tease*, com alusão ao termo *striptease*. Antônio Levi Epitácio julga ser uma fusão do verbo *estripar* com o sufixo *triz*.

- Mary Daniel dá ao termo a interpretação de *estrepitosa*: “Ah, mas, deles, tiros vinham, bala *estripitriz*” (350).
- ESTROPE — Estropeada, tropel: “Aí — cavalaria chusma, arruá que chegando, aos *estropes*, terra arribavam” (237).
- ESTROPELIA — *Tropelia*, *estripulia*; desordem: “Que seus homens saíssem fossem, para *estropelias*” (170).
- ESTROTEANTES — Que *troteavam*. V. comentário em AUMENTANTE: “Vinha com três homens, *estroteantes*” (422).
- ESTROTEJAR — *Trotear*, *trotar*: “Seguimos em fim, *estrotejando*” (530).
- ESTRUSO — Provavelmente do latim *extrudo*, *extrusum* — conseguir livramento de alguma coisa. Daí, o adjetivo usado por GR poder ser sinônimo de *livre*, em *liberdade*: “Mas, para balear uma rês da solta, era o mister de toda sorte e diligência, por ser um gado *estruso*, estranhador” (366/7). Pode ser também variante de *truso*, do latim *trudum*, significando *impetuoso*. V. TRUSO.
- ESVERDEIO — Ato ou efeito de *esverdear*: “E horror de se ver, o metal do *esverdeio*” (398).
- ESVESTIR — *Desvestir*; despir: “Buriti — verde que afina o *esveste*” (46/7).
- EXATÃO — Muito *exato*: “Me reconheceu devagar, *exatão*” (72).
- EXEMPLAÇÃO — Forma enfática de exemplo: “Punir os outros, *exemplação* de nunca se esquecer” (50).
- EXISTÍVEL — Que *existe*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Tu é *existível*, Guirigó...” (446).
- EXTRAVAGÁVEL — *Extravagante*; que anda fora do seu lugar: “Com ele tudo era assim, *extravagável*” (95).
- EXTRAVAGO — Ato ou efeito de *extravagar*; distração, descuido: “Eu tinha divulgado um *extravago* de susto” (448).



FACÃOZÃO — *Facão* grande; aumentativo irregular, com base na linguagem sertaneja: “Meneava um *facãozão*” (77).

FALÁVEL — Que se pode *falar*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Sem juízo nenhum *falável*” (167).

FALFA — Forma deverbal de *esfalfar*; grande cansaço, fadiga: “Conforme fui dormir, recansado de *falfa*” (548).

FANFA — A —: com *fanfarras*. V. comentário em ALTAS: “Depois os outros à *fanfa* entoaram” (455).

FANTASIAÇÃO — Forma enfática de *fantasia*: “— Que Diga? Doideira. A *fantasiação*” (10/11).

FANTASMO — *Fantasmagórico*: “E vi o mundo *fantasmo*” (566/7).

FAREAR — *Farejar*: “Estava esquecido de conhecer os homens, deixando de *farear* o mudar de tempo?” (179).

FARFAL — Farfalho: “Que é que diz o *farfal* das folhas?” (309).

FARTA — À —: *fartamente*. V. comentário em ALTAS: “A quantidade deles é à *farta*” (86).

**FAZEÇÃO** — Ato ou efeito de *fazer*; fabricação: “Disse que ia botar os do Sucruiú para o corte da cana e *fazeção* de rapadura” (408).

**FAZENDOL** — Termo derivado de fazenda, de significado ambíguo. Tanto pode ser o s.m. de *fazendola*, como aumentativo de *fazenda* — pela anexação do sufixo *ol* (aumento-grandeza): “Passado o Porto das Onças, tem um *fazendol*” (29).

**FECHABRIR** — Aglutinação de *fechar* com *abrir*. O — *de olhos* usado no período substitui a expressão *num fechar e abrir de olhos*: num átimo, de repente: “O *fechabrir* de olhos, e eu também tinha agarrado meu revólver” (160).

**FEIEZA** — *Feiúra*; fealdade: “Será acerto que os aleijões e *feiezas* estejam bem convenientemente repartidos” (60).

**FELÃO** — Malvado, cruel, perverso; valentão. O termo deriva do nome próprio Felão, do Alferes Felão, um delegado itinerante do sertão de Minas Gerais, ao tempo da infância do autor (Cf. Vicente Guimarães, *in Joãozinho — Infância de João Guimarães Rosa*, pp. 79 a 85. “Aquele Hermógenes era matador — o de judiar de criaturas filhos-de-Deus — *felão* de mau” (187). “Ao que o pessoal, os companheiros todos, convocados, fechavam roda. Eu *felão*” (428).

**FELÉM** — Provável variante de *fel*: “Bebi gole, amargo de *felém*” (55).

**FEZUÊ** — *Fuzuê* (bras.). Festa, barulho, confusão: “O *fezuê* se fez um enorme” (251).

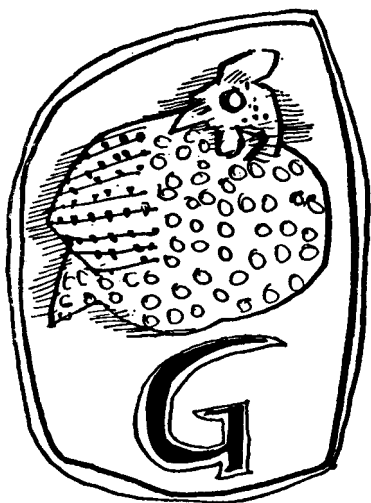
**FIFE** — *Fífia*; som agudo e desafinado: “Escutei o *fife* dum pássaro: sabiá ou saci” (235).

**FINICE** — *Finura*; astúcia, malícia: “Tudo tinha de valer em sonsagato e *finice*” (200).

**FIUFIU** — Onomatopéia do ruído que faz o projétil quando ricocheteia: “As descargas vieram em salva mais forte — o *fiufiu* e os papocos” (326). Os acentos grave e

- agudo na base dos ditongos *iu*, fora dos preceitos ortográficos, permanecem na 3.<sup>a</sup> ed., p. 312. O autor emprega-os para salientar o som agudo do termo.
- FLAFLO — Onomatopéia do barulho do vento nas palmas do buriti: “O *flaflo* de vento agarrado nos buritis” (302).
- FLAUTAS — Às —: locução adverbial n. reg. empregada com o significado provável de  *muito* e  *à toa* (falar). V. comentário em ALTAS: “Se eu estou falando às *flautas*, o senhor me corte” (61).
- FLOTE — *Folote* (bras., Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte); (pop.). Frouxo; muito largo. A. B. Holanda registra o termo, sem incluir o seu uso no R. G. Norte, onde tem emprego corrente: “Como se eu estivesse calçando par de chinelo muito *flote*” (312).
- FOGO-FÁ — *Fogo-fátuo*: “Lavareda azul, de jãdelão, *fogo-fá*” (75).
- FOLHIÇO — *Folhedo, folhagem*: “Eu jazi mole no chato, no *folhiço*” (416).
- FÔRMO — *Forma, formato*: “Constado chato e *fôrmo* do nariz” (378).
- FORMUDO — De *formas* grandes; que ou aquele que tem as *formas* grandes: “Zé Bebelo, montado num *formudo* ruço-pombo” (132).
- FOSFORÉM — *Fosforescência*: “Às horas dá de si uma luz, nessas escuridões: folha a folha, um *fosforém*” (32).
- FRANCAMENTES — Substantivação do advérbio de modo: “Eu não estava de *francamentes*” (486).
- FRASEAÇÃO — *Fraseado, palavreado*: “Durava um tempo, crescendo voz na *fraseação*” (131).
- FRÉ — Forma abreviada de *frechado* que no Norte e Nordeste, além do sentido registrado pelo PDB: *celebrado, afamado*, é empregado como sinônimo depreciativo de *azarento, caipora*: “Te racho, *fré!*” (77).
- FRENTEANTE — De *frente*: “Me olhou *frenteante*, deu risada” (128).

- FRIOR** — *Friúra; frialdade*: “Meu corpo era que sentia um frio, de si, *frior* de dentro e de fora” (416).
- FRISSE** — Do húngaro *friss* (rápido): “Mosca-verde que se ousou, sem o zumbo *frisso*, perto no ar” (214). Paulo Rónai, a quem se deve a elucidação do termo, observa que GR usou o mesmo termo, meio camuflado pelo francês *frisson*, em “Pequena Palavra”, prefácio da *Antologia do Conto Húngaro*, p. 17: “O fervor tenso agilíssimo de alegria doidada que alucina com um inaudito *frissom*”.
- FRIUME** — *Friúra; frialdade*: “Eu tinha tanto *friúme*, assim mesmo me requieimava forte sede” (416).
- FUCHICAR** — *Fuxicar*, remexer: “*Fuchicando* o nariz, numa *função*” (418). A grafia com *ch* permanece na 3.ª ed., p. 401.
- FUGAS** — Às —: *às pressas*. V. comentário em ALTAS: “Arte, que este tal passou, *às fugas*” (87).
- FULÃO** — *Fulano*: “A frouxa presença deles — *fulão*, si-crão e beltrão” (63).
- FUNGAÇÃO** — Ato ou efeito de *fungar*: “*Fuchicando* o nariz, numa *função*” (418).
- FURIÁVEL** — Que tem ou causa *fúria*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Só o poder do presente, é que é *furiável*?” (339).
- FUSCAR** — Tornar *fusco*; escurecer: “Sombra de sombra, foi entardecendo; *fuscava*” (411).
- FUZUAR** — Praticar *fuzo* ou orgia: “Os baixos espíritos descarnados, de terceira, *fuzuando* nas piores trevas” (11).



GÃ — Forma apocopada de *gana*; ímpeto: “Queria entender do medo e da coragem, e da *gã* que empurra a gente para fazer tantos atos” (100).

GAGAS — *As* —: *gaguejadamente*. V. comentário em ALTAS: “Respondi às *gagas*” (81).

GAGAZ — Muito *gago*: “Gago, não: *gagaz*” (578).

GAGUEJÁVEL — Que *gagueja*. V. comentário em ALUMIAVEL: “Alastrei, no mau falar, no *gaguejável*” (345).

GAITAGEM — *Gaita*; troça, zombaria: “E reproduziu muitas essas *gaitagens*” (563).

GALHOSA — Que tem *galhos*; *galhuda*: “Eu estava debaixo duma árvore muito *galhosa*” (541).

GALINHOL — *Galinhol*; ave da fam. dos Caradrífidas (A. B. Hollanda, PDB): “Pássaros do Rio das Velhas, da saudade — *jaburu e galinhol*” (575).

GALINHOLAGEM — Variante de *galinhagem* (bras., Nordeste), namoro impudico, licencioso: “Às vezes davam beijos de biquinho — a *galinhagem* deles” (143).

**GALOPEIRO** — Que anda a *galope*: “Cavalo preto *galopeiro*” (502).

**GANDAIADO** — *Gandaieiro*; malandro: “Considere nele certo propósito de despique *gandaiado*” (64).

**GANIZ** — Que *gane*; *esganiçado*: “O cachorrinho por sua vez entendia isso, e latiu, cainhava, *ganiz*” (465).

**GARCEJO** — Relativo a *garça*; diz respeito, no texto, à voz daquela ave, muito semelhante a uma risada graciosa. A propósito, anota MD (ob. cit., p. 61): “O padrão de *garcejo* se presta para a formação de um novo substantivo abstrato baseado na raiz de *garça*; a forma resultante entendida como “fala de *garça*”, traz uma conotação de bom humor”: “As *garças* é que praziam de gritar — o *garcejo* delas” (291).

**GARGARAGEM** — Termo composto do radical do verbo *gargalhar* e do sufixo latino *agem* (ação, abundância), formando substantivo de natureza enfática: “O cio da tigre preta na Serra do Tatu — já ouviu o senhor *gargaragem* de onça?” (28).

**GARNIZÉ** — (Fig.). Homem pequeno e irascível: “O que vi foi Zé Bebelo aparecendo, de repente, *garnizé*” (250).

**GARRIXO** — *Garricho* ou *garriça* (bras.), ave da família dos troglodítidas (A. B. Hollanda, PDB): “O *garrixo* sigritando” (311). A grafia com *x* permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 298.

**GARRULHO** — Palavra formada do adjetivo *gárrulo* e do substantivo *arrulho*; *arrulho gárrulo* ou intenso: “O *garulho* de grandes maracanãs pousadas numa embaúba” (193).

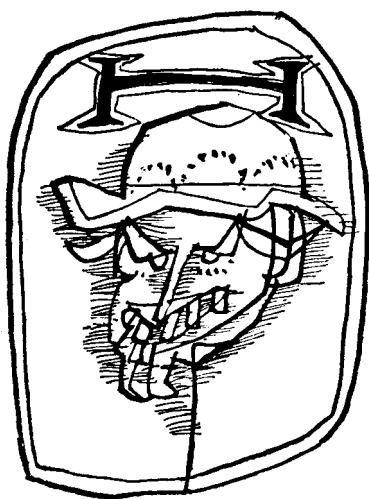
**GASTANÇA** — Grande *gasto*: “O ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar — Deus espera essa *gastança*” (19).

**GASTEJAR-SE** — *Gastar-se*: “Deus é paciência. O contrário, é o diabo. *Se gasteja*” (19).



- GASTURADO — *Estomagado*; aflito, irritado: “A gente sabe, espia, fica *gasturado*” (15).
- GASTURAR — Sentir *gastura*, aflição, irritação. Forma análoga de *estomagar*: “De boa entrada, ao que me *gasturei*, no vendo” (162).
- GEME-GEME — *Gemido*; ruído: “Afora o *geme-geme* das cangalhas, não faziam nenhum rumor” (120).
- GERINGONÇÁVEL — Que pode tornar-se *geringonça*; que pode desconjuntar-se. V. comentário em ALUMIAVEL: “O pensante da cabeça longe, só *geringonçável* na capital do Estado” (299).
- GLORIÁ — *Gloriosa*. V. comentário em ABREVIÁ: “Entendiam em mim uma visão *gloriã*” (437).
- GLORIAL — Cheio de *glória*; forma enfática de *glorioso*: “Eu estava forro, *glorial*, assegurado” (425).
- GLORIONHA — Que produz *glória*: “Inventar maravilhas *glorionhas*” (75).
- GOL — Forma apocopada de *gole*: “Dei que pronto todos provassem *gol* d’alguma cachaça” (436).
- GORGOL — Forma apocopada de *gorgolejo* ou *gorgolão*: “Ah, eu tinha bebido à-toa *gorgol* d’água” (240).
- GRAÇAS-A-DEUS — *Graças a Deus*; felizmente; ainda bem: “Mas, *graças-a-deus*, o que ele falou foi com a sucinta voz” (155); “Diadorim — que *graças-a-deus* estava de todo são” (399).
- GRADEAL — Relativo a *grade*; série de *grades*: “O flaflo de vento agarrado nos buritis, franzido no *gradeal* de suas folhas altas” (302).
- GRANDEÚDO — *Graúdo*; grande, crescido: “É diferente. *Grandeúdo*” (118); “Mandou eu fazer a barba, que estava bem *grandeúda*” (145).
- GRANDIDADE — *Grandiosidade*; qualidade daquilo ou daquele que é *grande* ou *grandioso*: “O sol, em pulo de avanço, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela *grandidade*” (48).

- GRÃOIR — formar *grãos*: “Os tins de areia *grãozinho* em areal” (500).
- GRETOSO — *Gretado*; rachado; fendido: “Chão rosado ou cinzento, *gretoso* e escabro” (51).
- GRITÁVEL — Que se pode *gritar*. V. comentário em ALUMIAVEL: “Era uma paz *gritável*” (566).
- GROSSEADO — *Grosso*. Falar —: ter autoridade, voz altiva: “Agora ele falasse *grosseado*, com modo de chefe e mando, era assim” (215).
- GRUGIR — Aglutinação dos verbos *gruir* (ant.: correr fazendo algazarra) e *rugir* (ressoar, bradar): “Rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, *gruge*” (27).
- GRUGUEJAR — *Grugulejar*; borbotar: “Ah, deixa a aguiinha das grotas *gruguejar* sozinha” (411).
- GUAIMORÉ — Variante n. reg. de *guaimuré* ou *aimoré* — gentios que habitavam o Nordeste de Minas Gerais: “Ô *guaimoré!* — xinguei” (483).
- GUAVAI — *Água vai*, de uso na locução *não dizer* — = sem avisar, agir de surpresa: “Não se disse *guaváil* Supetumel!” (96). O acento da terminação (*ái*), contrário aos preceitos ortográficos, permanece na 3.ª ed., p. 92.
- GUERRARIA — Muitas *guerras*: “A *guerraria* de todos os jagunços deste mundo” (552).
- GUGO — Onomatopéia do canto da juriti, pássaro do Brasil: “A gente ouvia o *gugo* da juriti como um chamado acabado” (199).



**HAGÁ** — Grafia (pessoal) da oitava letra do alfabeto. A expressão *ler com hágá* significa no texto ler arrevesadamente; *não entender claramente*: “Isto, de arrevés, eu li com *hágá*” (368).

**HAJANTE** — Que *há* ou existe. V. comentário em **AUMENTANTE**: “Pedir conselho — é não ter paciência com a gente mesmo; mal *hajante*...” (521).

**Hajas** — Atos *havidos* ou praticados: “Se sendo castigo, que culpa das *hajas* do Aleixo aqueles menininhos tinham?!” (14).

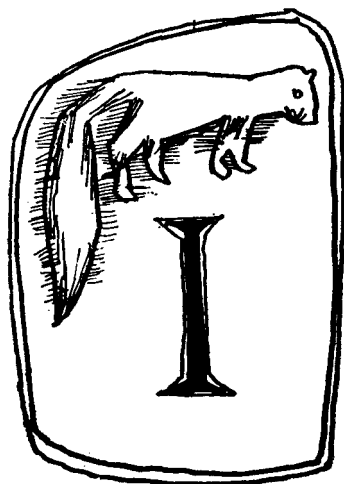
**HERMÓGENES** — Termo empregado no texto para designar os jagunços do bando de Hermógenes: “Mas os *hermógenes* e os cardões roubavam, defloravam demais” (58).

**HIM** — Onomatopéia da voz do cavalo; *rincho*, *relincho*: “Ouvimos um *him* de mula, que perto pastava” (145).

**HISTORIENTA** — Cheia de *história*, ornato, enfeite: “Às vezes, eu tinha vergonha de que me vissem com peça bordada e *historienta*” (145).

**HONRAVEL** — Que se pode *honrar*. V. comentário em **ALUMIAVEL**: “A cova dele mesmo dava um ar *honrável*” (488).

**HORRORIZÂNCIA** — Forma superlativa de *horror*: “Mas meus pêlos crescendo em todo o corpo. Mas essa *horrorizância*” (567).



**IANSO** — Onomatopéia do barulho do vento forte, com alusão a *Iansã*, divindade africana assimilada pelo sincretismo religioso do Brasil, notadamente na Bahia, por influência dos escravos negros. A respeito, observa MD (ob. cit., p. 156): “O segundo trecho, que na primeira leitura pode parecer simplesmente onomatopaico, obtém adicional significado se o leitor se lembrar de que se alude a *Iansã (ianso)*, deidade africana dos ventos e tormentas. Embora o sertanejo supersticioso fique com medo do poder do vento, é improvável que referências a *Iansã* constituam parte do seu vocabulário cotidiano”.  
|| “O *ianso* do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto” (30).

**IGNORÁVEL** — Que se pode *ignorar*. V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “Cada caso mais *ignorável*” (558).

**ILUSTRE** — *Lustre*; brilho: “Olhei o *ilustre* do céu” (387).

**IMEDIATIDADE** — Qualidade de *imediato*: “Eles podiam refferer em *imediatidade*” (258).

**IMPADO** — Empanturrado: “Tanto que comi, deitei. Dormi *impado*” (216).

**IMPANTE** — Que ou aquele que *impa*; que se mostra soberbo, desdenhoso: “Diadorim a tanto *impante*, eu debiquei” (240).

**IMPÊNDIO** — Do latim *impendium*: despesas; gastos; prejuízos: “Acertara com Nhô Marôto de pagar todo fim de ano o assentamento da tença e *impêndio*” (114).

**INDARGUIR** — Aglutinação do advérbio *inda* com o verbo *argüir*; *argüir ainda*: “Zé Bebelo *indarguiu*” (389).

**INFLAMA** — *Inflamação*: “Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa *inflama* de sapiranga à rebelde” (14).

**INFLUIMENTO** — *Influência*, *influência*: “Tudo sobrevém. Acho, acho, é do *influimento* comum” (68).

**INHAMPAS** — Termo obscuro. Usado no texto com o sentido provável de boa-vida. J. J. Villard traduziu “feito um inhampas” para a locução francesa *comme un coq en pête*: “Mas, minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era. Arre, eu estava feito um *inhampas*” (131).

**INSTANTEANTE** — *Instantâneo*; súbito: “Todo me surripiei, *instanteante*” (554).

**INSTIGARES** — *Instigações*: “Achar de levantar em sanha todas as armas contra o Hermógenes e o Ricardão, aos *instigadores*?” (369/370).

**INTELENCIAR** — Verbalização de *inteligência*; compreender; entender: “Aquilo eu *intelenciava*” (177).

**INTELIGIR** — Verbo não registrado nos dicionários, do latim *intellego* (entender, compreender), de onde provêm as derivações *inteligibilidade*, *inteligível*: “Alguma causa que ele até de si guardava, e que eu não podia *inteligir*” (372).

**INTRIM** — *Inteirinho*. Grafia da transformação fonética por que passou o termo na linguagem sertaneja: *inteirinho* / *interim* / *intrim* (Cf. M. C. Proença, TGS): “Como no recesso do mato, ali *intrim*, toda luz verdeja” (63).

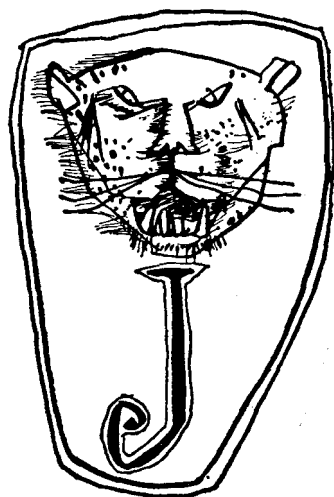
**INVENTANTE** — Que *inventa*; que tem a faculdade de *inventar*: “Mas o pensar de Zé Bebelo — ansiado eu sabia — era coisa que estralejava, *inventante* e forte” (323).

**IPE** — Interjeição que exprime espanto ou admiração: “Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. *Ipe!* Com gosto...” (16).

**ISSILVO** — *Silvo*; *sibilo*; som agudo: “Se escutou, banda do rio; uma lontra por outra: o *issilvo* de plim, chupante” (31).

**ISSOZINHO** — Diminutivo de *isso*. V. comentário em **ASSOVIAMZINHO**: “Se é só isso, só *issozinho*, pois então eu já sabia” (426).

**IXI** — Corrutela de *ixe* (bras.), exclamação irônica: “Uê, em minha terra, se afia guampa, é touro, *ixi!*” (165).<sup>128</sup>



**JÁDELÃO** — *Jã-de-la-foice; jan-dlha-foz; fogo-fátuo*: “Um milhão de lavareda azul, de *jãdelão*” (75).

**JAGUARADO** — Semelhante a *jaguar*: “E Diadorim, *jaguarado*, mais em pé que um outro qualquer” (429).

**JAGUNÇAGEM** — Vida de *jagunço*; *jaguncismo*: “Resolveu deixar a *jagunçagem*” (85/6).

**JAGUNÇAMA** — Multidão de *jagunços*: “A *jagunçama* veio avançando, feito um rodear de gado” (256).

**JAGUNÇAR** — Agir como *jagunço*: “Todos curtidos no *jagunçar*, rafaméia mera gente” (162).

**JAGUNCEAR** — *Jagunçar*: “Um *jagunçando*, nem vê, nem repara na pobreza de todos” (72).

**JAGUNCISMO** — Vida de *jagunço*; *jagunçagem*: “Deserteio de *jaguncismo*, vou e me caso com Otacília!” (54).

**JAGUNZ** — *Jagunço*: “Só doido é quem faz isso, ou *jagunz...*” (44).

**JAIBANO** — Natural de *Jaíba*, provável nome de rio ou povoado, n. reg. O PDB registra *jaibara* (bras., Goiás), trecho de vegetação arbustiva ou herbácea, à margem de um rio: “O Paspe, vaqueiro *jaibano*” (173).



**JAIBÃO** — *Jaibano*: “Como ia poder me distanciar dali, daquele ermo *jaibão*?” (184).

**JAJÃO** — Aumentativo de *jàjá*; antônimo de *demorão*; rápido: “Que eu ali, *jājão*” (332); “Tinha de vir, *demorão* ou *jājão*” (413).

**JAN-DLA-FOZ** — *Jã-de-la-foice*; *jãdelãfo*; fogo-fátuo: “Foguinho avoável assim azulmente, que em leve vento se espalhava: fogo-fá, *jan-dla-foz*” (556).

**JEQUITINHÃO** — Relativo a *Jequitinhonha*, cidade de Minas Gerais e rio da Bahia e Minas Gerais: “Caso que se passou no sertão *jequitinhão*” (220).

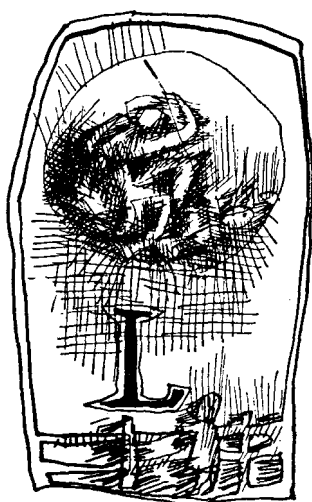
**JORNA** — Jornada. A forma *diurnu* —, nos derivados *diurnatu*, isto é, *diurnata* e *diurnale*, está representada na nossa língua por *jornada*, propriamente “o que se anda num dia”, e por “jornal”, “salário de um dia”; desta última palavra veio, por derivação regressiva, *jorna* (palavra que, creio, não é muito antiga) (J. L. Vasconcelos, ob. cit., p. 250/1): “E a *jorna* não rendia, não se podia deszelar o pisar” (529).

**JÓVIA** — Forma regressiva de *jovialidade*; alegria; bom humor. Do lat. *iovialis* — relativo a Jove ou Júpiter, planeta que infunde alegria (J. L. Vasconcelos, ob. cit.): “Se vivia numa *jóvia*, medindo mãos, em vavavá e conversa de festa” (163).

**JUDADAS** — Porção de *judas* ou traidores: “Tínhamos de cair em riba do grosso da *judadas*” (96/7).

**JUNJO** — Substantivação do verbo *jungir*. A —: à força; por força da profissão (no texto): “Padre Ponte todas às vezes fazia uma cara de verdadeiro sofrimento e temor, no ter de ir, a *junjo*, escutar a Mutema” (222).

**JUVENESCE** — Nascer; florescer: “Foi *juvenescendo* em mim uma inclinação de abelhudice” (71).



LAGRIMADO — (Fig.). *Orvalhado*; umedecido pelo sereno:

“O capim escorria, de sereno da noite, *lagrimado*” (205).

LAJEAL — Coberto de *lajes*: “Lisas pedras soltadas, no ribeirão *lajeal*” (240).

LĀLAR — Dar *lā*; abrir-se em *lā*: “No tempo de maio, quando o algodão *lāla*” (593).

LAMAL — *Lamaçal*: “Jacaré choca — olhalhão, crespido do *lamal*” (33).

LAMBE — *Lambedeira* (bras.); faca de ponta: “Eu com a minha quicé, a *lambe leal*” (502).

LAMBUZANTE — *Lambuzão*; indivíduo de vestuário pouco asseado; desleixado (A. B. Hollanda, PDB): “E o outro, muito comparsa, *lambuzante* preto” (159).

LĀOLALĀO — Onomatopéia do badalar do sino: “Nos extremos dele a gente pode esperar o *lāolalão* de um sino” (458).

LARGUEZ — *Largueza*: “*Larguez* enorme dum rio em enchente” (485).

- LATICÃO** — Ato ou efeito de *latir*; *latido*: “Com qual a *latição* dele, e os arreganhos, os cavalos de uns desgostaram” (467).
- LAZO** — Que ou aquele que tem *lazeira*; miserável; desgraçado: “Só que, depois, o que há, é a alma assim meio adoecida. Digo, fiquei *lazo*” (229).
- LEALDADO** — *Legalizado*; *leal*: “Tenho a honra de resumir circunstâncias desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e *lealdado*” (76).
- LEALDAR** — Ser *leal*: “Todo o mundo *lealda*?” (91).
- LEANDRADO** — Relativo a *Leandro*, personagem referido à p. 67: “Fogo no Jatobá Torto — Sargento *Leandro*”; “Esporte de alto, *leandrado*, rosaltar” (71). Mary Daniel interpreta o termo como sinônimo de *leonino*.
- LEIXO** — Provável masculino de *leixa*, ‘aquilo que ficou por colher’ (Moraes): “Tive de indagar *leixo*, remedian-do com gracejo diversificado” (510).
- LELEIRA** — Derivado de *lelê*; sinônimo de arengueira, bisbilhoteira, intrigante: “Essa carece de morrer, para não ser *leleira*” (38).
- LEPRENTO** — Que ou aquele que tem *lepra*; *leproso*: “Mas o *leprento* tinha ganhado para se ir” (485).
- LEQUELEQUEAR** — Verbalização do aglutinamento de *leque* + *leque*. A propósito desse recurso usado com frequência por GR, escreveu M. C. Proença (ob. cit., p. 230): “A formação de verbos a partir de nomes, processo enfático da linguagem popular e também infantil, sendo técnica de economia formal, não só concorre para a densidade semântica, como oferece imensas possibilidades neológicas. Na linguagem de Guimarães Rosa não poderia faltar esse artifício”. || “A papeagem no buritizal, que *lequelequia*” (48).
- LETRAL** — *Literal*: “A bem, como é que vou dar, *letral*, os lados do lugar, definir para o senhor?” (535).

- LEVANTANTE — Que se *levanta*. V. comentário em AUMENTANTE: “E apareceram vultos de outros, *levantantes*” (209).
- LEVAVEL — Que pode *levar*. V. comentário em ALUMIAVEL: “Sei que o cristão não se concentra pela má vida *levável*” (322).
- LIGEIREZA — À —: *ligeiramente*. V. comentário em ALTAS: “Só com estes cavalos, só à *ligeireza*” (95).
- LOBÚM — Semelhante ao *lôbo*; como *lôbo*: “Endemoninhado, no quarto de sua casa, uivando *lobúm*” (588). O acento na última sílaba, contrário aos preceitos ortográficos, permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 566.
- LOGRÃ — Feminino n. reg. de *logrão*; interesseira: “Mas Maria-da-Luz não era *logrã*, isso conheci, no ver como ela olhou para o Felisberto, com modos mimosos” (518).
- LOMBO — *Lomba*; indolência; descanso: “A paragem ali tinha de ter demora, carecia de se dar um *lombo* aos cavalos” (556).
- LONTÃO — Do italiano *lontano* — que está muito distante; afastado; longínquo: “Árvore que respondia à saudade de suas irmãs dela, crescidas em *lontão*, nas boas beiras do Urucuia” (371); “Reperdidos sem salvação naquele recanto *lontão* de mundo” (379).
- LORDEAR — Tornar-se *lorde*; agir como *lorde* (homem que vive com ostentação; *luxento*): “Mas minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era. [...] *Aí, lordeei*” (131).
- LORDEZA — Qualidade daquilo que é *lorde*: “Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na *lordeza*” (122).
- LOROTAL — Relativo a *lorota*, mentira ou gabolice: “O puro *lorotal*. E atrevimento, muito” (258).
- LOUVAMÉM — *Louvamento*. Note-se que a forma apocópada sugere a junção dos termos *louva* e *amém* e revitaliza a palavra por concreção e concisão verbal: “Então

- não podia encaminhar a Deus, por mim, nem um *louva-mém?*" (491).
- LUALÃ** — Aglutinação de *lua* + *lã*, usada para efeito sonoro associativo, recurso enfático e aliteração: "Bela é a lua, *lualã*" (74).
- LUAR** — Verbalização de *lua*; sair a *lua*: "Ou quando *luava*, como nos Gerais dá, com estrelas" (534).
- LUBRINAR** — Cair *lubrina*; neblinar. Morais registra o substantivo, sinônimo arcaico de *neblina*. O verbo, no entanto, não é catalogado: "Branquejavam aqueles grossos de ar, que *lubrinam*" (416).
- LUGARIM** — Pequeno *lugar*; *lugarejo*: "Muito tempo mais foi que eu soube que esse *lugarim* Os-Porcos existe" (103).
- LUGUGEM** — Termo formado pela contração de *lúgubre* com o sufixo latino *ugem* (= semelhança, resultado): "A *lugugem* do canto da mãe-da-lua" (395).
- LUIZ-E-SILVA** — Nome e sobrenomes vulgares, justapostos; termo empregado como sinônimo de *comum*, *vulgar*, *ordinário*: "Ao que narro, assim refrio, e esvaziado, *luiz-e-silva*" (579).
- LUSFÚS** — *Lusco-fusco*: "Desse *lusfús*, ia escurecendo" (30). O acento na terminação permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 29.
- LUZLUZIR** — *Luziluzir*; tremeluzir: "Esse *luzluzir* a faca, afiafe, e urrou de ódio de enfiar e cravar" (502).



**MACACHÁ** — Forma apocopada de *macachaz*, finório. O PDB registra o brasileiro *macachá* (boi mal castrado), não sendo este, porém, o sentido do termo empregado por GR: “O sujeito *macachá*!” (276).

**MACHEZA** — Qualidade de *macho*; valentia: “O pessoal todo não regateava a ele a maior dedicação de respeito. Por via de sua *macheza*” (130).

**MACUCAR** — Agir à maneira do *macuco*. O PDB registra o termo, regionalismo paulista: falar sozinho e zangado; encolerizar-se: “E o macuco vinha andando, sarandando, *macucando*” (286).

**MADRASTO** — (Fig.). Ruim, mau: “Pedido *madrasto*, azedo queimador” (15).

**MADRUGAL** — Relativo a *madrugada*: “No *madrugal*, logo no instante em que eu acordava” (481).

**MADRUGANÇA** — Ato ou efeito de *madrugar*; *madrugada*: “Desentendi os cantos com que piam, os passarinhos na *madrugança*” (416).

**MAGOAL** — Que tem *mágoa*; pesaroso; triste: “Quando ela escreveu a carta, ela estava gostando de mim, de

certo; e aí já estivesse morando mais longe, *magoad*, no São Josezinho da Serra” (100).

**MAIOZINHO** — De *maio*, que vem em *maio* (H. Brunswick, DALP). M. C. Proença (ob. cit., p. 227) incorreu em lapso ao registrar o termo como “derivação lúdica”, invenção original de GR: “Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos *maiozinhos*” (188).

**MAISFAZER** — *Mais fazer*; sobressair, avultar, salientar-se: “Diadorim se *maisfez*, avançando passo” (82).

**MALACAFA** — *Malaca* (bras.), moléstia. Não há registro do termo usado por GR, mas existe a forma *malacafento* (Nordeste), adoentado: “Doença, com ele? A não ser por essa *malacafa*” (398).

**MALAGOURADO** — *Mal-agourado*; que sofreu mau agouro: “*Malagourado* de ódio” (180).

**MALAMAL** — *Mal a mal*; muito *mal*: “Ao que Diadorim me deu a mão, que *malamal*, aceitei” (236).

**MALASARTES** — *Malas-artes*; habilidades perigosas (Lello): “*Malasartes* que ele usava em guerra” (150).

**MAL-ASSAR** — *Assar mal*: “Direito no brasal *mal-assasse* pedaço de carne escorrendo sangue” (168).

**MALAVENTURANÇA** — Infelicidade; antônimo n. reg. de *bem-aventurança*: “Essas *malaventuranças*, por toda a parte” (530).

**MALAVENTURAR** — Desventurar; verbalização do adjetivo *mal-aventurado*: “A cara dele, pelo *malaventurar*, se quebrava das formas e cor” (466).

**MALAZARTE** — *Malasartes*: “Só esperei por Zé Bebelo: — o que ele ia achar de fazer, ufano de si, de suas proezas, *malazarte*” (362). O autor alude veladamente a Pedro Malasartes, “figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e

de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos” (Luís da Câmara Cascudo, DFB).

MALGUARDOS — Falta de *guardo* ou trato: “Tudo por culpa de quem? Dos *malguardos* do sertão” (357).

MALMAL — *Malamal*: “O inimigo nunca se via, nem bem o *malmal*” (349).

MALMOLÊNCIA — Variante n. reg. de *manemolência* (V. MÂMOLÊNCIA): “Ouvi parte do vozeio de todos, eu em *malmolência*” (584).

MALMONTAR — *Montar mal*: “Todos que *malmontam* no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos” (370).

MALVAZ — H. Brunswick registra (ob. cit.), *malvazmente*, sinônimo de *protervamente*. Protervo = violento, brutal, insolente: “E a mulher do Hermógenes, montada também, magra, *malvaz*” (547).

MÂMOLÊNCIA — Variante de *manemolência* (bras., Nordeste); (pop.). Moleza, indisposição, pachorra (A. B. Hollanda, PDB): “O que era sisudez de meu fogo de pessoa, ele tomou por *mâmolência*” (155).

MAMOLENGO — *Mamulengo*. Espécie de divertimento popular em Pernambuco, que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma coisa elevado (Luís da Câmara Cascudo, DFB): “Um boneco de capim, vestido com um paletó velho e um chapéu rôto [...] não é *mamolengo*?” (480). A grafia com *o* permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 461.

MANANTA — Provável variante, por nasalização, de *manata*; *mandachuva*: “Agora tomavam mais ânsia de saber o que era que iam decidir os *manantas*” (267).

MANDARINO — Que *manda*; *mandante*: “Ele estava *mandarino*, mesmo” (272).

MANDATELA — Depreciativo de mandato; autorização, delegação: “E Zé Bebelo perguntou, impondo ordem de resposta: que *mandatela* eles traziam?” (354).



- MANGABEIRAL** — *Mangabal*; terreno coberto de *mangabeiras*: “Adiante da gente, o *mangabeiral*” (495).
- MANGONHA** — *Mangona*; mandriice, indolência: “Escogitando decerto — para ratinhar e sisar a gente com *mangonhas*” (526).
- MANHÁZAR** — *Amanhecer*; alvorecer: “*Manhâzando*, ali estava recheio em instância de pássaros” (143).
- MANHÁZIM** — *Manhâzinha*: “De *manhâzim* — moal de aves e pássaros em revão” (48).
- MANINEL** — Forma apocopada de *maninelo*; homem efeminado: “Diadorim, semelhasse *maninel*, mas diabrável sempre assim” (421).
- MANLIXA** — Forma aportuguesada do alemão *mannlicher*; fuzil de repetição: “Falavam os rifles e outros: *manlixa*, granadeira e comblém” (209).
- MANO-OH-MANO** — Variante de *mano a mano* (ant.), familiarmente, com intimidade: “Por teu pai vou, amigo, *mano-oh-mano*” (66).
- MANO-OH-MÃO** — *Mano-oh-mano*: “Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, *mano-oh-mão*, que estava na Serra do Pau-d’arco” (22).
- MANSEJAR** — Viver *mansamente*, domesticamente: “Até por dentro do eirado, *mansejavam* uns bois e vacas” (319).
- MANSICE** — *Mansidão*: “Disse mansinho mãe, *mansice*, caminhos de cobra” (273).
- MANSOSO** — Qualidade do que é *manso*; forma superlativa no texto: “Seô Habão, *mansoso* e manso” (407).
- MANUPEIA** — *Peia* (correia) para amarrar as mãos: “Cortou e desatou a *manupeia* nas juntas dos pulsos” (261).
- MÃOMENTE** — Com a *mão*; com o uso da *mão*: “Ou que mesmo dê jeito de liquidar *mãomente* o Hermógenes — proporcionando venenos, por um exemplo...” (419).

- MAPEAR** — Fazer *mapa*; traçar *mapa*: “Joaquim Beiju conhecia cada recanto dos gerais, de dia e de noite, referido deletreado, quisesse podia *mapear* planta” (48).
- MÁS-ARTES** — *Más artes*; falta de modos: “Sem-modez de tempo de criança, *más-artes*” (24).
- MASGALHAR** — Variante, por aférese e epêntese, de *esmagalhar*: “Folhas vivas que puxei e *margalhei*...” (22).
- MASSAL** — Relativo a *massa*: “Mas o cheiro do lugar ali era de barro amarelo *massal*” (539).
- MATLOTAGEM** — *Matalotagem*; montão de coisas confusas: “E o bernal com *matlotagem*” (279).
- MAUSER** — Forma aportuguesada do alemão *mauser*; fuzil. No Nordeste, é comum a forma *mausa*, sinônimo de pistola: “Apontou nos cachos dele a *máuser*”.
- MÃVAZIAS** — *Mãos vazias*: “Soltar este homem Zé Bebe-lo, a *mãvazias*, punido só pela derrota que levou” (272).
- MÁ-VIDA** — Sinônimo n. reg. de *meretriz*: “A *má-vida* da filha dela” (39).
- MAXIMÉ** — Grafia da pronúncia do adv. latino *maxime*; principalmente: “— Ei! Com seu respeito, discordo, Chefe, *maximé*!” (261).
- ME-ENLEIOS** — *Enleios de mim*: “O que pensava produzia era dúvidas de *me-enleios*” (481).
- MELOR** — Qualidade de *melado* ou sujo de qualquer substância viscosa ou gordurosa. O termo corresponde à forma usual no Rio Grande do Norte (também n. reg.), *melaceira* ou *melaceiro*: “O Aduarte Antoniano socorrido, com o *melor* e sangue num quebrado na cabeça” (451).
- MENINOSO** — Que tem modos ou aparência de *menino*: “Mas, que sorte de jagunço recluta era ele — assim *meninoso*, jalofo e bom” (186).

- MEREMERÊNCIA** — Forma reforçada de *merência* (V. **MERÊNCIA**): “Ouvi de que reza também com grandes *meremerências*” (18).
- MERÊNCIA** — Do latim *merentia, merentiae; merecimento*: “Que qualidades de crimes eles tinham feito, para principiar, crimes de boa *merência*?” (488).
- MERMADO** — Diminuído; minguido; franzino: “O Garança era um mocorongo *mermado*” (174).
- MERUJO** — *Meruja*; chuva: “Saímos, deslizando com a manhã, com o *merujo* do orvalho” (440).
- MESMAGEM** — *Mesmice*; a mesma coisa: “Isso de guerra é *mesmice, mesmagem*” (299).
- MESMAR-SE** — Meter-se *consigo mesmo; ensimesmar-se*: “O coqueiro se *mesmando*” (244).
- MESMEAR** — Agir ou pensar da *mesma* forma de alguém: “Ah, Diadorim mascava. Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. Eu *mesmeava*” (300).
- METE-BUCHA** — Referente a bala ou cartucho das espingardas antigas que são carregadas pelo cano (*espingardas de soca*, conforme denominação usual no Nordeste), com camadas superpostas de *bucha*, chumbo e pólvora: “É a misericórdia duma boa bala, de *mete-bucha*, e a arte está acabada e acertada” (265).
- MEUSSENHOR** — *Meu senhor*; pronome de tratamento, de acento respeitoso; forma análoga do francês *monsieur* e do inglês *mylord*: “Tudo isto, para o senhor, *meussenhor*, não faz razão, nem adianta” (519).
- MEXIMENTO** — Ato de *mexer*; movimento: “Sendo que expedia, sobre hora, alguém adiante, se informar do *meximento* dos Judas” (94).
- MEXINFLOL** — *Mexinflório* (bras., Rio Grande do Sul), coisa sem valor; coisa atrapalhada, confusão; enredo, intriga (A. B. Holanda, PDB): “Mesmo o que vi: aquele *mexinflol*” (580). M. C. Proença (ob. cit., p.

- 238) registra o termo como “puro jogo sonoro associativo”.
- MI** — Partícula do *minuto*. GR desarticula por 4 vezes a palavra *minuto* (*mi*, *mim*, *nu*, *mito*), dando ao leitor uma visão ideogramática da fragmentação do termo: “Não convém espiar para esse, nem *mi* de minuto” (230).
- MIASMAR** — Verbalização de *miasma*; emanar (nocivamente): “Ali *miasmava* braba maleita” (137).
- MILITÃO** — Nome de homem, usado por GR como adj., sinônimo de *militante*: “Eu *militão*, ele guerreiro...” (337).
- MILITRIZ** — Aglutinação de *militante* + *meretriz* de acento lúdico e afetivo, com efeito redundante. O termo pode ser também simples corrutela de *meretriz*, forma popular no Ceará e no arquipélago de Cabo Verde: “Bom, quando há leal, é amor de *militriz*” (514).
- MIM** — Partícula do *minuto*, forma nasalada. V. comentário em MI: “Num *mim* minuto, já está empurrado noutro galho” (65).
- MIMELAVA** — Agregação do pronome *me* ao verbo *melar*, na 1.ª pessoa do singular do imperfeito: “Melava de cho-ver baixo, *mimelava*” (95).
- MINDINHO** — Franzino, raquítico; pequeno. Os dicionários registram o termo somente na acepção usual de “dedo mínimo”: “Eram cinco ou seis meninos, amontoados, agarrados uns nos outros, uns mesmo não se sabia como podiam, de tão *mindinhos*” (289); “Assim que fevereiro é o mês *mindinho*” (310).
- MINHAMENTE** — À *minha* maneira. V. comentário em DEUSDADAMENTE: “Eu conseguia meditar *minhamente*” (497).
- MITILHAS** — Termo obscuro. J. J. Villard traduziu-o para *farce* (farsa, chalaça), que pode corresponder à acepção

do vocábulo: “Ara, *mitilhas*, o senhor é pessoa feliz, vou me rir...” (158).

**MITO** — Partícula do *minuto*. V. comentário em MI: “No zuo de um minuto *mito*: briga de beija-flor” (338).

**MIÚCIA** — Forma sincopada de *minúcia*: “Fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e *miúcias* de palavras” (281).

**MÒ** — A —: *mode*; por amor de: “A *mò* que se diz — que ele possederá o bom dinheiro” (270). O acento grave permanece na 3.ª ed., p. 258.

**MOAL** — Combinação do substantivo *mó* (prov. port. massa; grande quantidade), com o sufixo latino *al* (ajuntamento): “*Moal* de aves e pássaros” (48).

**MOGÚNCIAS** — *Mogúncia* é uma cidade da Alemanha. GR usa o termo na expressão *mogúncias* e *brogúncias*, forma análoga da clássica portuguesa “franças e aragangas”, utilizada, também, para efeito de rima. Podem ser os vocábulos sinônimos de *bobagens*, *insignificâncias*, a se apreender do texto: “Veio um, querendo pedir auxílios, relatar bobagens, essas *mogúncias* e *brogúncias*...” (380).

**MOITARIA** — Conjunto de *moitas*: “No barranco matoso escalavrado, entre as *moitarias* de xaxim” (493/4).

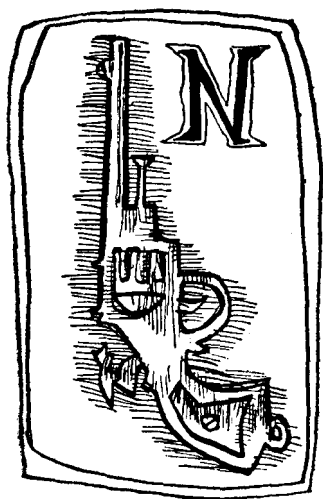
**MOLEADO** — Tornado *mole* ou frouxo: “Não se sentaram também, mas foram ficando *moleados* ou agachados” (256).

**MOLIÇOSA** — Muito *mole*; quieta. Antônimo de *buliçosa*: “Feito ele fosse para mim uma criancinha *moliçosa*” (414).

**MOLMOL** — Qualidade de tecido: “Em seu vestido novo de *molmol*” (372). GR explica a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 55): “Era um tipo de fazenda de seda, bonita (meio achamalotada?), comum. Usei também pela beleza física da palavra”.

- MÔM** — Onomatopéia do mugido de gado: “Bom era ouvir o *môm* das vacas devendo seu leite”. O acento circunflexo permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 29.
- MOMENTAL** — Relativo a *momento*: “Carecia de que tudo esbarrasse, *momental* meu, para se ter um recomeço” (349).
- MOMENTEIRA** — Do *momento*: “A sorte *momenteira*” (126).
- MONARQUIA** — Empregado pelo autor com o sentido de bando, grupo numeroso: “Os muitos! Uma *monarquia* deles...” (74).
- MONSTRA** — *Monstruosa*: “Cangussu *monstra* pisa em volta” (28).
- MORRETE** — Pequeno *morro*; *morrote*: “E até barrancos e *morretes*” (498).
- MORTALMA** — *Morta alma*. Forma análoga de *vivalma*: “No mais, nem *mortalma*” (311).
- MOVIMENTAL** — Relativo a *movimento*; em que há *movimento*: “Sô Candelário fungou, e logo abriu naqueles sestros que tinha, *movimental*” (259).
- MOVIMENTANTE** — Adjetivo empregado com função de predicativo: “Mas o sertão está *movimentante* todo-tempo” (486).
- MOXINIFE** — Moxinifada; mistura; confusão: “*Moxinife* de más gentes, tudo na deslei da jagunçagem bargada” (158).
- MUNDO-DE-LUA** — Alusão à expressão popular *andar no mundo da lua*: estar alheado a acontecimentos de perto; andar abstraído: “Não sei em que *mundo-de-lua* eu entrava minhas idéias” (179).
- MURMO** — *Murmúrio*. H. Brunswick (ob. cit.) registra a forma *murmur*, aproximada da que usa GR: “Ele falou um *murmo* — me cochichou de mão em concha” (205).
- MUSGUZ** — Forma enfática de *musgo*: “A gente aprecia o cheiro do *musguz* das árvores” (279).

**MUSSULIM** — Qualidade de algodão. O termo, n. reg., provavelmente deriva de *Mossoul*, cidade do Iraque onde se fabrica a *musselina*: “Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, bibol e *mussulim*” (593).



NAMORÃ — Que ou aquela que *namora*. V. comentário em ABREVIÃ: “Nhorinhá, *namorã*, que recebia todos” (508).

NANJE — *Nanja* (ant. e pop.), *não*; mais *não*; nunca: “*Nanje* pelo tanto que eu dele era louco amigo” (82).

NÃOSTANTE — *Não obstante*: “Titão Passos, cabo-de-turma com poucos homens à mão, era *nãostante* muito respeitado” (167).

NÃOZÃO — Forma aumentativa de *não*: “Eu disse: *nãozão*” (370).

NEBLIM — Forma apocopada de *neblina*: “Madrugada quando o céu embranquece — *neblim* que chamam de xererém” (28).

NEBLIM-NEBLIM — Iteração de *neblim*, termo empregado como sinônimo de sombrio, nevoento: “Assim *neblim-neblim*, mal vislumbrado, que que um fantasma?” (529).

NEGO — *Negação*: “Nesse repente, desinterno de mim um *nego* forte se saltou!” (82).

NENHÃO — Forma reforçada de *nenhum*. Segundo Augusto Campos (ob. cit., p. 11), trata-se da junção de *ne-*



- hum* + *não*: “E, de si, parte de fraco não dava, *nenhão*, nunca” (78).
- NERVOSIA — *Nervosidade; nervosismo*: “Não tinha sono; tudo em mim era *nervosia*” (143).
- NHÃ — Forma nasalada de *nhá*; *iaia*, senhora: “A *nhã* senhora, aquela, suplicava o favor dum particular” (526).
- NHACA — Forma aferética de *inhaca* (bras., Minas Gerais e São Paulo), (pop.); azar, caiporismo (A. B. Hollanda, PDB): “Receio de se pegar em mim a *nhaca* daquele atraso” (525).
- NHÃES — Forma nasalada de *ais*: “Aí, *nhães*, pelos que davam mais demonstração, medi quantidade dos que eram do Ricardão próprio” (265).
- NHENTO — Derivação regressiva de adjetivos como *ra-nhento*, *peçonhento*, passando o sentido de um deles ou de ambos para o sufixo (PR): “O pobre ficou lá, *nhento*, amarrado na estaca” (170).
- NINHANTE — Que está no *ninho*. V. comentário em AUMENTANTE: “Passarinho *ninhante* mal-acordado dum totalzinho sono” (415).
- NIQUITES — Grafia aportuguesada do alemão *nicht*, *não*: “Sendo que entendia (Emílio Wusp) tudo de manejar com armas, mas viajava sem cano nenhum; dizia — “*Níquites!*” (125).
- NIMPES — Termo usado para efeito de aliteração, formando “expressão superlativa”, no dizer de M. C. Proença (ob. cit., p. 236): “Por mesmo isso, *nimpes* nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação” (82).
- NITRINTE — Adjetivo derivado do verbo *nitrir* — rinchar: “Ardido aquele *nitrinte* riso fininho” (422).
- NOITAR — *Noitecer, anoitecer*. Segundo Maria Luísa Ramos (ob. cit., p. 58), o verbo exprime “uma noite que se fez de repente, que não anoiteceu”: “*Noitou*. Conforme fui dormir, recansado de falfa” (548).

NOIVÁVEL — Que pode *noivar*; *noivado*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Ficamos gostando um do outro, conversamos, combinados no *noivável*” (303).

NONADA — Termo empregado em seis períodos de GS, significando, em quatro vezes, a forma reforçada de negação, pelo processo de revitalização da palavra, usado comumente por GR, dessa feita com base na etimologia da palavra (de *non*, forma arcaica de *não*, e *nada*). Nesta acepção, n. reg. nos léxicos, são exemplos: “— *No-nada*. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja” (9); “Atirei. Atiraram. / Isso não é isto? / *Nonada*” (322); “O Senhor *nonada* conhece de mim” (582); “*Nonada*. O diabo não há” (594). À página 371, há a expressão *nonde nada* (“Nonde nada eu não disse”), variante da forma superlativa de negação. || Algumas vezes o termo transcende a sua acepção gramatical para ser veículo da preocupação ontológica do romance. A propósito, Vilem Flusser (in “Suplemento Literário” do *Estado de São Paulo* n.º 360, ed. de 14-12-1963) propõe uma lúcida análise da palavra, qual seja: “Não nada”, “Não ao nada”, “No nada” e finalmente “non rem natam”. Acrescenta o autor de *Língua e Realidade*: “A negação do *nichts* heideggeriano e do *néant* sartriano é o ponto de partida do Grande Ser-tão com suas veredas. E traduzo a frase heideggeriana *Das Nichts nichtet* (“o nada nadifica”) para a língua de Guimarães Rosa: ‘Nonada’”. || No sentido que tem abono nos dicionários — insignificância, bagatela — *no-nada* é geralmente empregada antecedida de preposição, como se encontra nos clássicos: “Assim é heresia na política do Mundo admitir que um homenzinho de *no-nada* ocupe dois ofícios que requerem duas assistências” (*Arte de Furtar*, cit. por Morais, GDLP). || GR usa o termo emprestando-lhe caráter pessoal e coloração nova: “De dentro das águas mais clareadas, aí tem um sapo

roncador. *Nonada!*” (306); “E o mais — é pêta! — *nonada*” (404).

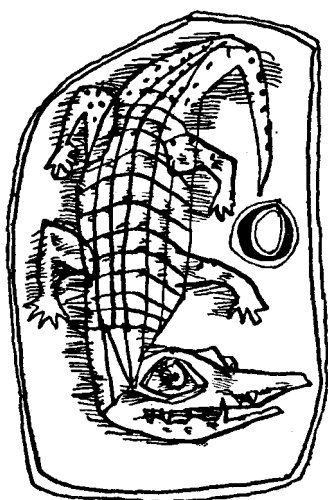
NONDE NADA — V. NONADA: “*Nonde nada* eu não disse” (371).

NOTURNAZÃ — Forma superlativa de *noturna*. V. comentário em ABREVIÃ: “Pior é a surucucu, que passeia longe, *noturnazã*” (205).

NÚ — Partícula do *minuto*, usada para efeito de ênfase e aliteração. V. comentário em MI: “Num *nú*, nisto, nesse repente” (82). O acento permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 79.

NUBLO — Do latim *nubilus* — coberto de *nuvens*, *nublado*: “*Nublo* em que me vi, mas me governei” (124); “Aquele ruim conversa nossa, não deixou nem *nublo*” (476). GR usa o termo, conforme se apreende do texto, como substantivação do verbo *nublar* e não como adjetivo.

NUVEAR — Cobrir de *nuvens*; *nublar*: “Ainda *nuveava*, nos ocultos do futuro” (549).



OAP — Variante n. reg. de *ôpa* ou *upa*: “*Oap!*: o assoprado de um refugão, e Diadorim entrava de encontro no Fanchcho-Bode” (159).

OFA — Forma abreviada de *farofa*, com base na linguagem popular e infantil: “Um refogado de caruru com *ofa* de angü”.

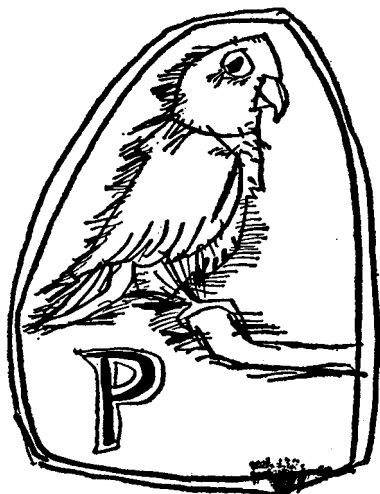
OLHALHÃO — Aumentativo de *olho*; *olho* grande: “Jacaré choca *olhalhão*, crespido do lamal” (33).

OLHANTE — Adjetivo empregado na função de gerúndio. A propósito, anota Mary Daniel (ob. cit., p. 80): “Na função normal de gerúndio como adjetivo o autor obtém um efeito interessante por meio do emprego ocasional de formas em *nte*, etimologicamente verbais mas puramente adjetivais no uso contemporâneo, como sinônimo das em *ndo*”: “Todos estavam lá, os brabos, me *olhantes*” (78).

OMBRADA — Movimento de *ombros*; dar de *ombros*: “E em duro reposteí, com outra *ombrada*” (370).

ONCO-E-RINCHO — *Ronco e rincho*: “Por outro lado, mais longe, outros o mesmo *onco-e-rincho* copiavam” (214).

- ONDONDE** — Iteração do advérbio *onde*, sem alteração do seu significado: “Lá *ondonde* estávamos cercados em combates, na Fazenda dos Tucanos” (476).
- ONHO** — Sufixo empregado como adjetivo, significando *medonho*: “Sarre os *onhos* olhos amarelos de gavião, dele, hem” (259). V. comentário em **DRONHO**.
- OSÉQUIO** — *Obséquio*. Supressão da consoante, com base na linguagem popular: “*Oséquio* feito, que se faz, vem a servir à gente” (269).
- OSGA** — (Pop.). Aversão, ódio; ojeriza, antipatia. Usado como interjeição por GR: “Pois, *osga!* Entreguei a ele a folha de papel, e fui saindo de lá, por não ter mão em mim de não destruir a tiros aquele sujeito” (20).
- OSSOSO** — *Ossudo*: “*Ossoso*, com a nuca enorme, cabeça-na meia baixa, ele era dono do dia e da noite” (32).
- OUTRARTE** — *Outra arte*; empregado no sentido de *outrosim*: “Sitiozinho raso...” — *outrarte* ele respondeu” (525).
- OUTROLHOS** — *Outros olhos*: “O jeito estúrdio e ladino de olhar a gente, *outrolhos*” (528).
- ÔXE** — Forma abreviada da interjeição *ô xente* (bras., Nordeste), corrutela de *ó gente*: “Ôxe, tu carrega ouro nesses dobros?...” (168).
- OXÉM** — Forma apocopada de *oxente*: “Ipa! Zé Bebelo, *oxém*, ganhou patente” (251).
- OXENTE** — *Ô xente*; *ó gente* (bras., Nordeste). Expressão interjetiva que designa enfado, reprovação ou surpresa. GR usa o termo como adjetivo (ou adv.) de significado obscuro: “Seo Assis Wababa *oxente* se prazia” (124).



**PAÇÃ** — Feminino de *pação* (ant.); cortês, palaciano (Moraes, GDLP): “Gentil moça, *paçã*, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor...” (372).

**PACIFICIOSO** — *Pacífico* e *cioso*: “Acabou sendo o homem mais *pacífico* do mundo, fabricante de azeite e sacristão” (23).

**PANCA** — Forma apocopada de *pancada*: “E deu a *panca*, troz-troz forte, como de propósito” (80).

**PÁ-PÁ** — Onomatopéia da detonação da arma de fogo: “Ah *pá-pá!* falei fogo” (569).

**PAPA-ABÓBORA** — *Papa-jerimum* (bras.). Apelido dado aos habitantes de Natal (Rio Grande do Norte): “Um Gu, certo *papa-abóbora*, beiradeiro tarraco mas de cara comprida” (269).

**PAPAGAIAGEM** — Grulhagem, tagarelice: “Por detrás de tanta *papagaiagem* um homem carecia de ter a valentia muito grande” (91).

**PAPEAGEM** — Gorjeio ou chilreio intenso: “Ah, a *papeagem* no buritizal” (48).

**PARAPASSAR** — *Passar ao lado*; anexação do prefixo grego *para* (ao lado; perto) ao verbo *passar*: “Jagunços também, pelo dito e visto, andavam *parapassando*” (410). Para MD, o verbo tem o sentido de ‘vagar sem destino’; para IVG, significa ‘andar de um lado para outro, sem rumo, continuamente’, ‘como que à espera de destino’.

**PARDAZ** — Muito *pardo*: “Um, troncudo, *pardaz*, genista, filho não sei de que terra” (500).

**PAR-DE-FRANÇA** — Termo usado como sinônimo de cavaleiro audaz, destemido; homem e chefe de valor. Alusão ao livro *Carlo Magno e Os Doze Pares de França* (*Conquêtes du Grand Charlemagne*). Cf. Luís da Câmara Cascudo (DFB, p. 184/5), que acrescenta a respeito: “Volume popularíssimo em Portugal e Brasil, leitura indispensável por todo o sertão, inúmeras vezes reimpresso e tendo ainda o seu público leitor fiel e devotado. Fornece material aos cantadores e muitos episódios tiveram redação em versos, constituindo temas de cantos e leituras entusiásticas”. || “Joca Ramiro era único homem, *par-de-frança*, capaz de tomar conta deste sertão nosso” (46).

**PARDEJAR** — Provavelmente, termo empregado com o sentido de *empardar*, igualar: “Zé Bebelo ainda fosse? Esse *pardejou*” (428).

**PARLAGEM** — *Parla*; falatório: “Formou em frente dos outros, puxando a *parlagem*” (487).

**PARLAPATAL** — *Parlapatão*; vaidoso, fanfarrão: “Minha mania derradeira, de me comparecer com as doidivãs bestagens, *parlapatal*” (428).

**PARMENTE** — De *par*: “Se acostumavam de ver a gente *parmente*” (30).

**PARVA** — *A* —: *parvamente*, tolamente. V. comentário em ALTAS: “Assim, *à parva*, às tantices, essa mocinha Miosótis também tinha sido *minha namorada*” (123).

- PASMACEZ** — *Pasmaceira*; marasmo: “No chapadão, os legítimos coitados todos vivem é demais devagar, *pasmacez*” (34).
- PASSARIM** — Forma apocopada de *passarinho*: “É (o manuelzinho-da-croa) o *passarim* mais bonito e engraçadinho” (143).
- PASSÁVEL** — Em que se pode *passar* ou atravessar. V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “O Jequitaiá estava *passável*” (150).
- PASSOPRETO** — *Pássaro-preto* (bras., Nordeste), nome corrente de um pássaro da família dos Ictéridas (A. B. Hollanda, PDB): “O *passopreto* vê e não vem” (480).
- PASTANTES** — Que *pastavam*: “Escornados até quase debaixo do mijo dos cavalos *pastantes*” (279). V. comentário em **AUMENTANTE**.
- PATATRÁS** — Neologismo rico em sugestões, pode ser recurso onomatopaico e aglutinação de *pata* + *atrás*. Note-se ainda o aproveitamento rímico (*demais* — *patatrás*), como recurso enfático no período: “Vi homem despencado demais, os cavalos *patatrás!*” (248).
- PATAVIM** — Forma apocopada de *patavina*; coisa nenhuma; nada: “Não acreditei *patavim*” (11).
- PEMBA** — Substância mineral branca extraída das chanas em Angola (Morais, GDLP). Usado provavelmente por GR como sinônimo de veneno: “Zé Bebelo, mesmo zureta, sem responsabilidade nenhuma, verte *pemba*, perigoso” (265).
- PEPA** — *Pepita*; pedaço; fragmento. Segundo MD, o termo tem base no francês *pépin*, seixo: “Minha amizade com Diadorim estava sendo feita água que corre em pedra, sem *pepa* de barro nem pó de turvação” (198).
- PEPEGO** — Qualidade de *peguento* ou viscoso: “Me deu (um pedaço de terra), comi, sem achar sabor, só o *pepego* esquisito” (56).



- PÉ-PUBO** — *Pé* podre: “Um pé enorme, descalço, cheio de coceiras, frieiras de remeio do rio, *pé-pubo*” (171).
- PERCORRENTE** — Que *percorre*. V. comentário em AUMENTANTE: “Feito estivessem sendo surucuiú sem fêmea, *percorrente* doidada...” (535).
- PERDOAMENTO** — Ato de *perdoar*: “Apareceu com um dinheiro na palma da mão, oferecendo a Zé Bebelo, como em paga de *perdoamento*” (380).
- PEREQUITAR** — Do latim *perequitate* — percorrer fileiras a cavalo; andar a cavalo para lá e para cá. Termo anotado por M. C. Proença (ob. cit., p. 214): “Zé Bebelo *perequitava*, assoviando, manobrava as patrulhas, vai-te, volta-te” (93).
- PERIGÁVEL** — Que *periga*; que oferece *perigo*. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Caçando jeito de safança por entre os lugares *perigáveis*” (300).
- PER MIM** — De —: forma análoga de *per si*, com substituição do pronome reflexivo pelo pessoal: “Achei, *de per mim*” (154).
- PERPASSANTE** — Que *perpassa*. V. comentário em AUMENTANTE: “E tudo *perpassante* perpassou” (542).
- PERPASSEAR** — *Passear* por; *passear* em toda a extensão ou todos os sentidos: “*Perpasseou* os olhos na roda do povo” (268).
- PERPETUAL** — *Perpétuo*; eternal: “Diadorim — o nome *perpetual*” (366).
- PERTENCÊNCIA** — *Pertence*, *pertença*: “Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem *pertencências*” (201).
- PERTURBOSA** — Que causa ou ameaça *perturbação*: “Uma admiração toda *perturbosa*” (116).
- PERVALER** — *Avaliar*; qualificar: “Estava reunindo e *pervalendo* aquela gente, para sair pelo Estado acima, em comando de grande guerra” (130).

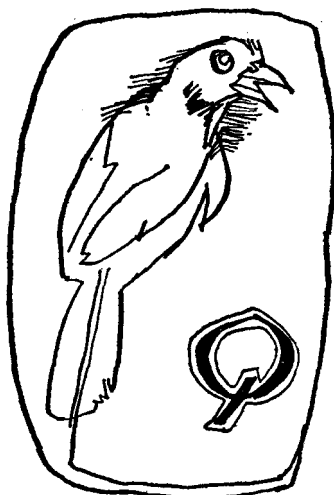
- PESADUREZA** — *Pesar* e *dureza*; *pesadume*: “Esse: uma *pesadureza* na cara toda” (278).
- PESAVEL** — Que se pode *pesar*; *ponderável*: “Eu não sentia nada. Só uma transformação *pesável*” (110).
- PESPINGUE** — *Pingue*; fértil, abundante: “O anil-trepador, e até essas sertaneja-assim e a maria-zipe, amarelas, *pespingue* de orvalhosas” (499).
- PIM** — Provável forma apocopada de *pingo*, usada como recurso enfático: “Não discrepou *pim* de surpresa” (91).
- PINTARROXA** — *Pinta roxa*; referente à mancha de cor roxa que há no centro da planta cabeça-de-frade: “O cabeça-de-frade *pintarroxa*” (498).
- PIPOCO-PACO** — Forma enfática de *pipoco*, acrescida de partícula de realce de natureza onomatopaica: “Era o *pipoco-paco*” (78).
- PIRLIMPIM** — Termo sem significado usado “como puro jogo sonoro associativo” (M. C. Proença, ob. cit., p. 225): “Perdoar é sempre o justo e certo...” — *pirlim-pim*, pimpão” (77).
- PISPISSIU** — Onomatopéia do zunido da bala: “Eu esperei o *pispissiu* de alguma outra bala” (328).
- PLANTADEIRA** — Em que se *planta*; fértil: “Desejo dele era tornar a ter um pedacinho de terra *plantadeira*” (315).
- PLÃO** — *Plano*: “Aquele desgraçado lugar devia de estar lá acolá, no *plão* alto do campo” (385).
- PLASTA** — Forma reduzida de *plastrada*, de uso corrente no Nordeste: marca ou nódoa grande de tinta nas vestes. Ambas as formas não são registradas no PDB: “Só aí, revi o sangue. Aquele, em minha roupa, a *plasta* vermelha fétida” (503).
- PLEQUÊIO** — Substantivo formado da onomatopéia *plec* ou *pleque* — o ruído da alpercata quando usada: “Só era uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras,

- com o *plequêio* das alpercatas” (59). O acento circunflexo do ditongo fechado permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 57.
- PLIM** — Termo de natureza onomatopaica, usado “como puro jogo sonoro associativo” (M. C. Proença, ob. cit., p. 225): “Se escutou, bando do rio, uma lontra por outra: o issilvo de *plim*, chupante” (31).
- POBREJAR** — Levar vida de *pobre*: “A esses muito desertos, com gentinha *pobrejando*” (506).
- POLVREADA** — Misturada com *pólvora*; coberta com *pólvora*: “Cá fora se torrando couros com folhas *polvreadas*” (357).
- PONGUDA** — Segundo Paulo Rónai, trata-se, provavelmente, de adjetivo de sentido metafórico, derivado de *pongo* (“trecho de um rio, apertado entre montes alcantilados”). J. J. Villard utilizou na sua versão francesa a palavra *excitante*, o que corresponde a uma interpretação pessoal baseada no texto: “Mas a boquinha era gomo, *ponguda*, e tão carnuda vermelha se demonstrava” (515).
- PORÇANHEIRA** — Derivado de *porção*, usado em tom depreciativo: “João Goanhá pára com *porçanheira* de homens, na Serra dos Quatis” (293).
- PORFALAR** — Forma enfática de *falar*; propalar: “Tem gente *porfalando* que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé” (10). Cf. IVG (ob. cit., p. 73): “O significado de *porfalar* seria ‘falar por aí’, ‘espalhar’, ‘comentar’. O prefixo enfatiza o verbo, alargando seu significado e aumentando, por assim dizer, seu raio de ação espacial. É possível que a formação tenha sido sugerida por *propalar*.”
- PORMIÚDO** — *Pormenor*: “O Quim Pidão, no *pormiúdo* de honesto” (357).
- PORRETEIRO** — Pessoa que usa o porrete ou cacete como arma: “O Mão-de-Lixa, *porreteiro*, nunca largava um bom cacete, que nas mãos dele era a pior arma” (315).

- PORTOSO** — Que tem *porte*: “Aquele homem, visconde e *portoso* em tudo” (448).
- POSSEDERÁ** — Terceira pessoa do singular do futuro do verbo *posseder*, forma latinizada de *possuir* (*possideo*, *possidere*): “A mò que se diz — que ele *possederá* o bom dinheiro” (270).
- POSSOSA** — Cheia de *posses*: “Fui contando que era filho de Seô Selorico Mendes, dono de três *possosas* fazendas” (193).
- POUCA** — Pequena porção: “A pedra de safira [...] enrolada numa *pouca* de algodão” (368).
- POUCADO** — Forma resultante da junção de *pouco* com *bocado*: “Sem alcance nenhum para se matar um bom *poucado* desses inimigos” (329).
- POUSOSO** — Remansoso, sossegado; *pousado*: “Mas, pensar na pessoa que se ama, é como querer ficar à beira d’água, esperando que o riacho, alguma hora, *pousoso* esbarre de correr” (356).
- POVOAL** — *Povoado*: “Determinavam sebaça em qualquer *povoal* à-toa” (58).
- POVOÃO** — Povaréu: “O *povoão* está de minha espera!” (486).
- POVÔO** — Substantivação do verbo *povoar*, que é também sinônimo de *afumar*. Note-se a associação de idéias e a construção da palavra (*pó* + *vôo*), rica em sugestões: “Subia para o pedaço de céu um *povôo* de fumaças” (385).
- PAVOOSO** — *Populoso*: “No Carinhonha, rio quase preto, muito imponente, comprido e *povooso*” (310).
- PRA-ALMAS** — Termo usado para ressaltar o tamanho dos peixes a que se refere o narrador; pode ser sinônimo de *pra-além*, *para além*: “Traíras *pra-almas* de enormes” (13).
- PRALAPRÁ** — Fusão de *pra*, *lá*, *pra*; termo usado para designar o movimento dos transeuntes — *para lá* e *para*

- cá*: “Enxameava de gente homem — *pralaprá* de feira em praça” (128).
- PRÃO** — De —: *de pran*; de plano, com intento (H. Brunswick, DALP): “Deu vez de, os muitos tiros se asanhavam, *de prão*, em riba dum trecho só” (210).
- PRASCÓVIO** — Variante, por epêntese, de *pacóvio*; tolo, ingênuo: “Povo *prascóvio*” (9).
- PRATEANTE** — Que *prateia*; revestido de *prata*: “Encostar nele a ponta de minha franqueira de cabo *prateante*?” (485).
- PRA-TRASADO** — Posto *para trás*: “O padre, com chapéu-de-couro *prà-trasado*” (59). O acento grave de *prà* permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 57.
- PRENHADA** — *Prenhe*, cheia, repleta: “Minha palavra *prenhada* não foi com ele” (467).
- PRESPIRITAR** — Forma enfática de *espiritar*, endemoniñar: “Agora esse se *prespiritava* por lá” (466).
- PRETEAR** — Ficar *preto*. A locução *ficar preto de raiva* significa *ficar furioso*, irar-se muito: “Espiei o Hermógenes: esse *preteou* de raiva” (267).
- PRIPINGAR** — Forma enfática de *pingar*, por iteração onomatopaica (Cf. O. Marques, ob. cit., p. 34): “O orvalho *pripingando*, baciadas” (118).
- PRIVAS** — *Privadas*. Particípio passado irregular, com base na linguagem popular: “*Privas* (as tanajuras) de suas asas” (524).
- PROLONGARES** — *Prolongamentos*: “Tudo me comprazia por diante, eu não necessitava de *prolongares*” (144).
- PROPOREMA** — Do tupi *pora-pora-êyma*: sem moradores; sem habitantes; o deserto; o sertão. Correspondente a *borborema* (Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, cit. por José Pedro Machado, in DELP): “Tabuleiro chapadoso, *proporema*” (59).
- PROPRIAL** — *Próprio*: “Azoava sempre e zunia, pipocava *proprial*, estralejava” (339).

- PROPUXADO** — *Puxado* para a frente, para diante: “O *propuxado* das sanfonas” (234).
- PROSAPEAR** — Mostrar *prosápia*; fanfarronar, prosear: “Esses, se riam, outros ainda falavam. *Prosapeavam*” (441).
- PROSEÁVEL** — De que se pode *prosear*, conversar. V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “Se creio? Acho *proseável*” (50).
- PROSPEITO** — Variante n. reg. de *prospeto*; aspecto: “Que visse o senhor os homens: o *prospeito*” (258).
- PROSTITUTRIZ** — *Prostituta*; meretriz. O termo está acrescido do sufixo *triz*, que indica profissão, usado para efeito de ênfase: “Igual gostava de Nhorinhá — a sem mesquinhice, para todos formosa, de saia cor-de-limão, *prostitutriz*” (371).
- PROXIMADO** — Forma aferética de *aproximado*: “Esse constituía parentesco *proximado* com os Silvalves” (524).
- PUFO** — Provável substantivação da interjeição *puf*, que designa enfado ou cansaço: “Zé Bebelo se entesou sério, em *pufo*” (76).
- PURIDADE** — (Desusado). À —: em segredo, em particular: “É o que ao senhor lhe digo, à *puridade*” (11).



**QUADRAL** — Relativo a *quadro*; em forma de *quadro*: “O Puipes veio, com as velas, que acendemos em *quadral*” (586).

**QUALQUAL** — Iteração da conjunção, usada no sentido de *tal qual*: “Eu aceitava *qualqual* vuvu de guerra” (155).

**QUASEZINHO** — Diminutivo do advérbio, de tom afetivo. V. comentário em ASSOVIAMZINHO: “Parecia que ele não gostava de me ver em comprida conversa amiga com os outros, ficava *quasezinho* amuado” (149).

**QUASSO** — Forma abreviada de *quassado*; reduzido a fragmentos; diminuído: “Magro ele estava, *quasso*, empalidecido muito” (236).

**QUATREAR** — Dividir em *quatro*; formar grupos de *quatro*: “Tudo se *quatreou* num pronto, no volver-voltar dos cavalos” (551).

**QUEIMA-BUCHA** — À —: à *queima-roupa*; de muito perto: “Como um relance corri cálculo, de quantos tiros eu tinha para à *queima-bucha* dar” (82/83).

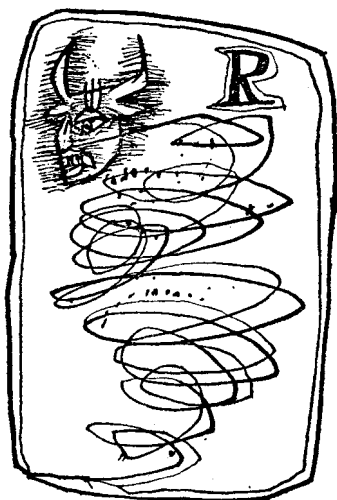
**QUEIMA-CARA** — Variante de *queima-roupa* e *queima-bucha*: “Me fazia de *queima-cara* um punhado de perguntas” (129).

- QUELELEIA — Variante n. reg. de *quelelé* (bras., Pernambuco), (gíria). Mexerico, intriga; discussão (A. B. Hollanda, PDB): “Fomos caminhando, no meio da *queleléia* do povo” (278).
- QUEM-QUEM — *Quenquém* (bras.), nome vulgar da *gralha-branca*; grande pássaro da família dos Córvidas, também chamado *piompiom* e canção (A. B. Hollanda, PDB): “Eu pensava, como pensava, como o *quem-quem* remexe no esterco das vacas” (396).
- QUERELENGA — Aglutinação de *querela* + *arenga*, para efeito de ênfase e concisão: “E ele atendia, em *querelenga*, me pedindo que sozinho fosse” (295).
- QUERIR — Forma aferética de *inquerir*, empregada no sentido de *inquirir* (procurar informações sobre): “Que podia? Esmo disso, disso, *queri*, por pura toleima” (219).
- QUESTÃ — *Questão*. V. comentário em ABREVIÃ: “Joca Ramiro fazia *questã* de navegar três léguas a longe” (254).
- QUIETIDÃO — Qualidade de *quieto*; *quietude*: “Eu ensinava a *quietidão* a Siruiz meu cavalo” (542).
- QUINHOÃ — Relativo a *quinhão*, em sentido figurado: sorte, destino. V. comentário em ABREVIÃ: “A minha tristeza *quinhoã*” (395).
- QUIRIQUITAR — Gritar (o gavião): “Gaviãozinho *quiri-quitou!*” (366). GR usou na novela “Buriti” (CP, p. 729, 1.ª ed.) a variante *quiritar*, da qual ele dá explicações a seu tradutor italiano (ob. cit., 89): “*quiritavam*: gritavam (os gaviões). Você sabe que a romana origem etimológica de *Quirites* é uma palavra peninsular, antiga, que significava ‘gavião’”.
- QUISQUILHA — Provável variante de *quinquilharia*; bagatela, miudeza: “Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas *quisquilhas* da natureza” (30).
- QUISSASSA — *Quiçaça* (bras., São Paulo). Terra árida, chão ruim; espécie de capoeira de paus tortuosos e ás-



peros (A. B. Hollanda, PDB): “Varei a *quissassa*” (412). A grafia com *ss* permanece na 3.ª ed., p. 395.

**QUIZÍLIA** — *Quizila*; repugnância, antipatia. Originariamente, o termo significa “a antipatia supersticiosa que os africanos nutrem por certos alimentos e determinadas ações (M. Querino, *apud* Renato Mendonça, ob. cit., p. 263). Do quimbundo *Kijila* = preceito, segundo ainda R. Mendonça: “Eu em outras horas delas nunca tivesse tido *quizília* nem queixa” (234).



**RABEJO** — *Rabo*. O sufixo *ejo* (diminuição) não altera o significado do termo: “Era um animal gateado, grande [...], de *rabejo* vasto” (405).

**RAIVÁVEL** — Que pode *enraivec*er-se. V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “O senhor viu onça: boca de lado e lado, *raivável*, pelos filhos?” (158).

**RAMAREDO** — Conjunto de *ramos* ou *ramagem*. Forma analógica de *arvoredo*: “*Ramaredo* quebrado, no estalar de pios assovios” (243).

**RAPATRÁS** — Provável variante (substantivada) das interj. *zas-trás* e *zas-catrás*: “*Rapatrás* fazendo meu cavalo também se arquear e empinar” (467).

**RAPAZIAGEM** — *Rapaziada*: “Chusma de gente corajada, *rapaziagem* dos campos” (46).

**RAREAMENTO** — Ato ou efeito de *rarear*: “Ocultos no *rareamento*, assim não se viam, nenhuns, não se achavam” (442).

**RÁS** — Provável forma apocopada de *rasa*; *rasadura*, *acerto*: “E se eu quiser fazer outro pacto, com Deus mesmo

— posso? — então não desmancha na *rás* tudo o que em antes se passou?” (308).

RASCAMPO — Aglutinação de *raso* e *campo*, *campo raso*: “Ao *rascampo* em viemos, soprando a perseguição” (545).

RASCORJA — Forma enfática de *corja*: “Parte do povo do Hermógenes, que tantos eram — a *rascorja*!” (576).

RASCRVAR — Combinação de *rascar* (lascar, debastar, ferir) com *cravar* (fazer penetrar à força e profundamente): “Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: *rascrava*” (481).

RASGA-LETRAS — Qualidade de algodão: “Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o *rasga-letas*, bibol e mussolim” (593).

RASPAZ — De —: *de raspão*; de través: “Levei uma bala, *de raspaz*, na carne do braço” (317).

RASTRAZ — Relativo a *rastro*: “A razão *rastraz* de muitas coisas haviam de poder me expor” (590).

RAVO — Forma abreviada de *ravinoso*; sulcado, cheio de rugas: “Um escuro com sarro *ravo*” (378).

REAFUNDO — Forma enfática de *fundo*; *profundo*: “A gente progredia dumas poucas braças, e calcava o *rea-fundo* do areião (50/51).

REALIVIA — Forma enfática de *aliviar*. V. comentário em DEAMAR: “Me *realiviou*, no dizer, pouco somente” (373).

REBAIXA — *Rebaixo*; depressão; degrau: “Na beira da *rebaixa*, a fogueira feita sarrava se acabando” (194).

REBANHAL — Grande *rebanho*; *rebanhada*: “Me trouxeram, *rebanhal*, os todos possíveis” (436).

REBEIJAR — *Beijar* de novo: “Aquele mulher *rebeijou* minha mão...” (459).

REBICAR — *Bicar* muitas vezes, *bicar repetidamente*: “Os urubus (...) *rebicavam* grosso” (347).

**REBÉM** — (Ant.). Muito *bem*: “*Rebém* que desconfie do demo” (501).

**REBOLDOSA** — *Reboldrosa*; *rebordosa* (bras.), doença grave; situação desagradável; contingências difíceis (A. B. Hollanda, PDB): “Ali entraram com uma aragem que me deu susto de possível *reboldosa*” (116).

**REBOLIZ** — *Rebuliço*: “Os cavalos de uns desgostavam e se empinavam, por *reboliz*” (467).

**REBULIZ** — *Rebuliço*; *reboliz*: “Fiz um *rebuliz*?” (422).

**RECACHA** — Substantivação do verbo *recachar* — corresponder com cilada a outra cilada: “João Concliz levou seus homens muito adiante de lá, na borda do campo, de *recacha*” (97).

**RECANSADO** — Muito *cansado*: “Conforme fui dormir, *recansado* de falfa” (548).

**RECEDER** — *Re* + *ceder*, com o significado de *retroceder*: “Será que de lá ainda se podia *receder*?” (51) Segundo WMD, GR usa ainda o particípio desse verbo, que à primeira vista pode ser confundido com o substantivo de registro nos dicionários: “O que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, *recesso* dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria” (40).

**RECÉM-CHEGAR** — *Chegar* há pouco. Verbalização do adj. e substantivo *recém-chegado*: “O que ele estava era *recém-chegando*” (477).

**RE-CHEIO** — Muito *cheio*: “Manhãzando, ali estava *re-cheio* em instância de pássaros” (143).

**RECLUTA** — Forma variante de *recruta*, com base na linguagem popular: “Mas, que sorte de jagunço *recluta* era ele — assim meninoso, jalofo e bom” (186).

**RECONSELHAR** — *Aconselhar* de novo: “*Reconselho* de o senhor entestar viagem mais dilatada” (27).

- RECRUTAGEM** — Ato ou efeito de *recrutar* ou arrebatar; *recrutamento*: “Achamos, de *recrutagem*, os cavalos que pudemos” (453).
- REDEAR** — Usar a *rédea*; cavalgar somente com o uso da *rédea*: “*Redeando*; rumamos, em tralha e torto” (296).
- REDEDORES** — *Arredores*. Espanholismo anotado por J. L. Vasconcelos (ob. cit., p. 121): *Rededor*, de *rotatore* — deu *redor* em português e *rededor* em espanhol: “Andam tomando contas daí, que são lugares *rededores*” (363).
- REDEMUNHO** — Corrutela de *redemoinho* ou *remoinho*: “O diabo na rua, no meio do *redemunho*...” (12).
- REDESCER** — *Descer* outra vez, tornar a *descer*: “Mas, no vir de cima desse morro, do Tebá — quero dizer: Morro dos Ofícios — *redescendo*, demos com o velho, na porta da choupã dele mesmo” (508).
- REDOER** — *Doer* muito: “Mordi minha mão, de *redoer*” (582).
- REDOÍDO** — Forma reforçada de *doído*: “Isso foi o que eu pensei, muito *redoído*” (384).
- REDOLEIRA** — Termo obscuro; talvez, segundo MR, formado de *redor*, *redondo*, em alusão a configuração do peixe referido no texto: “Peixe feroz do rio de São Francisco — piranha *redoleira*, a cabeça-de-burro” (164).
- REDONDANTE** — De forma *redonda*. Note-se a alusão a *redundante*, sinônimo de excessivo: “Cabeça de um se bolou, *redondante*, feito um coco” (331).
- REENGRAÇAR-SE** — *Engraçar-se* de novo: “Mas se o senhor se *reengraçar* com os soldados, o Governo lhe repraz e lhe premeia” (330).
- REFALAR** — Tornar a *falar*: “Falei e *refalei* inútil” (151).
- REFALSA** — À —: *refalsadamente*; fingidamente. V. comentário em ALTAS: “Ele vinha por ali, à *refalsa*” (232).

- REFAVAS** — *Re* + *favas*. GR faz alusão à locução popular *favas contadas* = ‘com que se denota ser certa uma coisa, não haver dúvida’, segundo o Caldas Aulete: “Contei minhas favas, *refavas*” (369).
- REFE** — Forma apocopada de *refece*; vil; ordinário; infame: “Deus não se comparece com *refe*” (19).
- REFÊRVO** — Ato ou efeito de *referver*; excitação, agitação: “E como quando, no *refêrvo*, combatendo no dano da mormaceira” (228). O acento circunflexo permanece na 3.ª ed., p. 218.
- REFIGURAR** — *Figurar*, imaginar: “Ou o senhor não pode *refigurar* que estúrdia confusão calada eles paravam” (436).
- REFINFIM** — Onomatopéia, usada como “puro jogo sonoro associativo”, segundo M. C. Proença: “O *refinfim* do orvalho” (122).
- REFLEITIR** — Forma epentética de *refletir*: “Eu estava podendo *refleitar*” (501).
- REFREGO** — Ato ou efeito de *refregar*; luta, peleja: “Mas o *refrego* de tudo já se passou” (266).
- REFREIXO** — Forma antiga de *reflexo*: “O *refreixo* das cores dando lá acima nos galhos e folhas” (373).
- REFRIO** — Muito *frio*: “Ao que narro, assim *refrio*” (579).
- REFUGÃO** — Substantivação de *refugar* (bras., Sul), negar-se o animal a seguir, priscando ou fugindo para um dos lados (A. B. Hollanda, PDB). Termo usado em sentido figurado, exprime no texto a ação rápida e imprevista do personagem (Diadorim) ao atacar o adversário: “O assoprado de um *refugão*, e Diadorim entrava de encontro no Fanchô-Bode” (159).
- REGALOPAR** — *Galopar* de novo: “Meu povo afastava os cavalos, já querendo *regalopar*” (552/3).
- REGASTAR** — *Gastar* pouco a pouco: “Afora a (obrigação) de esperar, que é que *regasta* e se recoze” (562). Cf. IVG (ob. cit., p. 80): “Esse verbo é formado certa-

- mente sob a sugestão de *desgastar* (...). O prefixo é intensivo, mas a palavra tem principalmente a idéia de 'gastar pouco a pouco', numa ação continuada. A partícula confere, pois, ao verbo, além de intensificação, aspecto durativo ou progressivo".
- REGITAR** — *Gritar* de novo: "Daí, *regritei*" (545).
- REGROSSA** — Muito *grossa*: "De curta altura (a palmeira) mas *regrossa*, e com cheias palmas" (63).
- RÉIS-COADO** — Coisa sem valor, insignificância. Termo correspondente a *tostão-furado*, de uso corrente no Nordeste. Ambas as formas não são registradas nos dicionários: "Por tudo, *réis-coado*, fico pensando" (23).
- REJEITÃ** — Que se pode ou deve *rejeitar*; *rejeitável*. V. comentário em ABREVIÃ: "A Nhorinhá — nas Aroeirinhas — filha do Duzuza. Ah, não era *rejeitã*..." (306).
- RELEGA** — Substantivação do verbo *relegar*; desprezo, abandono: "Semelhavam no rigor umas pobres infâncias na *relega*" (385).
- RELEIXO** — Saliência de um muro; espaço que medeia entre a muralha e o fosso. Usado figuradamente, o vocábulo significa a saliência dos dentes ou a parte que separa os dentes um do outro (no texto): "Aviava de encalçar o corte da faca nas beiras do dente, rela *releixo*, e batia no cabo da faca, com uma pedra, medidas pancadas" (164).
- RELIMPAR** — *Limpar* bem: "*Relimpar* o mundo da jagunçada braba" (130).
- RELIMPO** — Muito *limpo*: "Daí, *relimpo* de tudo, escorrido dono de si, ele montou em ginete" (46).
- RELOMBO** — Forma reforçada de *lombo*, com o sentido de *lombada*, declividade de pequenos morros: "Os barrancos cinzentos, divulgando uns rebolos e *relombos*, barrancos muito esquisitos" (535).
- RELUME** — *Lume* intenso: "Diadorim, duro sério, tão bonito, no *relume* das brasas" (30).

- RELUMIAR — *Relumar*, faiscar, rebrilhar: “Como quem saca sua faca para *relumiar*” (404).
- REMANCHA — Forma enfática de *mancha*: “Feito *remanchas* n’água” (474).
- REMEDANTE — Que *remeda*; imperfeito, mal feito, tosco. V. comentário em AUMENTANTE: “Tudo errado, *remedante*, sem complementação” (49).
- REMELEJAR — *Remelar*, requeimar: “E longe pedra velha *remeleja*” (57).
- REMINICAR — *Remenicar*; replicar: “A entender me deu, e eu *reminiquei*, com soltura de palavras” (420). A grafia (*mi* ao invés de *me*) do termo permanece na 3.ª ed., p. 403.
- REMONSTRAR — Saimento, exibição: “Mas porém ele pronunciava com brio, sem as papeatas de em antes, sem o *remonstrar* nem os reviretes” (274). Cf. IVG (ob. cit., pp. 80/81): “O verbo foi formado a partir de *demonstrar* (...) com a troca de prefixos que é tão constante na linguagem de Guimarães Rosa. Significa o ‘mostrar-se demasiado’, o saimento que caracteriza Zé Bebelô, personagem de que se fala”.
- REMÔO — Ato ou efeito de *remoer*: “O senhor vê: o *remôo* do vento nas palmas dos buritis todos” (286).
- REMORTO — Forma reforçada de *morto*: “O Hermógenes está morto, *remorto* matado” (583).
- REMOTIDÃO — Qualidade do que é *remoto*: “Essas coisas larguei, largaram de mim, na *remotidão*” (533).
- REMPE — Repente; forma abreviada, para efeito de ênfase: “De *rempe*, tudo foi um ão e um cão” (159).
- RENJE — Variante de *range* (rangido), com base na linguagem sertaneja: “Ouvir o *renje* uim-uim dessas (balas), perto de nossos cabelos” (569).
- RENOVAME — *Renovamento*, renovação: “E vieram uns campeiros, rever o gado da Tapera Nhã, no *renovame*”



(291); “Moças sacudidas, pra o *renovame* de sua cama ou rede!” (438).

RENÚVEM — Forma enfática de *nuvem*: “De doer, minhas vistas bestavam, se embaçavam de *renúvem* (53). O acento na penúltima sílaba permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 51.

REOLHAR — *Olhar* de novo: “Vinha *reolhando*, *historiando* a papelada” (20).

REPEGAR — *Pegar* outra vez; recomeçar: “*Repegava* a chuva” (89).

REPEQUENO — Muito *pequeno*: “Zé Bebelo, acabando nas palavras, ali sentadinho ficou, *repequeno*, *pequeninho*” (276).

REPERDIDO — Forma enfática de *perdido*: “Esses homens *reperdidos* sem salvação” (379).

REPINGO — Forma enfática de *pingo*, usada no sentido de ‘instante’, ‘momento’: “Assim, noutro *repingo*: eu arejei que toda criatura merecia tarefa de viver” (463). V. IVG (ob. cit., p. 78): “Nessa palavra, formada provavelmente por analogia com *respingo*, o *re* tem a um tempo valor de repetição e de retificação. Num *pingo*, Riobaldo pensa a primeira vez; num *repingo*, a segunda: e o segundo pensamento refuta o primeiro. Além disso, como há vizinhança semântica entre as palavras *pingo* e *ponto*, é possível que o sentido arcaico de *ponto*, se estiver presente no neologismo *reponto*, tenha influenciado a formação de *repingo*, que poderia significar ‘no momento seguinte’”.

REPONTANTE — Que ou aquele que *reponta*, que replica grosseiramente: “E o Fafafa, *repontante*: — Em paz, quem é que devolve vida em nossos cavalos?!” (355).

REPONTO — Forma reforçada de *ponto*: “Eu queria pensar nisso, de tarde, nos *repontos*” (491). V. IVG (ob. cit., p. 77): “Como em muitos outros casos, aqui a linguagem de Guimarães Rosa é mais intuitiva que lógica, sendo difícil explicá-la com inteira objetividade. Mas,

se tomarmos a palavra *ponto* no sentido de ‘objeto determinado, assunto; questão ou assunto particular que carece de ser analisado e discutido’, *reponto* poderá ser, por extensão, ‘repensamento’; ‘outra ocasião para pensar, com mais vagar’. A palavra poderá ter sido também inspirada pela expressão *ponto por ponto*”. Prossegue IVG: “Outra interpretação possível seria a partir do sentido que a palavra *ponto* tinha no português arcaico: o sentido de ‘hora’. *Reponto* seria, então, ‘outra hora’, ‘hora posterior’.”

**REPORTÓRIO** — *Reportação, reportagem*: “Eu não havia de querer conversar *reportório* de tiros e combates” (216).

**REPRAÇAR** — Verbalização de *praça* — sinônimo de *cerca*, *assédio* — com prefixação de intensidade; *recercar, reas-sediar*: “Depois, se *repraçava* um entranço” (51).

**REPRAZER** — *Aprazer*: “Mas se o senhor se reengraçar com os soldados, o Governo lhe *repraz* e lhe *premeia*” (330).

**REPROFUNDO** — Muito *profundo*: “Queria era farejar com os olhos o *reprofundo*” (344).

**REPRONTO** — *Pronto* de novo: “Mas, *repronto*, ele mesmo encolheu o corpo” (537). V. IVG (ob. cit., p. 83): “Descrevendo a atitude de um jagunço que de repente avista o inimigo e põe-se de guarda, o adjetivo *repronto* pode significar ‘muito ágil’ (tomando-se *pronto* no sentido de ‘ligeiro’, ‘rápido’, ‘ativo’, ‘ágil’), e o *re* será puramente intensivo. É possível também, no entanto, que a palavra signifique ‘refeito’, ‘posto de novo em prontidão’, e o prefixo trará idéia de repetição”.

**REPULAR** — *Pular vezes* seguidas: “Homens e homens *repulam* no afã tão unidamente, sujeitos maneiros” (322).

**REPUNO** — Primeira pessoa do indicativo presente do verbo *punir* (reprimir); pode ser também do verbo *repugnar* (reagir contra, não admitir), grafado com supressão

da consoante *g*, com base na linguagem popular: “— *Repuno*: que você está diferente de toda pessoa, Riobaldo...” (459).

**REQUEIMÃO** — Que *requeima* ou *queima* demais: “O sol roxo *requeimão*” (520).

**RESFEIÇÃO** — Forma epentética de refeição, com base na linguagem popular: “Depois tudo aceita e então começa a *resfeição*” (563).

**RESFOL** — Forma apocopada de *resfolego* ou *resfolgo*: “Só se ouvia o *resfol* deles, cavalanços” (52).

**RESISTENCIOSO** — Qualidade de *resistente*: “Mas aí Joca Ramiro remediou, dizendo, *resistencioso*” (263).

**RESMÃO** — Substantivo formado provavelmente do verbo *resmonear* ou *resmungar*: “Às vezes vinha falando surdo, de *resmão*” (45).

**RESTÍVEL** — Latinismo anotado por M. C. Proença (ob. cit., p. 213): que se cultiva todos os anos. O *Lello* registra *restivo*, produto da restivada, i.e., a segunda cultura de um campo, no mesmo ano: “Aquele capim-marmelada é muito *restível*, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho de menor chuvisco” (29).

**RESVALOSO** — Qualidade daquilo que *resvala*: “Todo caminho da gente é *resvaloso*” (308).

**RETARDO** — *Retarde*, *retardação*: “Alguma instância, das outras pessoas, pegava na gente, assim feito doença, com *retardo*” (453).

**RETENTE** — *Refreado*; contido: “*Retente*, então, permaneci; não fiz mostra nenhuma” (235).

**RETENTEAR** — Forma enfática de *tentear*, examinar: “Diadorim disse: “— Ei *retenteia!*” (370).

**RETINGE** — Substantivação do verbo *retingir*: “De uns assim, tudo o que escapa vai em *retinge* de medo ou de ódio” (260).

**RETOMBADO** — Forma reforçada de *tombado*: “Dos homens que incerto matei, ou do sujeito altão e madruga-

- dor quem sabe era o pobre do cozinheiro deles — na primeira mão de hora varado *retombado*?” (216).
- RETRAUTA — Substantivação do verbo *retrautar* (ant.), *retratar*; *retratação*: “Não confesso culpa nem *retrauta*” (276).
- RETRAZER — *Trazer* de novo: “Me *retroux*e remoque” (369).
- RETROCO — *Troco*, troca: “A gente rompeu adiante, com bons cavalos novos para *retroco*” (511).
- RETROVÃO — *Trovão* violento; com maior intensidade: “Na Serra do Cafundó — ouvir trovão de lá, e *retrovão*, o senhor tapa os ouvidos” (28).
- RETRUZ — De —: *de truz*; de primeira ordem: “Rodaram com a gente, de *retruz*” (299).
- REVENTO — Forma enfática de *evento*: “Seguido de diante para trás o *revento* todo” (561).
- REVEXO — *Vexação*; pressa: “Me levaram, por primeiro, de *revexo*” (588).
- REVEZADA — Mudada, muda: “Saber as *revezadas* do capim? Ah, então, quer foram: mimoso, sempre-verde, marmelada” (366).
- REVINHAR — Termo de construção obscura, usado no texto com o sentido de *revirar*: “Eu sabia que estávamos entortando era para a Serra das Araras — *revinhar* aquelas *corujeiras* nos bravios de ali além, aonde tudo quanto era bandido em folga se escondia” (35).
- REVOGO — *Revogação*: “Sem admitir apelo nem *revogo*” (76).
- RIACHIM — *Riachinho*: “Um *riachim* à-toa de branquinho” (284).
- RIBEIRÃOZINHO — Diminutivo do aumentativo de *ribeiro*, de acento lúdico: “Medo maior que se tem, é de vir canoando num *ribeirãozinho*, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande” (105).

- RIFLEIO** — Luta com *rifle*; descarga de *rifles*: “Soubesse o senhor o que é que se preza, em *rifleio* e à faca, um cearense feito esse!” (25); “Em tudo repetido o igual: o cantar do *rifleio*” (349).
- RIFLE-PAPO** — *Rifle* do papo amarelo (bras., Nordeste), tipo de *rifle* muito apreciado pelos sertanejos e assim cognominado por ter uma pequena placa de metal amarelo na parte inferior (A. B. Holanda, PDB): “Troquei o *rifle-papo* pelo máuser” (570).
- RIPIPE** — De —: empregado no sentido de *de repente*: “*De ripipe*, espiei o Hermógenes: esse preteou de raiva” (267).
- RISÃ** — Que *ri* muito; *risona*. V. comentário em ABREVIÃ: “Coruja só agoura mesmo é em centro de noite, quando dá para *risã*” (495).
- RISPE** — Provável forma apocopada de *rísido*: “Te cuida! — ouvi o *rispe* do Hermógenes” (214).
- RODEJAR** — *Rodear*; andar, desviando-se de: “Com braços e pernas *rodejando*” (581).
- RÓ-RÓ** — Onomatopéia do barulho do vento em remoinho: “Aquilo passou, embora, o *ró-ró*” (243). “Nós dois, e o tornopio do pé-de-vento — o *ró-ró* girado mundo a fora” (414).
- ROMPE-TEMPO** — Que *rompe o tempo* ou penetra por ele; instante, átimo, pouco tempo: “Nem sei em que *rompe-tempo* desatei o cabresto” (21).
- RÔO** — Substantivação do verbo *roer*: “Assim um *rôo* de remorso: tantos perigos ameaçando, e a vida tão séria em cima” (147/8).
- ROQUEADO** — Cercado de *roque* (ou *torre*, no jogo de xadrez); *torreado*: “Aquele homem morresse, *roqueado* no medo” (468).
- ROSÁVEL** — *Cor-de-rosa*; rosado. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Diadorim vindo do meu lado, *rosável* moquinho antigo” (385).

- ROSCOFÉ — Termo n. reg. nos dicionários, mas de uso popular no Nordeste, onde significa relógio de má qualidade, de marca ordinária: “Ferramentas róggers e *roscofes*” (72). GR usa o vocábulo com o sentido de objeto (ferramentas, no texto) de qualidade inferior. Ele próprio explica a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 39): “Da pior qualidade. (De uma marca de relógios, suíços, antigamente muito difundida, no interior do país, por serem os mais baratos, mas que não prestavam: Roscoff.) Prossegue GR: “Curioso: esses ordinarríssimos relógios penetraram também na Rússia, naquela época, e por lá deixaram também o adjetivo: *roscoff* — no sentido de péssima qualidade; li isto num conto russo moderno!”
- ROSÉIA — *Cor-de-rosa* abundante: “Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a *roséia* daquela cor” (303).
- ROSMES — Interjeição de significado obscuro, provavelmente derivado de *rosmeiar* (ant.), resmungar: “Tinha até um pé de roseira. *Rosmes!*... Depois o senhor vá, verá” (101).
- ROSMUNDA — Termo obscuro (de *rosmaninho?*), de difícil interpretação dentro do texto: “Uma moita *rosmunda* de frei-jorge, esfiada em tantos espetos” (399).
- ROSNEAR — Forma epentética de *rosnar*: “Só *rosneava* curto, mas baixo, as meias-palavras encrespadas” (19/20).
- ROSNO — Ato ou efeito de *rosnar*; *rosnadura*, *rosnadelas*: “Deu ainda um barulho de boca e goela, qual um *rosno*” (119).
- ROUBA-MONTE — Certo jogo de cartas: “A gente tinha baralhos, se jogou, *rouba-monte* e escopa” (526).
- ROUPEADA — Sinônimo n. reg. de *esfarrapada*, provavelmente, a se apreender do texto. Corrobora a suposição o termo correspondente francês — *loqueteux* — usado na tradução francesa de J. J. Villard: “Como é que se

podia desrespeitar tudo desse jeito, numa desgraçada pessoa, *roupeada*?" (469).

**ROUPILHAR** — Combinação de *roubar* com *pilhar*: "Jagunço — criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e *roupilhando*" (219).

**ROXA** — Mulata, de cor pardo-escuro, quase preta, segundo explica GR a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 34): "Desdeixei duma *roxa*, a que me suplicou os carinhos vantajosos" (191).

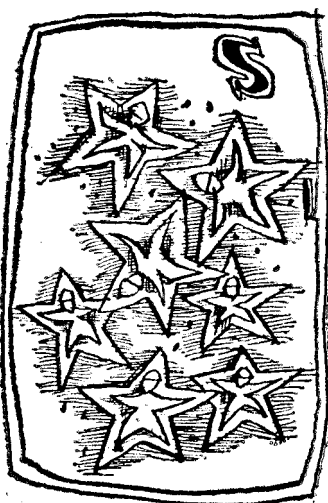
**ROXIDÃO** — Qualidade daquilo que é *roxo*. Forma analógica de *vermelhidão*: "O melosal maduro alto, com toda sua *roxidão*, *roxura*" (197).

**RUIM-QUERER** — Antônimo irregular de *mal-querer*, com base na linguagem sertaneja: "Mas aquilo de *ruim-querer* carecia de dividimento — e não tinha; o demo então era eu mesmo?" (462).

**RUPEAR** — Provável corrutela de *arrupiar* ou *arrepier*, quando pronominal: "Anta entra n'água, se *rupeia*" (149). O significado do verbo usado como transitivo se aproxima da acepção de *rupar* (prov. transmontano), investir (o cão), conforme registra Moraes, in GDLP: "A besta pra ele *rupeia*, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar..." (10).

**RUSGO** — Masculino n. reg. de *rusga*; barulho, desordem: "Viu *rusgo* de touro no alto campo, brabejando" (158).

**RUTUBA** — Termo empregado no sentido de cutuba (bras., Norte). Importante, forte, valentão (A. B. Hollanda, PDB): "Ele entrava de cheio, pessoalmente, e botava paz em qualquer *rutuba*" (130).



**SABENTE** — Que *sabe*; *sabedor*. Arcaísmo registrado por H. Brunswick (DALP): “Rastreador, de todos esses ser-  
ções dos Gerais *sabente*” (314).

**SACANHAR** — Variante n. reg. de *sacar*: “Ainda estava  
em tempo: se eu quisesse, *sacanhava* meu revólver”  
(207).

**SAÊTA** — *Saieta* (bras., Goiás e Mato Grosso). Bebida fer-  
mentada feita com a polpa do côco buriti (A. B. Hol-  
landa, PDB): “Estavam bêbedos, de beber tanta *saêta*”  
(378). A grafia sem *i* e com acento circunflexo na pe-  
núltima sílaba permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 362.

**SAFANÇA** — Ato ou efeito de *safar*; desembaraço, desafo-  
go: “Caçando jeito de *safança* por entre os lugares peri-  
gáveis” (300).

**SAFANO** — *Safanão*; bofetada: “Arrumou mão nele, meteu  
um sopapo: — um *safano* nas queixadas” (159).

**SALTEAÇÃO** — *Salteamento*, *assalto*: “O tiroteio batia for-  
te, de lá, e daí de repente estiava — aquilo servia um  
pesado, *salteação*” (340).



SANHAR — Encher-se de *sanha*, de ira: “E eles *sanharam* e baralharam, terçaram” (581).

SÃO-GUIDO — *Dança-de-são-guido*; doença que obriga a movimentos convulsivos e freqüentes: “Só repetia aquilo, desafio, e no mais se mexer, feito com *são-guido* ou escaravelho” (263).

SÃOSSALAVÁ — *São-salavá* (bras.). Espírito do mato; entidade do folclore brasileiro, de origem ameríndia (A. B. Hollanda, PDB): “Um bentinho com virtudes fortes, dito de *sãoossalavá*” (184).

SAPAL — Terra alagadiça, quase sempre à beira dos rios; paul; “Aí pelo mato das pindaíbas avante, tudo era um *sapal*. Coquexavam” (291). Note-se a ambigüidade do termo, que pode ser também *porção de sapos* (*sapo* + *al*), acentuada pelo verbo hipotético *coquexar*, variante de *coaxar*.

SAPIRAR — Verbalização de *sapiranga* (bras.), inflamação das pálpebras, que faz perder as pestanas (A. B. Hollanda, PDB): “Aquela gente toda *sapirava* de olhos vermelhos” (52).

SARANDAR — Variante de *sarandear*; saracotear: “E o macuco vinha andando, *sarandando*” (286).

SÃS — Às —: *sãmênte*; de modo são: “Toda às *sãs* cheirosa florescia” (495). V. comentário em ALTAS.

SASSAFRAZAL — Conjunto de *sassafrás* ou *canela-sassafrás*, planta da família das Lauráceas: “*Sassafrazal* — como o da alfazema, um cheiro que refresca” (302).

SATANAZIM — *Satanazinho*: “Miúdo *satanazim*” (10).

SATISFA — *Satisfação*. Aproveitamento da linguagem sertaneja, já utilizado por José de Alencar e Mário de Andrade (Cf. M. C. Proença, ob. cit., p. 218): “A hora a ser *satisfa*, alegrias sobejavam” (426).

SEBACEIRO — Que ou aquele que pratica *sebaça*: “Eles estavam era ajudando indireto àqueles *sebaceiros*” (299).

- SEMELHO** — Forma abreviada de *semelhança*: “Com *semelho*, mal comparando, com o governo de bando de bichos” (167).
- SEM-GRACEZ** — Que não tem *graça*; enfado. Forma paralela de *sem-gracismo*, usada por Monteiro Lobato em sua literatura infantil: “Tudo igual — às vezes é uma *sem-gracez*” (291).
- SEM-MODEZ** — Falta de *modos*, de boas maneiras: “*Sem-modez* de tempo de criança, más-artes” (24).
- SEMPREVIVA-SERRA** — *Sempre-viva-da-serra*: “Em choça muito de solidão, entre as touças da *sempreviva-serrã*” (508).
- SEM-QUÊ-FAZER** — Desocupação, inatividade. Forma antônima de *quefazer*: “Por esse *sem-que-fazer*, a gente ainda mais comia, quase que por divertimento” (231/2).
- SEM-TEMPO** — De —: fora do *tempo* próprio; intempesivamente: “— Diadorim, então quem foi esse moço Leopoldo, que morreu seu amigo?” — eu indaguei, *de sem-tempo*” (182).
- SENHOREANTE** — Com aspecto de *senhorio*; dominante: “Aqui e aqui, os tucanos *senhoreantes*” (311).
- SENSEAR** — Dar *senso*; raciocinar: “Que modo que *senseei*, do vazio do tempo em redor” (549).
- SENVERGONHAGEM** — Variante n. reg. de *sem-vergonheza* e *sem-vergonhice*; falta de *vergonha*: “Todos contavam histórias de raparigas que tinham sido simples somente; essas *senvergonhagens*” (231).
- SEREPENTE** — Forma epentética de *serpente*: “Nem cobra *serepente* malina não é” (179).
- SERIOSO** — Forma enfática de *sério*: “Armou rosto reverso, aquele semblante *serioso*” (380).
- SESTRONHO** — Que tem *sestro*, mania, cacoete: “Homem sistemático, *sestronho*” (446).

- SETE-BELO — Carta de baralho; o *sete de ouro*, na escopa: “Marcelino Pampa deu de opinião, enquanto pegava o *sete-belo* com o *sete-de-paus*” (526).
- SETESTRELO — *Sete-estrela*: “O *setestrela*, no poente, a uma braça” (555/6).
- SEVERGONHAR — Ter procedimento de *sem-vergonha*: “*Severgonhei*. Estive com o melhor de mulheres” (301).
- SEVERGONHICE — Variante de *sem-vergonhice*: “*Severgonhice* e airado avejo servem só para tirar da gente o poder da coragem” (191).
- SEVERIANA — *Severa*, rígida: “Baixei ordens *severianas*” (513).
- SICRÃO — *Sicrano*: “A frouxa presença deles — fulão e *sicrão* e beltrão” (63).
- SIGNIFICADO — *Significante, significativo*: “Aprazava efeito de bando *significado*, numeroso” (357).
- SIGRITAR — Forma superlativa de *gritar*: “O garrixo *sigritando*” (311).
- SIGUILGAITA — Variante, não registrada, de *sirigaita*: “Não era *siguilgaita* simples” (515).
- SÔ — Forma abreviada de *senhor*, de uso corrente entre as classes incultas: “— Tomém pego licença, *sôs* chefes” (269).
- SOALERTAR-SE — *Pôr-se alerta*; forma enfática de *alertar-se*: “Se *soalerte* o senhor, que estamos descambando” (546).
- SOBRANÇO — *Sobrançaria, sobranceria*; orgulho: “Sem *sobranço* nem desgosto, eu apalpei os cheios” (499).
- SOBRANTE — Que *sobra*. V. comentário em AUMENTANTE: “Desistindo de mais longe perseguir os *sobran-tes*, cercamos por completo aquela choupana” (545).
- SOBRECALOR — *Calor* ou ação superior: “Zé Bebelo, sozinho por si, sem outro *sobrecalor* de regimento” (362).
- SOBRECHAMADO — Apelidado além do cognome: “Jõe Bexiguento, *sobrechamado* o “Alpercatas” (571).

- SOBRE-CORJA** — Forma superlativa de *corja*: “— Sei seja de se anuir que sempre haja vergonha de jagunços, *sobre-corja*?” (131).
- SOBREDENTRO** — Muito *dentro*: “Do *sobredentro* de minhas idéias” (462).
- SOBREFALSEADO** — Acima do *falseado*: “Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, *sobrefalseado*” (139).
- SOBREFAZER** — *Fazer superiormente*: “— Vem um cismo de fio de cabelo no ar, que eu acerto. “*Sobrefiz*” (169).
- SOBREFERIDO** — Muito *ferido*: “Estavam atirando por misericórdia nos cavalos *sobreferidos*, para a eles dar paz” (338).
- SOBREFICAR** — Forma reforçada de *ficar*: “Três tinham de *sobreficar*, de vigias” (143).
- SOBREGELO** — Forma reforçada de *gelo*, usada com o sentido de frio intenso: “O pêlo da gente se arrupei de total gastura, o *sobregelo*” (336).
- SOBREGUARDAR** — Forma enfática de *guardar*: “E eles iam s’embora, conforme desisti de *sobreguardar* esses homens” (490). V. IVG (ob. cit., p. 94/95): “Descreve-se aqui o momento em que alguns jagunços resolvem abandonar o bando, e o chefe Riobaldo não o impede. O prefixo *sobre*, além de intensificar o verbo *guardar*, acrescenta-lhe matiz de duração. *Sobreguardar* é ‘continuar guardando’, ‘guardar daí por diante’”.
- SOBRELÉGIO** — Palavra que o autor inventou para sugerir, conforme os seus processos lexicogênicos, a operação de um sortilégio superior (Antônio Cândido, *Tese e Antítese*, p. 136). Para M. Cavalcanti Proença (ob. cit., p. 215), trata-se de um latinismo (de *super* + *legis*), lei superior: “Se passou como se passou, nem refiro que fosse difícil — ah; essa vez não podia ser! *Sobrelégios*?” (497).

**SOBRELEVE** — Termo derivado do verbo *sobrelevar*, ser mais alto que; passar por cima de. De —: sutilmente: “Aquela cozinha grande, no cabo do negócio, muito aprisionava, de *sobreleve*” (364).

**SOBRENASCER** — Forma enfática de *nascer*: “Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor *sobrenasceu* lá?” (579). V. IVG (ob. cit., p. 93/94): “*Sobrenascer* é verbo formado provavelmente sob a sugestão das expressões *nascer outra vez*, ‘escapar ileso de um perigo’ e *sobreviver*. Mais expressivo, entretanto, descreve a situação tão decisiva para o personagem, que ele sente ter mudado a partir dela, ‘renascido’. Mas também aqui há no prefixo ‘componentes de superposição’, de modo que a idéia expressa por *sobrenascer* é mais complexa do que a de *renascer*: sugere talvez um segundo nascimento que se acrescenta ao primeiro”.

**SOBREQUERER** — *Querer sobre*; desejar ardentemente: “O maior direito que é meu — o que quero e *sobrequero*” (388).

**SOBRESSEGUIDA** — Em seguida: “*Sobresseguida* à doideira de mão-de-guerra na rua, João Goanhá tinha carregado em cima dos bandidos deles” (583).

**SOBRESSER** — *Sobrestar*; parar, cessar, não ir adiante: “O sucedido sofrimento *sobrefoi* já inteirado no começo” (49).

**SOBREVER** — *Ver sobre* alguma coisa; apreender o sentido de alguma coisa: “*Sobreveja* o senhor o meu descrever” (232).

**SOBREVOZ** — *Voz superior*: “Só Zé Bebelo — as ordens de *sobrevoz*” (320).

**SOBREZUMBIR** — Forma reforçada de *zumbir*, usada como sinônimo de sussurrar: “Ele ligeiro *sobrezumbia* com os beijos” (373).

- SOBROSSOSA** — Que tem *sobrosso*, medo, receio: “A gente *sobrossosa*, nesse ensino de onça, traçoeiros todos” (352).
- SOCHUPAR** — Forma enfática de *chupar*: “*Sochupei* aquele vapor fresco” (449).
- SOÊNCIA** — Substantivação do verbo *soer*; costume, hábito: “Aquele ânsia e *soência*, de avançar, a avançar” (248).
- SOFLAGRAR** — *Flagrar* ou surpreender de imediato: “A gente fosse surgir de sobrevento, *soflagrar* aqueles desprevenidos” (38).
- SOFORMA** — *Forma* inferior: “*Soforma* dalgum bicho de pêlo escuro” (404).
- SOFORMAR** — Formar pouco; o verbo formar precedido do prefixo vernáculo *so* (= inferioridade): “*Soformamos* diversos golpes, acho que cinco” (364).
- SOFRENTE** — Que *sofre*. V. comentário em AUMENTANTE: “O que demasia na gente é a força feia do sofrimento, própria, não é a qualidade do *sofrente*” (134).
- SOFREÚDO** — *Sofrido*. Forma analógica de *manteúdo* e *teúdo*: “Aqueles eram mais de cento e meio, *sofreúdos*, que todos curtidos no jagunçar” (162).
- SOJUGADA** — *Subjugada*, *sojigada*: “Homem nenhum podia deixar a mulher *sojugada* presa em mão de outros” (566).
- SOL-ENTRANDO** — Poente, ocidente: “famos rodeando resolutamente, dando as costas para o *sol-entrando*” (551).
- SOLOTURNO** — Forma epentética de *soturno*: “Só o mau fato de se topar com eles, dava *soloturno* sombrio” (382).
- SOL-SE-PÔR** — *Pôr de sol*: “*Sol-se-pôr*, saímos e tocamos dali” (156).
- SOLTAÇÃO** — Ato ou efeito de *soltar*: “Se lembrou de mandar começar a *soltação*” (453).

- SOLUCEAR** — *Soluzar*: “Bebeu gole de ar, e *soluceou*” (88).
- SOMBRAÇÃO** — Forma aferética de *assombração*: “Hoje ele não existe mais, virou *sombração*...” (207).
- SOMENTEMENTE** — Iteração do advérbio de modo: “Ali estava aquele magro animal, preso *somentemente* no cabresto” (469).
- SONÉQUES** — *Soneca*: “Mandeí que aquietassem, pelo que eu ia aproveitar para uma sesta de *sonéques*” (471). O acento da penúltima sílaba permanece na 3.ª ed., p. 452.
- SONHAÇÃO** — Ato ou efeito de *sonhar*: “*Sonhação* — acho que eu tinha de aprender a estar alegre e triste juntamente” (110/11).
- SONHEJAR** — Devanear, fantasiar: “Fiquei *sonhejando*: o ir do ar, meus confins” (175).
- SONHICE** — *Sonho tolo*; termo criado por processo associativo (*sonho* + *tolice*): “Tive uma *sonhice*: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris” (52).
- SONHOSO** — Que tem qualidades de *sonho*: “Veados, sim, vi muitos, tinha vez que pulavam, num *sonhoso* correndo” (376).
- SONOITE** — (Desusado). O *anoitecer*; o lusco-fusco: “Era quase *sonoite*” (80). M. C. Proença recaiu em lapso quando, levado pela riqueza sonora do vocábulo, classificou-o como “recurso sonoro, quase onomatopaico, como poderemos exemplificar com o vocábulo *sonoite*, em que nos parece encontrar a sugestão de sono e todos aqueles barulhinhos da noite no mato, daquela noite tão vivamente descrita em que a chuva, o vento, o rio acompanham a agonia de Medeiro Vaz” (ob. cit., p. 228). Para A. Campos (ob. cit., p. 11), trata-se da aglutinação de *só* + *sono* + *noite*.
- SONOME** — *Por baixo do nome*; apelido: “Um cafuz pardo, de *sonome* o Gavião-Cujo” (291).

- SONSADO — Em que há *sonsice*, sagacidade dissimulada: “João Goanhá, aquele ar *sonsado*, quase de tolo, no grosso semblante” (259).
- SONSAGATO — Aglutinação de *sonsa e gato*, criando um termo enfático que significa *esperteza e agilidade*: “Tudo tinha de valer em *sonsagato* e finice, até se carecia de respirar só por metade” (200).
- SONSAR — Agir como *sonso*: “Se via que ele pensava a curto ganho no estreito, por detrás daquele *sonsar*” (262).
- SONSEANTE — Que age como *sonso*. V. comentário em AUMENTANTE: “Ele perguntou, *sonseante*” (435).
- SONSOM — *Zonzom*; som confuso e monótono: “Agora falava devagarinho, de *sonsom*” (372).
- SOPEGA — Substantivação do verbo *sopegar*, coxear, andar tropegamente. De —: tropegamente: “Aos caminhos bar-rancosos, (o bando) de *sopega*, feito torrão de açúcar preto se derretendo, empapados” (375).
- SOPITANTE — Que *sopita*; dominante. V. comentário em AUMENTANTE: “Ele tinha feito o grande esforço todo, *sopitante*” (264).
- SOPOSO — *Ensopação*; do alemão *suppig*, termo regional de Hamburgo, segundo Meyer-Clason: “No *soposo*: de chuva-chuva” (28).
- SOPRANTE — Que *sopra*. V. comentário em AUMENTANTE: “Gostei, em cheio, de escutar isso, *soprante*” (87).
- SORROGO — Forma reforçada de *rogo*: “Uns gemidos, despantados, de *sorrogo*” (324).
- SORUMBAR — Verbalização do adjetivo *sorumbático*: “Som como os sapos *sorumbavam*” (30).
- SOSCREVER — *subscriver*: “*Soscrevo*. Mas, ele, o que carecia de querer saber, às vezes perguntava” (547).
- SOTENENTE — *Subtenente*; substituto do tenente (no texto, do chefe do grupo ou bando): “*Sotenentes* e ofi-



- ciais de seu terço" (132); "Zé Bebelo comigo, de *sotente*, através desse através" (431).
- SOTO-CHEFE — Substituto do *chefe*: "Se aproximou outro um, também, *soto-chefe*" (119).
- SOTO-COMANDO — *Comando* substituto, imediato: "Marcelino Pampa de *soto-comando*" (551).
- SOTO-LIVRE — Quase *livre*: "Olhei o ilustre do céu. Dado dava de um estar *soto-livre*, conseguido se soltar das possibilidades horrorosas" (387).
- SOTRANÇAR — *Trançar*, *entrançar*: "Estalos e estrondos estouros, *sotrançando* no chicotar das balas-balas" (579).
- SOVACAR — (Fig.). Incomodar, preocupar: "Bom, ia falando: questão, isso que me *sovaca*..." (24).
- SOVIGIA — *Vigia* de junto: "De *sovigia*, o Hermógenes não me largava" (208).
- SUASSU-APARA — Do tupi *suassu* (veado) e *apara* (torto): "Reparei no chapéu na cabeça dele, que era de couro de veado *suassu-apara*" (488).
- SUBTRATAR — Não *tratar* com o devido apreço ou valor a; desdenhar: "Compadre meu Quelemém nunca fala vazio, não *subtrata*" (24).
- SUCREPAR — Do latim *succrepare* (*suc* + *crepare*), estalar por baixo, estrondar, estrepitar (M. C. Proença, ob. cit., p. 214): "Seja sem espera, quando já estão meio no meio, aquilo *sucrepa*" (68).
- SUFRUIR — Forma aferética de *usufruir*. Segundo MD, trata-se da combinação de *sofrer* com *fruir*, para exprimir "o doce sofrimento de amor na reação de Riobaldo na presença de Diadorim: a sua sensação de ser arrasado irresistivelmente pelo que é, ao mesmo tempo, desejado e inatingível" (ob. cit., p. 60): "Fechados os olhos, *sufruí*a aquilo, com outras minhas forças" (288).
- SUFUSAR — Do latim *suffundo* — *fudi*, *fusum*, *fundere* —: espalhar por baixo da pele: "Me lembro dela (a

meninice) com agrado; mas sem saudade. Porque logo *sufusa* uma aragem dos acasos” (44).

SUGRE — Termo obscuro, com significado da loc. *de súbito*, no texto: “E a gente, nós, estouramos para o centro, o surto, *sugre*, destrambelhando na polvorada” (505).

SUIXO — Onomatopéia do ruído de água correndo: “Eu ambicionava o *suixo* manso dum córrego” (53).

SUJICE — *Sujeira*; procedimento incorreto: “Não estávamos fazendo *sujice* nenhuma” (108).

SUMETIDO — *Submetido*: “Dito disse que ali, *sumetido* diante, só estava um inimigo vencido em combates” (259/60).

SUMINISTRAR — *Subministrar*: “Uma minha-voz, vozinha forte demais, de tão fraca, *suministrou* um cochicho” (462).

SUPETO — Forma abreviada de *supetão*: “De *supeto* já eu estava remoçado” (55).

SUPETUME — Variante de *supetão*: “*Supetume!* Só bala de aço” (96).

SUPILAR — *Pilar* (moer, calcar) por baixo, às ocultas: “E ele (o Diabo) vinha para *supilar* o ázimo do espírito da gente?” (412); “Quem era que me desbraçara e me peara, *supilando* minhas forças?” (580).

SUPRACHEGAR — *Sobrechegar, sobrevir*: “Sequazes de João Goanhá *suprachegaram* também” (577).

SUPRAVIR — *Sobrevir*: “Logo se ajuizou de poder *supra- vir* chuva forte” (565).

SUPREMADA — Colocada *acima* de tudo; sublimada: “Alma tem de ser coisa interna *supremada*” (26).

SUPRO — Forma abreviada de *superior* ou *supremo*, com aproveitamento dos processos vigentes na linguagem sertaneja (M. C. Proença, ob. cit., p. 219): “Montante, o mais *supro*, mais sério — foi Medeiro Vaz” (18); “O

Reinaldo é valente como mais valente, sertanejo *supro*" (555).

SUSÃ-JUSÃ — Adjetivos derivados dos advérbios latinos *sus* (acima) e *jus* (abaixo). V. comentário em ABREVIA: "A vereda toda, *susã-jusã*" (535). No português arcaico eram usadas as formas *susão* e *jussão*, anotadas por H. Brunswick, in *Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa*, Lusitana Editora, Lisboa, 1910.

SUSCENSO — *Censo* ou rendimento superior. Termo formado por *sus* e *censo*, com o advérbio latino usado como prefixo: "A força da gente mamava era no *suscenso* da ira" (341).

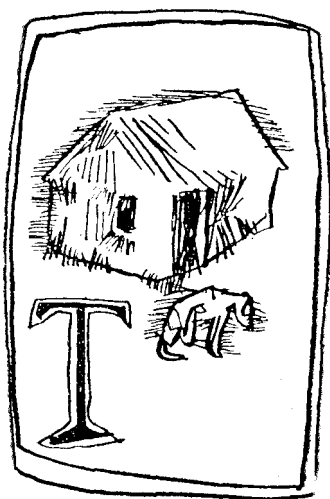
SUSPA — Provável forma reforçada da interjeição *sus* — eia!, coragem!: "Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. *Suspa!*" (158). Na novela "Dão-Lalalão" (Corpo de Baile), GR emprega *suspo* ("*Suspo*, Soropita saía ao pátio"), termo que ele explica a seu tradutor italiano (ob. cit., p. 58) como sendo "numa suspensão (de espírito) atordoado".

SUSSEGUINTE — A *seguir*; por *consequinte*: "Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; e *susseguinte* [...] eles restaram cegos" (14).

SUSSUS — Provável iteração de *sus* (eia!, coragem!), para efeito de ênfase: "Gritei de *sussus*: "— Vale seis! — e toma novel..." — nas grimpas da voz..." (541).

SUSTANTE — Que *susta*, interrompe. V. comentário em AUMENTANTE: "Precisava de um final *sustante*" (85).

SUSTIRADO — Forma enfática de *estirado*: "Eu podia dar também um pulo, enorme, *sustirado*" (539).



**TAFULHADO** — Forma aferética de *atafulhado*; muito cheio: “Os cincerros tapados, *tafulhados* com rama de algodão” (120).

**TALAIA** — Forma aferética de *atalaia*: “Dei atrás, mas so-branceei, de *talaia*” (574).

**TANTEAR** — Provável verbalização do adjetivo *tanto*, usado na oração para substituir o prosaico “tive tanta”: “*Tanteei* pena deles, grande pena” (379).

**TANTICES** — Às —: à parva, totalmente. V. comentário em ALTAS: “Assim, à parva, às *tantices*, essa mocinha Miosótis também tinha sido minha namorada” (123).

**TÃO** — Termo empregado como sinônimo de *tal* (gíria), pessoa de grande mérito em qualquer coisa: “Você forma comigo, que sou *tão* no taco” (162).

**TÃOMENTE** — Variante n. reg. de *tão-somente*: “Não digo o que digo, se o do Vupes não orço — que teve, *tãomente*” (71).

**TAPEJAR** — Guiar, conduzir. Indianismo anotado por M. C. Proença (ob. cit., p. 216), que explica: “Na Amazônia ainda é corrente a forma tupi *tapejara* (tapé — caminho + *jara* — senhor) para designar os conhecedo-

- res de caminhos, os guias; daí, Guimarães Rosa criou o verbo *tapejar* com o sentido de guiar”: “E era para ele vir, debaixo de todos os segredos, *tapejar* o bando de Joca Ramiro por bons trilhos e atalhos” (120).
- TAPERADO — Semelhante a *tapera* (bras.), habitação ou aldeia abandonada; lugar ruim e feio (A. B. Hollanda, PDB): “Na Coruja, um retiro *taperado*” (395).
- TARABUZ — Termo provavelmente derivado de *trabuzana* — tempestade, barulho. *Tarabuz* seria o adjetivo, sinônimo de tempestuoso, barulhento: “Remexeu, *tarabuz*, e tudo foi arrumando na mesa grande do quarto” (128).
- TARTAMEAR — Forma sincopada de *tartamelar*; tartamudear: “Ele não *tartameava* mais, de ciúme nem de medo” (473).
- TATAS — Às —: às cegas. V. comentário em ALTAS: “Desconforto de se esbarrar nos garranchos, às *tatas* na cegueira da noite” (146).
- TEATRAR — Agir à maneira de *teatro*; representar; fazer-se de ator: “Fumacinha é do lado — do delicado...” — o Fancho-Bode *teatrou*” (159).
- TEMPERAÇÃO — Ato ou efeito de *temperar*: “Conforme *temperação*, de que o espírito necessitava” (539).
- TEMPOSA — Relativa a *tempo*: “Dia de São José e sua enchente *temposa*” (44).
- TÊRES — Plural do verbo *ter*, substantivado, sinônimo de haveres: “Não que eu acendesse em mim ambição de *têres* e haveres” (196).
- TÊ-RETÊ-RETÉM — Onomatopéia do barulho dos disparos de uma arma de fogo: “É na boca do trabuco: é no *tê-retê-retém...*” (25).
- TESTA-CHEFE — *Chefe* da frente: “Ao que, com João Goanhá de *testa-chefe*, saímos” (237).
- TESTALTO — Aglutinação de *testa* + *alto*. Termo empregado com o sentido de *sobranceiro*, de cabeça erguida: “Diadorim, sério, *testalto*” (181).

- TILINTIM** — Que *tilinta*; *tilintante*: “As esporas *tilintim*” (120). A grafia do termo (no singular, sem concordância com o substantivo) permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 115.
- TINS** — Forma reduzida plural de *tintim*, empregado com o sentido de partículas, grãos: “Os *tins* de areia grão-ando em areal” (500).
- TINTE** — Termo extraído de *tintim*, empregado com o sentido de pormenor, minúcia, detalhe: “Mas, para que contar ao senhor, no *tinte*, o mais que se mereceu?” (55).
- TINTIPIAR** — Combinação do verbo *tintinar* (soar como campainha) com *piar*; dar pios com estridência: “E tinha o xexém, que *tintipiava* de manhã no revoredo” (29).
- TIRAÇO** — Aumentativo de *tiro*; *tirázio*: “Um *tiraço* que ribombou” (288).
- TIRACOL** — Forma apocopada de *tiracolo*: “Rede de ca-roá a *tiracol*” (59).
- TIRINTIM** — Onomatopéia do ruído da arma sendo carregada: “Achei graça no *tirintim* ligeiro, como ele recarregou a comblém” (536).
- TIRITOZINHO** — Substantivação (diminutivo) do verbo *tiritar*: “Mas o *tiritozinho* de sua voz eu guardei e recebi” (189).
- TIROTEIAMENTO** — Ato ou efeito de *tirotear*: “É hora dum bom *tiroteamento* em paz” (26).
- TIRTE-GUARTE** — Substantivação da loc. adv. *sem tir-te nem guar-te*: sem aviso prévio; sem cerimônia. *Tir* é forma apocopada do imperativo de *tirar*; *guar*, do de *guardar* (Antenor Nascentes, *Tesouro da Fraseologia Brasileira*): “Num *tirte-guar-te*: atirei, só um tiro” (546).
- TITIQUE** — Termo de natureza onomatopáica que alude ao barulho de estrelas fragmentando-se, conforme o texto: “Eu figurava que era das estrelas remexidas, *titique* delas, caindo por minhas costas” (205).

- TLIQUE** — Onomatopéia do estalo das asas do gafanhoto: “E uns gafanhotos pulam, têm um estourinho, *tlique*” (205).
- TOCAIEIRO** — De *tocaia* ou emboscada. GR emprega o termo como adjetivo; o PDB registra-o como substantivo — aquele que arma *tocaia* ou *tocaías*: “Ao que, o meu primeiro fogo *tocaieiro*” (206).
- TOCHAR** — Forma aferética de *atochar* — encher, atulhar: “E *tochando* resposta antes de pergunta, fogo feio” (226).
- TOMÉM** — *Também*; grafia da deturpação por que passa o fonema entre as classes incultas: “— *Tomém* pego licença” (269).
- TÔO** — *Tono*, *tom*: “Aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era *tôo* que nem de se responder em ladainha dos santos” (379/80); “Eu contava, prazido, o *tôo* dos cascos” (432).
- TORNOPIO** — *Rodopio*: “Nós dois, e *tornopio* do pé-de-vento” (414).
- TOSQUEJAR** — Provável forma abreviada de *toscar* — compreender, entender, ver: “Que agora, do que sei, vou *tosquejar*” (524).
- TOSSURA** — *Tosse* forte: “Entisicou, o tempo todo tosse, *tossura*, da que puxa seus peitos” (15).
- TRABUZ** — Forma apocopada de *trabuzana* (bras., Sul): barulho, desordem: “Saímos, de *trabuz*” (254).
- TRADIZER** — *Dizer* além; interpretar: “Tudo sabiam; em pouquinhass horas, tudo *tradiziam*” (392). V. IVG (ob. cit., p. 100): “Significando ‘interpretar’, esse verbo é uma deformação, por etimologia popular, de *traduzir*. Nele, entretanto, continua claro o valor do prefixo”.
- TRAGAGEM** — Ato ou efeito de *tragar*, devorar: “No mero da *tragagem* de guerra” (573).
- TRAMANDAR** — *Mandar* além: “Não prestava para *tramandar* uma ordem” (581).

- TRANSCRUZAR** — O verbo *cruzar* reforçado pelo prefixo que significa *além de; para além de*; ao revés; para trás; através: “Mas — hã! — então por riba da cara desfechamos demos urros e o rifleio, *transcruzando* nos inferiores” (97).
- TRANSDIZER** — Forma enfática de *dizer*: “Tornei a transdizer” (468).
- TRANSTER-SE** — *Conter-se*; dominar-se: “Ao que, se soufreu no bridado, *se transteve* sério, apertou os beijos” (368).
- TRANSTRAZER** — *Trazer*, conduzir de um lugar para outro: “A vida é ingrata no macio de si; mas *transtraz* a esperança” (220).
- TRANSVIÁVEL** — Que pode *transviar-se*. V. comentário em **ALUMIÁVEL**: “Em mundo *transviável* tão grande” (521).
- TRAPE** — Interjeição que designa o som produzido por pancada ou golpe. A maneira incomum com que GR usa o termo — a interjeição colocada no começo do período, sem o ponto de exclamação — torna-o meio obscuro: “*Trape* por meu cavalo — que achei — pulei em mal assento” (21). À p. 548 há o emprego da interjeição substantivada, com o sentido de “que produz som de pancada ou golpe”: “Deu trovão, com ventos *trapes*”.
- TRAPEZAR** — Provável variante de *trapejar*, estralejar: “Apareciam, os *trapezavam*, apositavam, arrebutavam com os hermógenes!” (328).
- TRASLAR** — Forma apocopada de *trasladar*: “Daí, *trasla* um duro chão rosado” (51).
- TRASLO** — *Traslado*, cópia: “Feito um *traslo* copiado de sonho” (396).
- TRASNETO** — Variante n. reg. de *trisneto*: “Ele é bisneto de Pedro Cardoso, *trasneto* de Maria da Cruz!” (256).
- TRASTANTO** — Além do *tanto*: “*Trastanto*, derrubei mais um, mais vizinho” (332).



- TRASTEJO** — Ato ou efeito de *trastejar*: “Só a continuação de airagem, *trastejo*, trançar o vazio” (397).
- TRASTEMPO** — Além ou afora do *tempo*. H. Brunswick (DALP) registra o termo como sinônimo de *prescrição*: “*Trastempo*, mais outras coisas sobrevinham” (460).
- TRASTOPAR** — Forma enfática de *topar*: “*Trastopamos* com uns campeiros e outros” (531).
- TRATANTAZ** — Muito *tratante*: “E esse Rozendo Pio era *tratantaz* e tolo” (120).
- TRELADA** — Forma aferética de *atrelada*: “Que foi febre-tifo, se diz, mas *trelada* com sezão” (588).
- TREMELUZ** — Substantivação do verbo *tremeluzir*: “Trepava de ser o mais honesto de todos, ou o mais danado, no *tremeluz*, conforme as quantas” (77). 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente do verbo *tremeluzir*, usado como substantivo. A forma verbal, pouco empregada, vemo-la em Eça de Queirós, no conto “Adão e Eva no Paraíso”: “A derradeira faúlha corre, *tremeluz*, passa”.
- TRESCORTADO** — Cortado em *três*; dividido, espedaçado: “Assim o relincho em restos, *trescortado*” (337).
- TRESDIZER** — Forma enfática de *dizer*: “*Tresdito* que é a vez de se estar contornados” (83).
- TRESFIM** — Forma enfática de *fim*: “Tem de ter suas palavras seguidas até ao *tresfim*” (223).
- TRESFURIADO** — Com muita *fúria*; furioso. Forma analógica de *tresloucado*: “Boi brabeza pode surgir do caatingal, *tresfuriado*” (46).
- TRESMATADO** — Forma enfática de *matado*, morto: “Sem prazo, se esquentou em mim o doido afã de matar aquele homem, *tresmatado*” (461).
- TRÊSMENTE** — Por *três* vezes: “A tanto, *trêsmemente*, também se respondeu desfechando” (359).
- TRESTAMPO** — Ato ou efeito de *trestampar*, dizer destemperos: “Somente que, em vez do *trestampo*, que a gente

- esperasse, e que ninguém bridava, ele Sô Calendário espiciu para cima" (272).
- TRÊS-TEMPO — *Tempo* imediato, rápido; instante: "Num *três-tempo* a cachorrinha estava pega" (467).
- TRESTRISTE — Muito *triste*: "Tão magro, *trestriste*, tão descariado, aquele menino" (390).
- TRESVOAR — *Voar* muito: "Tal, de tarde, o bento-vieira *tresvoava*" (30).
- TRIBUZAR — Fazer *tribuzana*, desordem, barulho: "Aquele pessoal *tribuzava*" (278).
- TRIPLAR — *Triplicar*; tornar *triplo*: "Esses assoviaços. *Triplavam*" (212).
- TROCHA — Substantivação do verbo *trochar* — torcer para reforçar (cano de espingarda); termo usado com o sentido de *reforço*. A. Amaral (*O Dialeto Caipira*, p. 188) registra TROCHADO: "Diz-se do cano de espingarda que é feito de uma fita de aço em espiral": "Mas era uma arma sem *trocha* e muito envelhecida" (536).
- TROSGA — Provável forma enfática de *osga* — aversão entranhada: "Logo me deu em enfaro de Zé Bebelo, em *trosgas*, a conversação" (136).
- TROTEIO — Ato ou efeito de *trotear*: "O *troteio*, a poeira da que levantavam, os cavalos que rinchavam bem" (237).
- TROUXO — Provável forma masculina de *trouxa* — pessoa sem habilidade: "Como que era urco, *trouxo* de atarracado" (19).
- TROVÃO — Ato ou efeito de *trovoar*: "Como quando trovejou: desse *trovão* de alto e rasto" (91).
- TROZANTE — Relativo a *troz-troz*: "Repegava a chuva, *trozante*" (89).
- TRUSO — Impetuoso, esbarrante: "A modo que o *truso* dum gado mal saído, que em sustos se revolta para o curral" (314). Segundo o próprio GR, em explicação a

seu tradutor italiano: “Do latim *trudo*, is, trusum, tunder; truso, as, are; empurrar com força”.

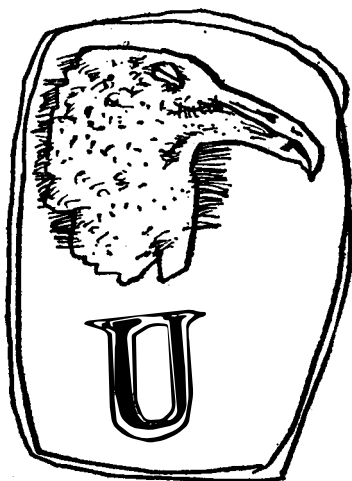
**TRUXE** — Termo sem significado, usado para efeito de aliteração e cadência rítmica do período: “Papocar, lascar, estralar e trovejar — *truxe* — cerrando fogo” (574).

**TRUZTRUZ** — Iteração da interjeição *truz*, imitativa do som de uma queda ou de uma explosão; usada como substantivo sinônimo de *pancadas*, *ruídos*: “O *truztruz*. Com pouco, nesse passo, os todos homens se apessoando” (364).

**TUJO** — Substantivo pós-verbal de *tugir*; sinônimo de *pio*: “Catrumano Teofrácio bramou — abocou a garruchona em seus peitos dele. Mas, que não deu *tujo*” (509).

**TURBULIR** — Combinação do verbo *turbar* com *bulir*. A. Campos (ob. cit., p. 11) julga tratar-se da aglutinação de *turba* + *turbilhão* + *bulindo*: “Tudo *turbulindo*” (40).

**TUTUCO** — Ato ou efeito de *tutucar*, produzir som surdo: “Não é do *tutuco* nem do zumbiz das balas” (326).



**UIM-UIM** — Onomatopéia do zunido das balas: “Ouvir o renje *uim-uim* dessas (balas), perto de nossos cabelos” (569).

**UPAR** — Segundo WMD, possível cruzamento do português *upas* com o advérbio inglês *up*, transformado no verbo *upar* = alçar-se sobre, montar: “Sobre o cavalo se houve, se upou na sela” (279).

**URCO** — Masculino n. reg. de *urca* (bras., Norte), grande; avantajado. O PDB registra *urco*: cavalo forte e corpulento; (bras., Rio Grande do Sul) grande e belo (cavalo). GR usou o termo na primeira acepção, conforme se apreende do texto: “Nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e maldade mais, do que nesse. Com que era *urco*, trouxe de atarracado” (19).

**URJO** — Substantivação do verbo *urgir*; sinônimo de aperto, aflição: “Eu ficasse preso naquele *urjo* de guerra” (370).

**URRAÇÃO** — Ato ou efeito de *urrar*: “A gente ouvia a *urração*” (571).

**URUBÜRETAMA** — Do tupi *urubu ré'tama*, região ou país dos *urubus*; pátria ou ninho dos *urubus* (Antenor Nas-

centes, DELP, II): “Para mais poente do que lá, só *urubùretamas*” (519). O acento grave da sílaba *bu* permanece na 3.ª ed., p. 499.

USARES — *Usos*, costumes: “Eu nunca tinha avistado ninguém provar jacuba assim feita. Os *usares*!” (168).

USOS-FRUTOS — *Usufrutos*: “No escasso, pensei. Nela, para ser minha mulher, aqueles *usos-frutos*” (310).



VÃ — À —: *vâmente*. V. comentário em ALTAS: “Aonde é que jagunço ia? *A vã, à vã*” (439).

VACILO — *Vacilação*; oscilação: “O *vacilo* da canoa me dava um aumentante receio” (104).

VÁ DE RETRO — Forma vernácula, com certo acento lúdico, da expressão latina *Vade retro!* — reduzida de *Vade retro, Satana!*: “Passamos, cercados guerreantes dentro da Casa dos Tucanos, pelas balas dos capangas do Hermógenes, por causa. *Vá de retro!*” (338).

VAI-VIGÁRIO — Expressão equivalente ao termo *seixo* — calote passado em meretriz — de uso corrente no Nordeste: “Que todos pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no *vai-vigário*” (513).

VAGAVAGAR — Iteração do verbo *vagar*, para efeito de ênfase: “Ou será que já estavam mas era se aplicando no *vagavagar?*” (477/8).

VAI-TE-MUNDO — Forma reforçada de *mundo*: “Gastava nele um breve tiro, bem certo, e corria, ladeira abaixo, às voltas, caçava de me sumir nesse *vai-te-mundo*” (207).

- VÁ RETRO — V. comentário em VÁ RETRO: “Este ser-tão com o Outro sendo meu sócio? *Vá retrol*!” (472).
- VARJAL — Conjunto de *varja* ou várzea: “Iam ser (os ani-mais) levados para amoitamento e pasto, entre serras, no Ribeirão Poço Triste, num *varjal*” (167).
- VARJARIA — Série de *varjas* ou várzeas; *varjal*: “*Varja-ria* descoberta, pasto de muito gado” (283).
- VARJAZ — Aumentativo n. reg. de *varja*: “Tamanduá-tão é o *varjaz*” (534).
- VASTANÇA — *Vastidão*, *vasteza*: “Por lá, adiante, na *vas-tança*, era rumo de onde ela agora morava” (507).
- VAVAR — Provável forma abreviada e verbalizada (infi-nito substantivado) de *vavavá*: “Ao *vavar*: o que era um dizer desseguido, conjunto em que mal se entendia nada” (437).
- VAVAVÁ — *Vavavu* (bras.); (fam.), barulho de vozes, al-gazarra, alvoroço (A. B. Hollanda, PDB): “Se vivia numa jóvia, medindo mãos, em *vavavá* e conversa de festa” (163).
- VELEJO — Ato ou efeito de *velejar*: “Aí constante, o *ve-lejo*, vento em pano” (302).
- VELHACAL — Aumentativo n. reg. de *velhaco*; *velhacaz*: “Seria *velhacal*? Não fio” (509).
- VELHAQUICE — *Velhacaria*, *velhacagem*: “Outras *velha-quices* choradas” (526).
- VELHOSO — Qualidade do que é *velho*: “Ele olhava tudo por um estilo *velhoso*” (446).
- VENTAINHAR — *Ventanear*, *ventilar*: “Não estava sendo azado de acender, por via do encano do ar, que *ventai-nhava*” (537).
- VENTE — Que *vê*. V. comentário em AUMENTANTE: “Zé Bebelo assim na dianteira sempre cavalhava, *vente*” (388).

- VENTEAR** — Produzir *vento* (os cavalos) pelas *ventas* ou narinas: “Os cavalos *venteando* — só se ouvia o resfol deles” (52).
- VERDOLÊNCIA** — Propriedade do que é verde: “E os olhos água-mel, com *verdolências*, que me esqueciam em Goiás...” (515).
- VEREAR** — (Fig.). Tagarelar, falar muito, bacharelar. Os dicionários registram somente no sentido de “exercer funções de *vereador*”: “Com ele, ninguém *vereava*” (45).
- VEREDAL** — Lugar onde há *veredas*: “Se estava no *veredal* das cabeceiras de um córrego” (480).
- VERSANTE** — Que *versa*. V. comentário em AUMENTANTE: “E o tudo mais *versante* aos animais” (134).
- VERSÁVEL** — Que se pode *versar*, manejar. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Tem dia e tem noite, *versáveis*, em amizade de amor” (180).
- VESPAR** — Agir à maneira da *vespa*: “Eles podiam referver em imediatidade, o banguelê, num zunir; que *vespassem*” (258).
- VESPRAR** — *Vesperar*; agir de *véspera*: “Porque ele tinha *vesprado* em reconhecer meu poder” (433).
- VEXAVEL** — Que *traz vexames* a alguém. V. comentário em ALUMIÁVEL: “Concebía por ele a *vexável* afeição” (82).
- VEZVEZ** — Forma iterativa de *vez*, empregada no texto como sinônimo de *vezo*, costumes: “Toda a jagunçada maior reinante no *vezvez* desses gerais sertões” (325).
- VICIICE** — Qualidade ou procedimento de *viciado*: “Não notei *viciice* no modo dele me falar” (158).
- VIGIAÇÃO** — Ato ou efeito de *vigiar*: “Troco de conversa de *vigiação*” (127).
- VINGA** — Ato ou efeito de *vingar*; *vingança*: “Você jurou *vinga*, você é leal” (369).
- VINGANTE** — Que *vinga* ou cresce. V. comentário em AUMENTANTE: “No estufo do calor *vingante*” (384).



- VISLER** — Radical do verbo *vislumbrar* anexado ao verbo *ler*; ler de *vislumbre*: “*Visli* a sorrateira malfícia nos jeitos deles” (437).
- VIVEZ** — *Viveza, vivacidade*: “Só um bom tocado de viola é que podia remir a *vivez* de tudo aquilo” (148).
- VONJE** — Provável variante de *vunje* (bras., Pernambuco), (pop.), muito sabido; atilado, esperto (A. B. Hollanda, PDB): “Contornava, feito gavião, *vonje*” (550).
- VORAR** — Forma aferética de *devorar* ou verbalização do adjetivo *voraz*: “Ele era a inteligência! *Vorava*. Corrido, passava de lição em lição” (129).
- VUVO** — Onomatopéia do barulho produzido pelos sussurros: “O *vuvo* de falinhas e falas, no encorpar da noite” (185).



**XADREZIM** — *Xadrezinho*: “Estava sem jaleco, só com a camisa de *xadrezim*” (211).

**XAMENXAME** — Forma reforçada de *enxame*, de base onomatopaica: “*Xamenxame* de abelhas bravas” (567).

**XAXAXO** — Onomatopéia do ruído das alpercatas: “O *xaxaxo* de alpercatas” (87).

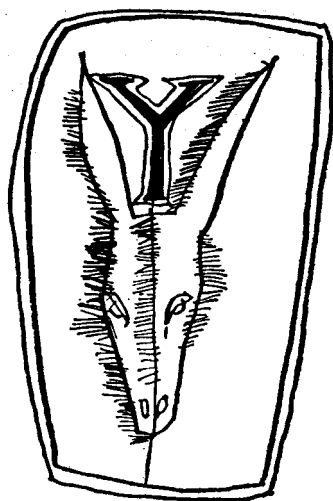
**XÍSPETO** — Provável variante de *xispeteó* (X.P.T.O.), coisa de boa qualidade: “Diadorim — com chapéu *xís-peto*, alteado” (560).

**XfU** — *Psiiu*: “Um, que estava com sua rede ali a próximo, de certo acordou com meu vozeio, e xingou *xíu*” ..... (219/20). O acento do ditongo permanece na 3.<sup>a</sup> ed., p. 210.

**XÔ** — Forma aportuguesada do inglês *show*: “A coisa que o que era *xô* e bala” (209).

**X'TOTÓ** — Onomatopéia da explosão do foguete: “Seo Ornelas externou as despedidas, com o *x'totó* de foguetes” (453).

**XUXUZEIRO** — *Chuchuzeiro* ou *chuchu* (bras.), planta da família das Cucurbitáceas: “Uma cerca miúda, com um *xuxuzeiro* dependurado com *xuxus*” (571). A grafia com *x* permanece na 3.ª ed., p. 550.



**YPSILONE** — Grafia irregular de *ípsilon*, antiga letra do alfabeto, substituída pelo *i*. No texto, o termo serve para enfatizar a comparação do homem com o animal: “O *ypsilone* dum jegue eu era — zote, do que arrenego, cabeça orelhalmente?” (559). Note-se que a configuração da letra *Y* alude às orelhas do animal.



**ZAFAMAR** — Forma aferética de *azaſamar*, atarefar: “Executou na hora da confusão da saída, no *zafamar*” (528).

**ZANGARRA** — Forma sincopada de *zanguizarra* — toque desafinado de viola: “A *zangarra* daquela viola” (175).

**ZAQUE-ZAQUE** — Onomatopéia do barulho da bala de encontro ao couro pendurado: “Na janela, ali, tinham pendurado igualmente um daqueles couros de boi: bala dava, *zaque-zaque*, empurrando o couro, daí perdia a força e baldava no chão” (326).

**ZÁS** — Interjeição usada como substantivo, sinônimo de velocidade, rapidez: “*Zás* de raio veloz como o pensamento da idéia” (306).

**ZEBEBELA** — Adjetivo derivado do personagem *Zé Bebelo*; de *Zé Bebelo*: “De repente podia cursar por ali gente *zebebele* armada” (152).

**ZEBELÂNCIA** — O bando de *Zé Bebelo*: “Se a gente topar com a *zebelância*, você entra de bico — fala que é um deles” (151).

**ZÉ-ZOMBAR** — *Zombar* tolamente ou com tolices: “Assim se *zé-zombavam*” (562).

**ZUMBIZ** — *Zumbido, zunido*: “Não é do tutuco nem do *zumbiz* das balas” (326).

**ZUNZO** — *Zunzum, zumbido*: “Sujeito finório. Aí o qual-quer *zunzo* que houvesse, ele colhia e entendia no ar” (274).

**ZUO** — *Zumbido*: “Debaixo de fatos machos e *zuo* de balas” (244).

**ZURETADO** — *Zureta; azoretado; atordoado*: “Os homens tramavam *zuretados* de fome” (55).

## BIBLIOGRAFIA

- Albergaria, Consuelo. *Bruxo da linguagem no Grande Sertão*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.
- Amaral, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- Andrade, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo, Martins, 1962.
- Bandeira, Manuel. *Poesia do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1963.
- Barbosa Lima Sobrinho. *A língua portuguesa e a universidade do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.
- Barbosa, P. & Lemos, A. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1955.
- Batista, Sílvio. *Vocabulário da carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1964.
- Bizzari, Edoardo. *J. Guimarães Rosa. Correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1972.
- Brunswick, H. *Dicionário da antiga linguagem portuguesa*. Lisboa, Lusitana Editora, 1910.
- Camões, Luís de. *Os lusíadas*. Porto, Editorial Domingos Barreira, s.d.
- Campo, Augusto de. Um lance de Dês do Grande Sertão. *Separata da Revista do Livro*, dez. 1959.
- Campos, Augusto de; Campos, Haroldo de & Pignatari, Décio. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo, Invenção, 1965.
- Campos, Haroldo de. *Metalinguagem*. Petrópolis, Vozes, 1967.
- Cândido, Antônio. *Tese e antítese*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1964.

- Cannabrava, Euryalo. *Estética da crítica*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, s.d.
- Cascudo, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962, 2 v.
- Costa, Agenor. *Dicionário de sinónimos e locuções da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. s.n.
- Daniel, Mary, L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- Domingo, Javier. João Guimarães Rosa y la alegría. *Revista do Livro*, mar. 1960.
- Eco, Umberto. *L'Oeuvre ouverte*. Trad. franc. Paris, Seuil, 1965.
- Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana. Madrid, s.d. t. 18, 2.<sup>a</sup> parte.
- Fernandes, Francisco. *Dicionário de sinónimos e antónimos*. Porto Alegre, Globo, 1951.
- Figueiredo, Cândido de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 14 ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- Figueiredo, Fidelino de. *História literária de Portugal — Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960.
- Flusser, Vilem. O iapa de Guimarães Rosa. *Estado de São Paulo*, n.º 360, São Paulo, 14 dez. 1963. Suplemento literário.
- Freixeiro, Fábio. *Da razão à emoção*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1968.
- Galery, Ivana Versiani. *Os prefixos intensivos em Grande Sertão*: Veredas. Belo Horizonte, s. ed., 1969.
- Galvão, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- Gil Vicente. *Obras*. Porto, Lello & Irmãos Editores, 1965.
- Guérios, Mansur. *Tabus lingüísticos*. Rio de Janeiro, Simões, 1965.
- Hollanda, Aurélio Buarque de. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.



- Jakobson, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris, Minuit, 1963.
- Kayser, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 3.ª ed. port. Coimbra, s. ed., 1963, 2 v.
- Lapa, Rodrigues. *Crestomatia arcaica*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.
- Larousse du XXème Siècle. Paris, Librairie Larousse, 1953. 6 v.
- Lello Universal. Porto, Lello & Irmãos Editores, s.d. 4 v.
- Lima, L. Costa. *Porque literatura*. Petrópolis, Vozes, 1966.
- Lisboa, Henriqueta. A poesia de Grande Sertão: Veredas. *Revista do Livro*, nov. 1958.
- Lisboa, Henriqueta. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. In: *Ciclo de conferências sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, s. ed., 1966.
- Machado, Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, 1956. 2 v.
- Magalhães, Manuel de Faria & Sousa Calvet de. *Dicionário trilingüe*. Lisboa, Editorial Confluência, 1966. 3 v.
- Magne, Augusto. *Dicionário etimológico da língua latina*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, v. 1 — 2, 1952/3.
- Magne, Augusto. *Dicionário da língua portuguesa especialmente dos períodos medieval e clássico*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1950. v. 1.
- Marques, Oswaldino. *A seta e o alvo*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957.
- Marques, Oswaldino. Apontamentos roseanos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1968. Suplemento literário.
- Melo, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, Agir, 1946.
- Mendonça, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Porto, 1948.

- Monteiro, Adolfo Casais. *O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- Monteiro, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.
- Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, 1949. 11 vol.
- Nascentes, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, s. ed., 1952.
- Nascentes, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
- Nascentes, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1966.
- Nunes, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. *Separata da Revista do Livro*, n.º 26, set. 1964.
- Oliveira, Franklin de. *Viola d'amore*. Rio de Janeiro, Edições do Val, 1965.
- Palhano, Herbert. *A língua popular*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.
- Peregrino Júnior. *A mata submersa e outras histórias da Amazônia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.
- Potter, Simeon. *A linguagem no mundo moderno*. Trad. port. Antonio Ramos Rosa. Lisboa, Ulisséia, 1955.
- Proença, M. Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- Proença, M. Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- Ramos, Maria Luísa. O elemento poético em Grande Sertão: Veredas. In: *Ciclo de Conferências sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, s. ed., 1966.
- Richards, I. A. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- Rónai, Paulo. A fecunda babel de Guimarães Rosa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1968. Suplemento literário.

- Rónai, Paulo. Os vastos espaços. In: *Primeiras Estórias*. ed. citada.
- Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- Rosa, João Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- Rosa, João Guimarães. *Diadorim* [Grande Sertão: Veredas]. Trad. franc. por Jean-Jacques Villard. Paris, Albin Michel, 1965.
- Rosa, João Guimarães. *Primeiras estórias*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- Rosa, João Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.
- Sá Nogueira, Rodrigo de. *Estudos sobre as onomatopéias*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1950.
- Saussure, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. 3.ª ed. Paris, 1960.
- Schwarz, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- Serraine, Florival. *Dicionário de termos populares*. Rio de Janeiro, Simões, 1959.
- Spina, Segismundo. *Apresentação da lírica trovadoresca*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956.
- Vasconcelos, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959.
- Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário*. 2.ª ed. Lisboa, 1865, 2 t.
- Wellek, René & Warren, Austin. *Teoria da literatura*. Trad. port. José Palla e Carmo. Lisboa, Publicações Europa-América, 1962.
- Xisto, Pedro. A busca da poesia. *Revista do Livro*, mar./jun. 1961.

**Universo e Vocabulário do Grande Sertão**, de Nei Leandro de Castro, em edição revisada, aponta para os leitores e estudiosos de Guimarães Rosa o melhor e mais preciso roteiro crítico de sua obra maior. Seja pela compreensão analítica do Homem e do Mundo no autor mineiro, seja pela riqueza contedutística dos verbetes catalogados no glossário, este é um livro indispensável.

Um livro indispensável por seu valor para-didático, pelas corretas interpretações do texto rosiano, pela ousadia do empreendimento de ordem literária. A rigor, um livro indispensável para professores e estudantes de letras, poetas (não teria sido Guimarães Rosa um poeta dos grandes espaços semânticos?), ficcionistas e comunicadores, entre outros, da filosofia à sociologia.

Este livro mantém-se fiel à sua forma original, de 1970 (tendo sido premiado em 1969). Sua principal modificação terá sido a eliminação dos regionalismos brasileiros, que anteriormente faziam parte de um apêndice. Temos, agora, um livro mais ágil, servindo plenamente aos interesses universitários e/ou humanistas daqueles que acreditam na utilidade do dicionário como fonte permanente de consulta. No caso, como um decisivo passo inicial para se penetrar no universo mágico deste que já foi considerado "o primeiro romance metafísico da literatura brasileira"